

**ESCOLA SUPERIOR DE
EDUCAÇÃO DE PAULA
FRASSINETTI**

**MESTRADO EM
EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR**

UM OLHAR SOBRE CRIANÇAS INSTITUCIONALIZADAS NUM JARDIM-DE-INFÂNCIA

**Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
para obtenção de grau de Mestre em Educação Pré-Escolar**

Inês Ribeiro Vasques

Orientação: Mestre Maria Ivone Couto Monforte das Neves

**Porto
2013**

RESUMO

O presente relatório foi realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, apresentando todo o percurso de desenvolvimento pessoal e profissional ao longo do ano letivo 2012/2013.

O estágio profissionalizante decorreu junto de um grupo de três anos onde foi desenvolvida uma prática pedagógica assente nos princípios da aprendizagem ativa e participativa da criança, em que esta é a construtora do seu conhecimento. Para além disto, permitiu ainda uma vivência próxima junto de duas crianças institucionalizadas. Assim, foi realizado um estudo aprofundado quanto aos comportamentos das mesmas em contexto de jardim-de-infância. Este estudo centrou-se numa análise documental, revisão da literatura, elaboração de entrevistas à equipa pedagógica e observação aprofundada das duas crianças.

Ao longo deste ano foi possível articular todos os saberes teóricos já aprendidos, desenvolvendo uma prática pedagógica reflexiva. Considerando que, um educador de infância deve intervir de forma fundamentada, tendo sempre em conta as características do grupo de forma a ir ao encontro das necessidades e interesses das crianças. Para tal, tornou-se fundamental a observação, a avaliação e a reflexão para se conseguir ajustar toda a intervenção educativa ao grupo de crianças

PALAVRAS-CHAVE: Crianças Institucionalizadas, Pedagogia Diferenciada, Acolhimento Institucional;

ABSTRACT

The presented report was brought about in the scope of the Master's Degree in Preschool Education, introducing the entire route of personal and professional development along the school year 2012/2013.

The professionalized practical training was held among a three year old group with which it was developed a pedagogical practice based on the principles of active and participative child learning, in which the child is the builder of its own knowledge. Furthermore, it allowed a close experience within two institutionalized children. Therefore, it was carried out a deep study regarding their behaviors in kindergarten context. This study was centralized on documental analysis, literature revision, interviews with the pedagogical team and depth observation of the two referred children.

During this year it was possible to combine all the theoretical knowledge previously obtained, developing a reflexive pedagogical practice. Regarding that a nursery teacher must intervene in a grounded way, having always in consideration the characteristics of the group so it can be possible to reach the children's needs and interests. For this, it became fundamental the observation, the evaluation and the reflection so that the adjustments of the educational intervention could be held towards the group of children.

Keywords: Institutionalized children, differentiate pedagogy, institutional treatment.

AGRADECIMENTOS

O grande percurso chega assim ao fim e com ele não posso deixar de agradecer a quem me acompanhou de mão dada. Foram várias as angústias, receios e medos mas com eles veio um grande crescimento até à conquista desta meta final. Assim, quero agradecer a todos aqueles que estiveram sempre presentes nesta grande caminhada.

À Orientadora Mestre Ivone Neves por todos os conhecimentos partilhados, por toda a exigência ao longo deste ano e acima de tudo, por sempre ter acreditado em mim.

À Educadora Alexandra Silva pelo que exigiu de mim e pelo que me ensinou. Acima de tudo, por nunca me ter deixado desistir. Será sempre a minha educadora, e um modelo a seguir na minha vida futura.

Aos meus meninos da sala dos 3 anos que tanto me deram este ano e me fizeram crescer. A eles devo tudo o que aprendi.

A toda a equipa pedagógica do jardim-de-infância pela disponibilidade, principalmente a nossa Chefinha por cada sorriso e cada ralhete.

Aos meus pais que sem eles nada seria possível. Todo o apoio, ajuda e paciência que tiveram comigo e todo o amor e carinho que me deram. São um exemplo a seguir e a eles devo tudo o que sou hoje.

Ao meu irmão que à 4 anos me estava a agradecer. Unidos não só pelo sangue mas também pelo amor que temos um pelo outro. “you are my star”, “Desde sempre que é assim”. O meu grande orgulho!

À minha avó e à Paula por me estarem sempre a chatear a cabeça mas também pelo carinho que me dão.

À minha bolacha que foi o meu grande pilar nesta caminhada. Apoiou-me em tudo, limpou cada lágrima, partilhou cada sorriso, abraçou-me quando mais precisava e acima de tudo, acreditou em mim e não me deixou desistir. Tornou-se essencial na minha vida!

Aos meus pais adotivos que me acolheram em casa como uma filha verdadeira. À Ritinha, minha irmã mais nova por cada favor feito, cada sorriso, cada carinho e acima de tudo, por todo o amor que me deu.

ÍNDICE

Introdução	12
1 – Enquadramento teórico	13
1.1 – Conceção sobre a educação	13
1.2 – Conceção de educador.....	14
1.3 – Papel do professor investigador	15
1.4 – Perspetivas para o futuro.....	17
1.5 – Modelos pedagógicos inspiradores da prática pedagógica desenvolvida com o grupo de crianças.....	18
1.5.1 – Modelo Reggio Emilia	18
1.5.2 – Metodologia trabalho de projeto.....	19
1.5.3 – Modelo High Scope.....	22
1.5.4 – Modelo escola moderna.....	23
1.6 – Crianças institucionalizadas	24
1.7 – Pedagogia diferenciada	26
2 – Metodologias de investigação	27
2.1 – Opções metodológicas	27
2.2 – Pertinência do tema	28
2.3 – Instrumentos	29
2.4 – Amostra	30
2.5 – Procedimentos.....	30
2.6 – Análise dados	30
3 – Contexto organizacional.....	35
3.1 – Caracterização da instituição.....	35
3.1.1 – Projeto educativo	36
3.1.2 – Regulamento interno.....	37
3.1.3 – Projeto pedagógico	37
3.1.4 – Projeto curricular do grupo.....	38
3.2 – Caracterização do meio, família e crianças	39
3.2.1 – Caracterização do meio	39

3.2.2 – Caracterização das famílias	39
3.2.3 – Caracterização das crianças	41
3.2.3.1 – Desenvolvimento cognitivo	42
3.2.3.2 – Desenvolvimento motor	43
3.2.3.3 – Desenvolvimento sócio afetivo	45
3.2.3.4 – Desenvolvimento linguístico	46
3.3 – Traçado das prioridades de intervenção conjunta ao nível da Instituição e da Comunidade	48
4 – Intervenção e exigências profissionais.....	50
4.1 – Prática pedagógica com o grupo de crianças	51
Considerações finais.....	60
Bibliografia	62

ÍNDICE ANEXOS

Anexo I - Guiões de entrevistas semiestruturadas

- 1- Entrevista Auxiliar da Limpeza
- 2- Entrevista Auxiliar de Ação Educativa
- 3- Entrevista Coordenadora Jardim-de-Infância
- 4- Entrevista Educadora Sala 4 anos
- 5- Entrevista Educadora Cooperante

Anexo II – Transcrição das entrevistas à Equipa Pedagógica

- 1- Entrevista Auxiliar da Limpeza
- 2- Entrevista Auxiliar de Ação Educativa
- 3- Entrevista Coordenadora Jardim-de-Infância
- 4- Entrevista Educadora Sala 4 anos
- 5- Entrevista Educadora Cooperante

Anexo III – Análise do conteúdo das entrevistas À Equipa Pedagógica

- 1- Entrevista Auxiliar da Limpeza
 - Quadro 1 - Contacto com Crianças Institucionalizadas
 - Quadro 2 - Especial atenção com as Crianças Institucionalizadas
 - Quadro 3 - Caracterização comportamento Crianças Institucionalizadas
- 2- Entrevista Auxiliar de Ação Educativa
 - Quadro 1 - Contacto com Crianças Institucionalizadas
 - Quadro 2 - Nível de comportamento das Crianças Institucionalizadas
 - Quadro 3 - Diferenças das Crianças Institucionalizadas perante o restante grupo
 - Quadro 4 - Caracterização comportamento Crianças Institucionalizadas
 - Quadro 5 - Com quem se verificam estas faltas de respeito
 - Quadro 6 - Especial atenção com as Crianças Institucionalizadas
 - Quadro 7 - Explicação da atenção especial que é dada as Crianças Institucionalizadas

Quadro 8 - Para as restantes crianças do grupo será saudável esta atenção especial dada às Crianças Institucionalizadas

Quadro 9 - Forma de Integração Crianças Institucionalizadas no grupo

Quadro 10 - Bem-estar das Crianças Institucionalizadas segundo Paulo Delgado

3- Entrevista Coordenadora Jardim-de-Infância

Quadro 1 - Contacto com Crianças Institucionalizadas

Quadro 2 - Diferente integração das Crianças Institucionalizadas

Quadro 3 - Coordenadora integra Crianças Institucionalizadas de forma diferente

Quadro 4 - Cuidados especiais a ter com as Crianças Institucionalizadas

Quadro 5 - Caracterização postura da equipa pedagógica em relação às Crianças Institucionalizadas

Quadro 6 - Comportamentos das Crianças Institucionalizadas que os diferenciam das restantes crianças

Quadro 7 - Origem dos problemas de comportamento

Quadro 8 - Atenção especial para com as Crianças Institucionalizadas

Quadro 9 - Trabalho cooperativo entre o jardim-de-infância e a instituição

Quadro 10 - Bem-estar das Crianças Institucionalizadas segundo Paulo Delgado

4- Entrevista Educadora Sala 4 anos

Quadro 1 - Contacto com Crianças Institucionalizadas

Quadro 2 - Diferença no comportamento das Crianças Institucionalizadas em relação as restantes do grupo

Quadro 3 - Caracterização dos problemas de comportamento

Quadro 4 - Origem dos Comportamentos das Crianças Institucionalizadas

Quadro 5 - Integração das Crianças Institucionalizadas no grupo

Quadro 6 - Especial atenção com as Crianças Institucionalizadas
Quadro 7 - Atenção especial para com as Crianças Institucionalizadas no espaço extra-sala

Quadro 9 - Bem-estar das Crianças Institucionalizadas segundo Paulo Delgado

Quadro 8 - Diferença de comportamentos das crianças institucionalizadas das restantes crianças

5- Entrevista Educadora Cooperante

Quadro 1 - Contacto com Crianças Institucionalizadas

Quadro 2 - Nível de comportamento de Crianças Institucionalizadas

Quadro 3 - Integração de Crianças Institucionalizadas no grupo

Quadro 4 - Diferença de desenvolvimento Crianças Institucionalizadas perante o restante grupo

Quadro 5 - Origem dos comportamentos Crianças Institucionalizadas

Quadro 6 - Caracterização comportamento crianças institucionalizadas

Quadro 7 - Reação adulto aos comportamentos das Crianças Institucionalizadas

Quadro 8 - Especial atenção com as Crianças Institucionalizadas

Quadro 9 - Para as restantes crianças do grupo será saudável esta atenção especial dada às Crianças Institucionalizadas

Quadro 10 - Trabalho cooperativo entre o jardim-de-infância e a instituição

Quadro 11 - Bem-estar das Crianças Institucionalizadas segundo Paulo Delgado

Anexo IV – Gráficos

Gráfico 1 – Caracterização das famílias segundo a idade da mãe

Gráfico 2 - Caracterização das famílias segundo a idade do pai

Gráfico 3 - Caracterização das famílias segundo o grau de parentesco do Encarregado de Educação

Gráfico 4 - Caracterização das famílias segundo as habilitações académicas do Encarregado de Educação

Gráfico 5 - Caracterização das famílias segundo a profissão do Encarregado de Educação

Gráfico 6 - Caracterização das famílias segundo a composição do agregado familiar

Gráfico 7 - Caracterização das famílias quanto ao número de irmãos

Anexo V – Registo Incidente critico nº 1

Anexo VI - Registo Incidente critico nº 2

Anexo VII - Registo Incidente critico nº 3

Anexo VIII – Check-List nº 1

Anexo IX - Check-List nº2

Anexo x - Check-List nº 3

Anexo XI - Registo Incidente critico nº 4

Anexo XII - Registo Incidente critico nº 5

Anexo XIII – Registo fotográfico Intervenção ao nível do Refeitório

Fotografia 1 – Manequim que representa cozinheira

Fotografia 2 – Quadro de avaliação de comportamento

Anexo XIV – Registo fotográfico Intervenção ao nível do Recreio

Fotografia 1 – Acerta no buraco

Fotografia 2 – Caixa de areia

Fotografia 3 – Balizas de Futebol

Anexo XV – Registo fotográfico Intervenção ao nível da Prática Pedagógica

Fotografia 1 – Formação conjunto de legumes

Fotografia 2 – Maracas construídas pelas crianças

Fotografia 3 – Desenhar ao som da música

Fotografia 4 – Apresentação do instrumento violino

Fotografia 5 e 6 – Registo visita “Quartel dos Bombeiros”

Fotografia 7 – Chuva de Ideias

Fotografia 8 – Base Madeira para ambulância

Fotografia 9 – Sirene ambulância

Fotografia 10 e 11 – Registo finalidade capacetes

Fotografia 12 – Dispositivo Pedagógico inicialmente

Fotografia 13 – Dispositivo Pedagógico Finalizado

Fotografia 14 – Coração Crianças Institucionalizadas

Anexo XVI – Registo atividade Sopa de nabos

Anexo XVII – Registo Projeto Lúdico “Quartel dos Bombeiros”

INTRODUÇÃO

No âmbito da Unidade Curricular Estágio, integrada no Mestrado em Educação Pré-Escolar foi proposto um estágio de intervenção em contexto de jardim-de-infância, numa sala de três anos, tendo como Supervisora a Mestre Ivone Neves. O presente relatório pretende retratar toda a experiência vivida ao longo do ano letivo 2012/2013.

Este estágio permite assim uma experiência ao nível profissional, tendo o contacto direto com a realidade de um jardim-de-infância. Para tal, é necessário perceber o funcionamento da instituição, conhecer os seus ideários e valores para que sejam sempre respeitados. Permite ainda uma aplicação dos conhecimentos adquiridos ao longo da Licenciatura e Mestrado na intervenção educativa; compreender como planificar, intervir e avaliar mas também a importância que cada um destes comporta tanto para o nosso desenvolvimento pessoal e profissional como para o desenvolvimento da criança; criar situações de envolvimento parental e intervir ao nível da comunidade.

O presente relatório encontra-se dividido em capítulos, tendo cada um deles os seus subcapítulos. O enquadramento teórico, primeiro capítulo prende-se com as perspetivas teóricas que sustentam a Educação Pré-escolar. Seguidamente, é apresentado o capítulo referente à investigação realizada em contexto de estágio, fazendo este uma abordagem às questões e objetivos do estudo elaborado, assim como a metodologia utilizada, os procedimentos para recolha de dados e ainda, a análise de dados obtidos. No terceiro capítulo encontra-se o contexto organizacional que tem por base a análise dos documentos do jardim-de-infância, bem como às características das famílias e crianças. Aqui é dado também um enfoque ao traçado de prioridades de intervenção ao nível da instituição e comunidade. No quarto capítulo, é apresentada prática pedagógica desenvolvida ao longo do ano, dando uma especial atenção às vivências das crianças institucionalizadas do grupo. Para

finalizar, é exibida ainda as considerações finais, fazendo um balanço de todo o desenvolvimento pessoal e profissional ao longo deste percurso.

1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 – Conceção sobre a educação

Quando falamos em educação são múltiplos os significados que lhe podemos atribuir, uma vez que esta é imprescindível para a vivência de um ser humano. Desta forma, o conceito de educação foi evoluindo ao longo dos tempos.

Numa primeira fase é necessário analisar a origem da palavra educação, vindo esta da palavra educar que vem de “educere” que significa extrair, trazer à luz a riqueza da pessoa, em conjugação com a palavra “educare” sendo esta digira para a alimentação para que uma pessoa possa ser...

A educação torna-se um processo de formação pessoal, uma vez que no individuo existe um desenvolvimento autónomo das suas potencialidades e tendências, que é orientado por outros indivíduos que o ajudam a descobrir e a desenvolver estas capacidades. Desta forma, estamos perante um processo tanto intra-ativo como interativo. Uma vez que o processo intra-ativo se debruça sobre o esforço que a pessoa faz para se desenvolver aos vários níveis, cognitivo, moral e comportamental tornando-se num ser autónomo e integrado na sociedade. Já o processo interativo é a orientação dada ao sujeito pelos vários agentes educativos, tais como a família, escola, amigos, entre outros para otimizar as autoaprendizagens para metas socialmente aceites. Concluindo assim, que todo o processo de educação implica sempre a comunicação e interação entre o individuo e o meio social.

Perante isto, todas as crianças devem ter direito à educação, uma vez que este é um processo de desenvolvimento aos vários níveis de um individuo. Independentemente do nível socio - económico, crenças religiosas ou até

mesmo da cultura proveniente, todos temos direito à educação sendo esta que nos prepara para a vida em sociedade.

Assim, a educação pretende que a criança apresente um papel ativo “...na sua interacção com o meio que, por seu turno, lhe deverá fornecer condições favoráveis para que se desenvolva e aprenda.”(Departamento Educação Básica, 1997:19), estimulando assim o desenvolvimento global da criança e respeitando as características individuais de cada um.

1.2 – Conceção de Educador

Quando nos referimos a um educador de infância, é necessário ter em conta a grande responsabilidade que este acarreta ao longo de todo o seu percurso profissional. Conhecer cada criança como ser único que é, adaptar-se aos diferentes grupos de crianças que lhe são entregues, responder às necessidades de cada criança, proporcionar-lhes condições para aprendizagens significativas e para que desenvolvam de forma integral, são apenas alguns aspetos fulcrais que acompanham um Educador.

Assim, o decreto-lei nº 240/2001, de 30 de Agosto dá-nos a conhecer o perfil geral de desempenho profissional desde o educador de infância até ao professor de ensino secundário.

Segundo este decreto, um educador de infância desenvolve todo o seu currículo através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo com o intuito de proporcionar às crianças aprendizagens integradas. Deste modo, no que se refere à organização do ambiente educativo, um educador deve organizar os espaços e materiais fornecendo às crianças experiências educativas integradas; disponibilizar e utilizar materiais diversificados e apelativos; organizar o tempo de forma a ser flexível e diversificado; mobilizar e gerir recursos educativos; e ainda, proporcionar condições de segurança e de bem-estar das crianças. Em relação à observação, planificação e avaliação, o educador deve observar cada criança, os pequenos e grandes grupos; planificar tendo como base os conhecimentos e competências de que as crianças já possuem de forma a abranger as várias

áreas de conteúdo; planificar a intervenção educativa de forma integrada e flexível; por fim, deve ainda avaliar as aprendizagens de cada criança e de todo o grupo, assim como a sua intervenção, o ambiente e os processos educativos aplicados. Quanto à relação e à ação educativa, o educador deve promover a autonomia da criança, proporcionando à mesma uma segurança afetiva; promover o envolvimento das crianças em atividades e projetos propostas pelas mesmas; incentivar a cooperação entre as crianças e o espírito de interajuda; envolver as famílias e a comunidade nos projetos de sala; fomentar o desenvolvimento afetivo, emocional, social, pessoal e cívico, tendo como objetivo "... a plena inserção na sociedade como um ser autónomo, livre e solidário." (Departamento Educação Básica, 1997: 21).

No que se refere à integração do currículo na educação pré-escolar, um educador tem que mobilizar o conhecimento e as competências necessárias ao desenvolvimento de um currículo integrado, tendo por base todas as áreas de conteúdo patente nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar.

Perante tudo isto, um educador deve conseguir acompanhar cada criança, integra-la e reconhece-la pelo que ela é e pela pessoa que se está a formar. Para que as crianças se desenvolvam de forma integral, na educação de infância é necessário um educador ter em conta todos os interesses e motivações das crianças, tanto individualmente como de todo o grupo, uma vez que só assim vai conseguir planificar e adaptar o currículo ao seu grupo.

Cada grupo é um grupo, cada criança é uma só tendo um educador que conseguir responder às necessidades individuais de cada um, estando aqui patente não só a pedagogia diferenciada como as relações afetivas que se estabelecem.

1.3 – Papel do Professor Investigador

O conceito de professor investigador, começou a surgir nos anos 30 como sendo "...professores como investigadores da sua acção, como inovadores, como autodirigidos, como observadores participantes." (Alarcão,

2001:15). Esta noção encontra-se na obra de John Dewey, onde os professores são considerados "...estudantes do ensino." (Alarcão, 2001:15).

No entanto, quando falamos em professor-investigador, a sua noção é associada a Stenhouse, estando a sua origem nos anos 60. Esta associação é feita pelo facto de Stenhouse ter trabalhado aprofundamento a noção de professor-investigador.

Um professor-investigador caracteriza-se pela sua preocupação, constante atualização, atitude investigativa, pela sua constante evolução pessoal e profissional assim como pela adaptação aos seus alunos. Um professor deve ser então "...um decisor, um gestor em situação real e um intérprete crítico de orientações globais." (Idem:15) não podendo ser assim, apenas um cumpridor dos currículos previamente definidos.

Stenhouse (1975) define atitude investigativa como "uma predisposição para examinar a sua própria prática de uma forma crítica e sistemática" (Ibidem:17). Apenas com esta atitude investigativa, tanto o professor como o aluno serão beneficiados, a melhoria e qualidade do ensino só assim serão reforçados, sendo esta melhoria de ensino "... um processo de desenvolvimento" (Stenhouse cit por Alarcão, 2001:17).

Posto isto, um professor investigador não se pode limitar a planear e avaliar, mas também tem que repensar a sua prática, melhora-la encontrando estratégias que se adequem ao seu grupo de alunos para que as aprendizagens se tornem signitivas.

Com esta abordagem de Stenhouse ao professor investigador, podemos afirmar que este professor é compreendido como um profissional reflexivo. "Profissional reflexivo na sua ampla dimensão educativa, política e social. Estamos perante uma perspectiva interaccionista e sócio-construtivista, de aprendizagem experiencial, de formação em situação de trabalho, de investigação-acção." (Idem: 17).

Assim, um profissional reflexivo é aquele que pensa, reflete e avalia a sua acção, propõe estratégias, apresenta soluções, investiga de modo a oferecer um ensino de melhor qualidade. "...esta melhoria não se consegue por mero desejo, mas pelo aperfeiçoamento, bem refletido..." (Ibidem: 17). Deste

modo, “a reflexão (...) baseia-se na vontade, no pensamento, em atitudes de questionamento e curiosidade, na busca da verdade e da justiça.” (Alarcão, 1996: 175). Zeichner (1993) acrescenta ainda “...que o conceito de professor como prático reflexivo reconhece a riqueza da experiência que reside na prática dos bons profissionais.” (cit por Idem:176).

Para concluir, a reflexão realizada por um educador e a constante investigação que esta implica, oferece-nos segundo Nóvoa (1993) uma melhoria da qualidade do ensino e a alteração de praticas educativas, uma vez que “... a reflexão-acção constitui uma atitude docente indispensável e subjacente às práticas educativas, capaz de provocar alterações fundamentais das metodologias e estratégias conducentes a um ensino de qualidade.” (Ibidem: 57)

1.4 – Perspetivas para o futuro

Como futuras profissionais de Educação, o nosso fundamento principal é o bem-estar da criança e que esta se desenvolva de forma equilibrada. Para tal, a educação pré-escolar tem que dar resposta às necessidades de todas as crianças e de cada uma em particular, visto que cada uma está em processo de formação da sua personalidade e conseqüentemente cada uma individualmente apresenta diferentes necessidades, interesses e motivações.

Um educador, tem que preparar as crianças para enfrentar o futuro que os espera, uma vez que estes vão ser cidadãos ativos e intervenientes na sociedade, existem deveres a cumprir e direitos a usufruir, estando aqui bastante patente o respeito pelo outro, a aceitação da diferença, o espírito entreadajuda e ainda, as regras básicas necessárias para a boa convivência em sociedade.

É importante formar as crianças para serem seres autónomos, onde o aprender com o erro, a tomada de decisões e o respeito das regras está muito patente. Fornecer-lhes um vasto leque de conhecimentos, fazê-los pensar, tirar conclusões, faz com que sejam as crianças as construtoras do seu próprio conhecimento trazendo-lhes um desenvolvimento aos mais variados domínios.

1.5 – Modelos Pedagógicos inspiradores da prática pedagógica desenvolvida com o grupo de crianças

A prática pedagógica exercida em contexto da educação pré-escolar tem por base modelos curriculares que sustentam a prática do processo ensino-aprendizagem. Para tal, cada um dos modelos existentes suportam diferentes bases teóricas que os diferenciam.

Assim, podemos enumerar três modelos curriculares que sustentaram a prática pedagógica, Reggio Emilia, MEM e High Scope e ainda uma metodologia, sendo esta a metodologia de trabalho de projeto.

Desta forma, um educador deve adotar uma postura de orientador, mediador, desafiador e desencadeador de aprendizagens, uma vez que não devemos exercer a nossa prática de forma transmissiva. Ou seja, os modelos socio-construtivista anteriormente referidos sustentam esta prática pedagógica tão fulcral para o desenvolvimento da criança. Uma vez que, o modelo construtivista, segundo Piaget, aponta para a participação ativa do sujeito sendo este o construtor do seu próprio conhecimento. (Canavarro et al, 2001: 9). Nesta mesma perspetiva encontramos Spodek e Saracho afirmando que “O construtivista vê o indivíduo criando conhecimento ao agir (ou pensar) sobre a informação obtida através da experiência.” (1998: 73)

1.5.1 – Modelo Reggio Emilia

O modelo Reggio Emilia foi construído por Loris Malaguzzi, onde a criança é vista como “ ... um aprendiz competente que possui o direito e a habilidade para construir e dirigir a sua própria aprendizagem.” (Brock, 2011:100). Esta vertente encontra-se na mesma linha de pensamento de Piaget, em que a criança é a construtora do seu próprio conhecimento, como já foi referido anteriormente. A criança é ainda, um ser competente, criativo, cheio de potencialidades capaz de, segundo Malaguzzi (1993), “construir autonomamente significados através da experiência diária da vida quotidiana.” (Lino, 1996: 99)

Este modelo defende que o desenvolvimento da criança dá-se através das “cem linguagens”, sendo por estas que as crianças “...se expressam, através de palavras, movimentos, pintura, construção e brincadeira...” (Brock, 2011:102). Com estas procura-se promover nas crianças “... as relações, interações e comunicações.” (Lino,1996: 99). Outros aspetos que sustentam este modelo, são a organização do espaço, o respeito pela criança, a preocupação que é dada às suas descobertas através das experiências realizadas, o saber ouvi-las e valoriza-las, tendo em vista o desenvolvimento e bem-estar da mesma.

Referindo-nos à questão do educador, em Reggio Emilia este deve adotar uma postura de provocação uma vez que desafiar a criança faz com que estas se entusiasmem, estimulando a curiosidade e fazendo desencadear todo o processo de investigação e construção do seu próprio conhecimento presente neste modelo.

No que se refere à família e a toda a envolvimento desta no contexto jardim-de-infância, o presente modelo pedagógico, sustenta que o educador e a família devem estabelecer um trabalho cooperativo, com vista ao desenvolvimento da criança. O interesse que a família demonstra pelos progressos do seu educando é absolutamente fulcral para a evolução da mesma, uma vez que, se os encarregados de educação adotarem uma postura de questionamento, a criança vai estabelecer diálogos que podem fornecer “...aos adultos informação sobre o seu desenvolvimento.” (Idem:103).

1.5.2- Metodologia Trabalho de Projeto

A metodologia de trabalho de projeto centra-se num processo de ensino-aprendizagem onde o interesse das crianças está na base de tudo.

“O trabalho de Projeto, (...) é um meio, um caminho, para a autonomia, para a participação.” (Gambôa, 2011: 50). Assim, a criança torna-se o sujeito ativo nas aprendizagens, uma vez que, é dele que surge o interesse, a motivação, a curiosidade e só a partir daí se enraíza toda a problemática acerca de um determinado assunto.

Uma vez que é a criança a expressar-se, levantar a questão e a partilhar os seus interesses, esta metodologia permite uma valorização de cada criança individualmente, respeitando-a como um ser único que é. Esta questão prende-se com o fundamento principal da educação pré-escolar que, segundo as OCPEPE, é "... criar condições para o sucesso da aprendizagem de todas as crianças, na medida em que promove a sua auto-estima e auto-confiança e desenvolve competências que permitem que cada criança reconheça as suas possibilidades e progressos." (Departamento de Educação Básica, 1997: 18)

Desta forma, o trabalho de projeto permite que a criança desenvolva um sentido de investigação, partilha de conhecimentos, espírito crítico, planifica as suas atividades, formula hipóteses, levanta questões e ainda, avalia o processo realizado e o resultado do mesmo, desenvolvendo assim a capacidade de resolução de problemas.

Posto tudo isto, o educador deve assumir uma postura de mediador e provocador para estimulação do grupo de crianças. Para tal, o educador tem que conseguir fornecer à criança o maior leque de aprendizagens significativas possíveis, partindo sempre do interesse e necessidade da criança. Para tal, torna-se essencial criar um contexto educativo adequado garantindo não só a iniciativa e participação das crianças, mas também a mobilização pertinente dos elementos da relação pedagógica. Desta forma, um grupo em que esteja patente o trabalho de projeto é um grupo cooperativo, uma vez que as crianças trabalham em conjuntos com o educador para juntos solucionarem toda a problemática envolvente.

A metodologia de trabalho de projeto, no seu decorrer apresenta fases que a constituem, no entanto dependendo dos autores é constituído por três ou quatro fases. Estas mesmas fases estão interligadas, uma vez que esta metodologia é de carácter flexível, onde estão implicadas mudanças e reformulações ao longo de todo este processo.

Nesta perspetiva, Teresa Vasconcelos presenteia-nos com uma divisão de quatro fases do trabalho de projeto, sendo estas a definição do problema, a planificação, a execução e para finalizar, a avaliação. Estas fases "Tratam-se

de passos lógicos, fases de um processo que deve fluir de forma flexível, criativa e funcionalmente integrada.” (Gambôa, 2011: 57)

Na fase 1, a definição do problema centra-se no levantamento de questões por parte das crianças, onde após este questionamento existe uma partilha de conhecimentos acerca do assunto que pretendem investigar. Aqui, deve ser efetuado um registo pelas crianças, com auxílio ou não do adulto acerca do que já sabem ou do que pretendem descobrir, tendo assim que existir um momento de partilha e discussão por partes das crianças quer em grande como em pequeno grupo. O educador assume nesta fase um papel fundamental como mediador do diálogo e partilha de ideias, dando voz a todas as crianças do grupo, levando-as a “...tomar consciência realista daquilo que pode fazer.” (Vasconcelos, 1998: 140).

A planificação, fase 2 do trabalho de projeto prende-se exatamente com o planear o que se vai fazer, quando e como. Esta planificação pretende que a criança organize os seus dias, ou até mesmo a semana assumindo um compromisso com o que tem para fazer, desenvolvendo assim um sentido de responsabilidade em cada criança. O adulto deve estar presente numa perspetiva de ajudar, sugerir, aconselhar e acima de tudo orientar. Esta planificação deve estar registada de forma a que seja de leitura possível para todas as crianças do grupo.

Na fase que se segue, a execução prende-se com as experiências diretas que as crianças vão tendo, com vista à resolução do problema acima mencionado. Para tal, existem vários meios a serem utilizados e materiais que podem ser essenciais para registo de todas as pesquisas e conclusões tiradas. O educador deve nesta fase fazer um ponto de situação com as crianças repensando o que já foi elaborado e o que ainda falta fazer.

Para finalizar todo este processo, temos a fase 4, a avaliação onde está implícita a divulgação do projeto realizado naquele mesmo grupo. Esta divulgação permite à criança desenvolver a capacidade de memorização fazendo uma síntese de tudo o que foi aprendido e superado ao longo das fases. Esta preparação da divulgação deve ainda com a ajuda do educador, ser adequada ao público alvo da mesma. Na avaliação, as crianças devem saber

avaliar a sua postura e desempenho ao longo do projeto bem como as dos seus colegas do grupo. Torna-se fulcral que seja dada às crianças esta possibilidade de se auto avaliarem e avaliarem os seus colegas, ganhando consciência do seu contributo para a dinamização deste projeto.

Deste modo, “a avaliação não tem aqui o cunho de fecho ou encerramento de processo, mas de síntese recapituladora. A avaliação é m procedimento, uma atitude transversal a todas as fases do projeto.” (Gambôa, 2011: 57)

1.5.3- Modelo High Scope

O Modelo High Scope surge na década de 1960 com Weikart, tendo em vista o melhoramento do desempenho intelectual das crianças em risco.

Neste modelo de ensino-aprendizagem as crianças possuem um papel ativo na construção do seu saber, sendo elas a planear o que e como pretendem realizar. Desta forma, a aprendizagem é feita pela acção, sendo esta uma vivência de “...experiências directas e imediatas...” (Hohmann e Weikart, 1997: 5) retirando delas conclusões através do processo reflexivo, dando um sentido ao mundo.

Para que estas experiências sejam significativas para a criança, é imprescindível que o adulto crie relações de proximidade, encorajamento e confiança, uma vez que a aprendizagem pela ação está dependente das interações positivas entre adulto – criança. Para tal, “...os adultos põem em prática estratégias de interação positivas – partilhando o controlo com as crianças, centrando-se nas suas riquezas e talentos, estabelecendo relações verdadeiras com elas, apoiando as suas brincadeiras...” (Idem:6)

Assim, “As crianças são encorajadas a tomar decisões autónomas, independentes baseadas nessas experiências ativas para desenvolver a confiança e reflexão na aprendizagem pessoal.” (Brock et all, 2011: 99). Nesta mesma linha de pensamento, Hohmann e Weikart (1997) afirmam que a interação com o adulto “ ... permite à criança expressar com liberdade e confiança os seus pensamentos e sentimentos, decidir acerca da direcção e

conteúdo da conversa e experimentar uma partilha verdadeira no diálogo.” (1997:7).

É ainda de realçar o papel fulcral que o adulto tem em relação ao contexto físico, tendo este que escolher materiais apropriados e dividir o espaço de forma adequada, com vista a dividir “... em áreas de interesse específicas de forma a apoiar o constante e comum interesse das crianças...” (Idem: 7).

Este modelo curricular estimula na criança um espírito de iniciativa, o desenvolvimento da expressão oral, uma vez que expressam as suas intenções e refletem sobre os resultados obtidos nas experiências.

Para concluir, High Scope permite que a criança siga os seus próprios interesses e motivações, dando-lhes uma intencionalidade e criatividade. Desta forma, “...as crianças desenvolvem iniciativa, interesse, curiosidade, desembaraço, independência e responsabilidade...” (Ibidem: 13)

1.5.4.- Movimento Escola Moderna

O modelo pedagógico, MEM, assume a criança como parte integrante do grupo onde tem que ser respeitada e valorizada pelas suas características individuais, dando-se um especial enfoque ao trabalho cooperativo entre o grupo.

No que se refere ao educador, este deve criar uma relação de proximidade com cada criança, fornecendo-lhe relações afetivas e sociais tão fulcrais para o desenvolvimento equilibrado da mesma.

Para além de tudo isto, é importante salientar a importância que este modelo dá à gestão das atividades, tempo, espaço e materiais com que as crianças lidam no seu dia-a-dia. Este modelo pedagógico, dá ainda uma especial importância aos instrumentos sociais de organização de grupo sendo estes, o quadro de presenças, calendário de aniversários e cartazes de identificação das áreas. Permitindo assim, uma boa gestão e organização do trabalho e vida do grupo, fornecendo à criança noções necessários no seu quotidiano.

Para finalizar, MEM dá ainda uma especial importância à relação entre a instituição, famílias e comunidade, sendo fulcral para as crianças na perspectiva em que o alarga as interações.

1.6 – Crianças Institucionalizadas

Nesta fase, irei fazer uma abordagem às crianças que vivem em instituições de acolhimento, uma vez que, com todas as observações, reflexões e vivências no estágio constatamos que no grupo existem dois casos muito específicos, duas crianças institucionalizadas.

Para iniciar é necessário ter em conta que cada criança está a formar a sua personalidade sendo este "...o modo único e relativamente consistente de o indivíduo sentir, reagir e de se comportar." (Papalia et al, 2001:8). Perante isto, cada uma tem que ser respeitada e tratada como o ser único que é.

Numa primeira instância é indispensável perceber que as instituições de acolhimento de crianças têm como objetivo proporcionar "...estruturas de vida tão aproximadas quanto possível às das famílias, com vista ao seu desenvolvimento físico, intelectual e moral e à sua inserção na sociedade." (Decreto lei nº 2/86 de 2 janeiro Art. 2º cit por Amado et al, 2003:29). O bem-estar das crianças e proporcionar-lhes uma boa qualidade de vida é o fundamento principal destas instituições, sendo cada criança diferente e requerendo necessidades específicas. Muito além das necessidades básicas que as crianças têm direito, como alimentação, higiene e saúde não podemos colocar de parte a estrutura emocional da criança e as necessidades aqui patentes.

Assim, é preciso ter em conta que o conceito de acolhimento institucional tem vindo a evoluir ao longo dos anos, existindo conseqüentemente uma evolução aos vários níveis neste tipo de instituições. Ao longo dos tempos, as exigências vão mudando, a mentalidade evoluindo, as necessidades vão sendo diferentes tendo que ter em conta que cada criança é uma só e nenhuma é igual à outra. O acolhimento institucional baseia-se no oferecer de "equipamento e equipa técnica apropriados para responder às

necessidades das crianças a que se destinam, promovendo o seu bem-estar, educação e desenvolvimento.” (Martins, 2004: 232)

É de extrema importância perceber que a estrutura emocional destas crianças, apresenta particularidades que as crianças com famílias tradicionais não têm, uma vez que crianças abandonadas ou retiradas aos pais já apresentam um índice de sofrimento grande na sua vida, por muito pequenas que sejam. Assim, estas crianças não têm o apoio familiar necessário e tão fulcral para o seu desenvolvimento integral, ficando a faltar os afetos, o carinho, a atenção, a educação, a envolvimento, entre outras coisas. Como nos refere Amado et al, “ toda a criança que é separada dos seus pais, por mais negligentes que estes tenham sido, sofre. Emergem sentimentos de perda, solidão e vazio. “ (2003:30).

Tanto a nível escolar como institucional torna-se essencial que os profissionais de educação e os da instituição tenham um bom suporte de informação acerca do que aquela determinada criança já vivenciou, passou, sofreu e principalmente as razões específicas que o levaram a não estar no seu meio familiar. Uma vez que a forma como se lida, fala, reage a uma determinada criança pode alterar na sua totalidade, positiva ou negativamente a reação da mesma.

Posto isto, no que se refere ao nível escolar, as crianças e jovens institucionalizadas apresentam uma maior “...desvantagem em termos de desempenho escolar, explicada pela sua origem, geralmente caracterizada pela pobreza, pelas rupturas, mudanças sucessivas de escola...” (Parker, 1988; Raymond, 1996^a, 1999^b, 1998, cit por Martins, 2004: 236), tendo os profissionais que ter esta vertente em conta.

Delgado afirma que

“Por muito que se trabalhe para se aperfeiçoar a qualidade das instituições, convém recordar que nelas nenhuma criança é inteiramente feliz, independentemente da estabilidade que lhe poderão proporcionar. Por detrás dos sorrisos, das exclamações de alegria, das actividades, guardam-se os traumas, os medos, a ferida do abandono, as saudades dos pais reais ou imaginários, o desejo de viver numa família que se perdeu ou que nunca se teve.” (2006:84).

Consideramos que esta afirmação não poderia ser mais verdadeira, tendo que ter estes aspetos em conta quando lidamos com crianças que vivem em instituições.

1.7 – Pedagogia Diferenciada

Quando nos referimos à educação de infância e a toda a prática que a constitui, surge-nos a pedagogia diferenciada tão fulcral para o desenvolvimento de cada criança individualmente. Se já para qualquer criança este parâmetro é importante, para crianças que vivem em instituições muito mais.

Numa primeira fase, é necessário perceber que a diferenciação pedagógica tem como principal objetivo “... dar respostas a todas as crianças numa perspectiva de “escola inclusiva”” (Canavarro et al, 2001: 38). Uma vez que, o profissional de educação tem sempre em vista o desenvolvimento integral de cada criança, torna-se essencial conhecer todo o seu desenvolvimento, interesses, motivações, aptidões e até mesmo particularidades específicas de cada uma, sejam estas de carácter religioso, afetivo, cognitivo e até mesmo culturais.

Para esta intervenção de carácter individual, o educador tem que inicialmente “Observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem são práticas necessárias para compreender as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades.” (Departamento Educação Básica, 1997:25). Deste modo, o educador não deve apenas limitar-se ao que visualiza no espaço-sala mas também dar especial importância a todas as informações que lhe foram fornecidas em conversas formais/informais com os encarregados de educação. Estando aqui patente a importância que é dada à relação escola-família.

Este processo de observação deve ser contínuo e registado, sendo que só assim será possível existir uma reflexão e uma introspeção pessoal por parte do educador relativamente a cada uma das crianças e a todo o grupo.

Toda esta reflexão terá por base a componente teórico-prática da educação pré-escolar, e só a partir desta é que existirá uma planificação adequada a uma dada criança, respondendo às suas necessidades e características individuais. Para esta planificação e perante toda a observação

realizada, o profissional de educação tem que definir os objetivos educativos que pretende atingir e quais as estratégias que irá utilizar para tal fim.

Esta intervenção feita com as criança prende-se ainda com o processo de avaliação, sendo que, segundo Casanova (1999) mediante as capacidades e características de cada criança é possível analisar todos os progressos e potencialidades de cada uma em particular. (Canavarro et al, 2001: 39)

Para terminar, devemos ter em conta que a educação pré-escolar "...deve dar resposta a todas e a cada uma das crianças. Nesta perspetiva de "escola inclusiva", a educação pré-escolar deverá adotar a prática de uma pedagogia diferenciada, centrada na cooperação, que inclua todas as crianças, aceite as diferenças, apoie a aprendizagem, resposta as necessidades individuais." (Departamento de Educação Básica, 1997:19). Posto isto, é notável a importância da adoção de uma pedagogia diferencia no grupo de crianças, visto ser o fundamento principal de um educador o desenvolvimento da criança aos mais variados níveis.

No que se refere especificamente a crianças que vivem em instituições, esta pedagogia tem que estar presente a cada dia. Apesar de todas as crianças apresentaram características e necessidades diferentes, estas crianças apresentam especificidades relativas aos mais variados níveis. A estabilidade emocional, as vivências passadas e até mesmo as presentes e todas as diferenças que estes sentem podem condicionar todo o processo de ensino-aprendizagem e de desenvolvimento pessoal, tendo o educador que adotar estratégias para combater todos estes aspetos.

2 – METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO

2.1 Opções Metodológicas

Ao longo do estágio profissionalizante, realizado num grupo de três anos deparamo-nos com comportamentos muito específicos de duas crianças que vivem numa instituição de acolhimento. Uma vez que foi dado um grande enfoque a estas crianças, não pelo facto só de serem institucionalizadas mas

também pelas características dos seus comportamentos, centramos a nossa atenção num estudo acerca dos mesmos.

Para tal, optamos pela realização de um estudo aprofundado, sendo este “...um estudo intensivo e detalhado de uma entidade bem definida, um caso, que é único, específico, diferente e complexo.” (Sousa e Batista, 2011: 64). Este estudo, vai assim permitir um método de análise intensivo sendo uma investigação de carácter qualitativa. Esta “...centra-se na compreensão dos problemas, analisando os comportamentos, as atitudes...” (Idem: 56).

2.2 - Pertinência do tema

O jardim-de-infância onde se realizou o estágio profissionalizante ao longo do ano letivo 2012/2013 recebe nos seus grupos de crianças de educação pré-escolar crianças que vivem em instituições de acolhimento institucional. Sendo que, na sala onde decorreu o estágio, 3 anos, conta com a presença de duas crianças que vivem nestas condições.

Numa fase inicial do estágio pensamos que estas mesmas crianças apenas precisassem de mais apoio ao nível afetivo do que as outras crianças. No entanto, no decorrer do mesmo com as observações realizadas e registo das mesmas foi possível constatar que estas crianças tinham grandes problemas a nível de comportamento tanto no contexto sala como em momentos comuns com as outras crianças, como por exemplo recreio livre, hora do almoço, hora do lanche, hora da cesta, entre outros.

Ao longo do estágio foi possível constatar que existia uma grande dificuldade por parte destas mesmas crianças na aceitação das regras, bem como na interação com as outras crianças. Assim, foi traçado como prioridade realizar um estudo aprofundado em relação a estes mesmos comportamentos.

2.3 – Instrumentos

Para a concretização deste estudo de caso, recorreremos à observação do grupo e de cada criança, elaboramos a caracterização do grupo tendo sido necessária também uma análise documental para adequado desenvolvimento da prática pedagógica.

Um aspeto fulcral e imprescindível na investigação é a elaboração da pergunta de partida. Esta é um objeto fundamental visto ser o fio condutor de todo o estudo a ser realizado, uma vez que deve “expressar o mais exatamente possível o que procura saber, elucidar, compreender melhor” (Quivy & Campenhoudt, 1998: 32). Perante isto, neste estudo aprofundado a questão de partida é “Que comportamentos ao nível das interações criança-criança e criança-adulto manifestam as crianças institucionalizadas num contexto jardim-de-infância?”.

Com vista a dar resposta à mesma, foram utilizados diferentes instrumentos tais como, entrevistas, reflexões e registos de observação.

A entrevista, instrumento que melhor se adequa às características deste estudo, “...é um método de recolha de informação que consiste em conversas orais, individuais ou de grupo...” (Ketele & Roegiers, 1999: 18) que tem como objetivo a recolha de uma determinada informação. Através desta, o entrevistado pode falar acerca “...dos seus actos, as suas ideias ou os seus projectos.” (Sousa e Batista, 2011: 79). Esta é do tipo semi-estruturada, uma vez que possui um guião, dando “...liberdade ao entrevistado, embora não o deixe fugir muito do tema.” (Idem: 80). Possui assim a vantagem de o entrevistado falar sobre o assunto pretendido de forma liberal mas rígida.

No que diz respeito aos registos de observação, para este estudo em específico os realizados em maior número foram os de incidente crítico. Desta forma, este género de registo caracterizam-se por

“...breves relatos narrativos que descrevem um incidente ou comportamento considerado importante para ser observado e registado. [...] Estes registos permitem ao observador captar e preservar alguma essência do que está a acontecer; o observador olha para aspectos específicos do comportamento da criança..” (Parente, 2002: 181)

2.4- Amostra

Para realização do estudo de caso referente ao comportamento das crianças institucionalizadas as entrevistas centraram-se na equipa pedagógica da instituição onde foi realizado o estágio. Contamos com a colaboração de duas Educadoras, onde uma delas é a Educadora Cooperante, a Coordenadora do jardim-de-infância e ainda, a auxiliar de ação educativa da sala onde estas crianças estão inseridas e a auxiliar da limpeza que tem mais contacto com as crianças em momentos exteriores à sala. Realizando assim, no total seis entrevistas.

2.5- Procedimentos

Numa primeira fase deste estudo aprofundado, foi necessário realizar uma revisão da literatura que ajudou na sustentação e fundamentação deste estudo. Após isto, iniciou-se a construção da pergunta de partida bem como o guião das entrevistas (Anexo I – Guiões Entrevistas Semiestruturadas) para realizar à equipa pedagógica do jardim-de-infância.

Com a elaboração das entrevistas, tendo estas o objetivo de perceber os comportamentos das crianças institucionalizadas num jardim-de-infância foi dada voz a diferentes elementos da equipa pedagógica para perceber a opinião destes diferentes elementos que a constituem, para tal foram colocadas questões abertas aos entrevistados. É ainda importante referir que nas entrevistas realizadas foi sempre mantido o anonimato da pessoa a ser entrevistada.

Neste momento, muito além da análise dos dados obtidos, foi tido em conta todo o enquadramento teórico já realizado.

2.6 – Análise dados

O estudo aprofundado realizado no âmbito do estágio profissionalizante, aconteceu numa sala de três anos, onde se encontravam duas crianças institucionalizadas. Tendo como objetivo de estudo uma abordagem aos comportamentos ao nível das interações criança-criança e criança-adulto destas crianças institucionalizadas, recorreremos à elaboração de seis entrevistas a diferentes elementos da equipa pedagógica, como já referido anteriormente. Para tal efeito, elaboramos uma análise qualitativa das entrevistas.

Nesta análise qualitativa “... o investigador desenvolve conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados...” (Sousa e Baptista, 2011:56), sendo necessário organizar a análise destas entrevistas por categorias, retirando daí conclusões mais pormenorizadas e objetivas (Anexo III – Análise de conteúdo das entrevistas à Equipa Pedagógica).

Inicialmente foi necessário ter em conta que o jardim-de-infância onde o estágio decorreu recebe crianças que vivem em instituições de acolhimento, já sendo frequente o contacto dos elementos da equipa pedagógica com estas crianças. Apenas uma entrevistada, auxiliar da limpeza afirmou ser o primeiro contacto com crianças institucionalizadas (Anexo III – Análise conteúdo entrevista auxiliar limpeza – quadro 1). No entanto, apesar desta prática recorrente, os elementos da equipa pedagógica reconhecem que “...claramente todas têm comportamentos diferentes.” (Anexo II – Transcrição Entrevista – 2 Auxiliar Ação Educativa), sendo “normalmente [...] crianças com problemas no comportamento.” (Anexo II - Transcrição entrevista 4 Educadora sala 4 anos).

Não se torna possível realizar um estudo a acerca de comportamentos de crianças, onde não seja refletida a integração que a criança tem no grupo e no jardim-de-infância. Deste modo, com as entrevistas realizadas denotou-se uma conformidade de opiniões no que diz respeito à integração destas mesmas crianças, sendo que a equipa pedagógica defende que “estas crianças são integradas e tratadas de igual forma às outras crianças.” (Anexo II –

Transcrição 3 Entrevista Coordenadora do Jardim-de-infância) uma vez que, “... é muito importante que eles se sintam parte do grupo e que se envolvam da mesma forma ...” (Anexo II – Transcrição Entrevista- 5 Educadora Cooperante). No entanto, se estas crianças nos presenteiam com comportamentos diferentes e vivências passadas em contextos problemáticos até que ponto estas crianças não necessitam de uma integração diferente? Claramente tem que ser dada uma atenção individualizada a cada criança, mas estas duas não necessitarão de um trabalho mais específico? Não se trata de rotular as crianças institucionalizadas, mas sim, perante toda a observação e vivências ocorridas durante o ano, questionamos se não foi feita realmente uma integração diferente. As comemorações do dia do pai e mãe, os acolhimentos em que a pedagogia diferenciada estava patente pelo facto de os termos que manter ocupados, entre outras são formas de integração destas duas crianças, tendo incondicionalmente que ser diferente das restantes crianças do grupo. Desta forma, estamos perante o conceito de escola inclusiva em que tem que ser dada uma atenção individual com vista ao desenvolvimento e bem-estar da criança.

Referindo-nos à experiência vivida ao longo deste ano, com estas duas crianças, mais uma vez existe uma unanimidade nas respostas obtidas quando é levantada a questão dos comportamentos característicos destas duas crianças. Sendo que o mais enunciado foi o desrespeito pelas regras, não só dentro da sala mas também em contexto exterior e, as faltas de respeito para com adultos e crianças.

Muito além de caracterizar os comportamentos destas crianças, é essencial perceber o que está por detrás dos mesmos, uma vez que os comportamentos que estas apresentam se fazem prevalecer. Após a realização de todas as entrevistas onde a questão da origem dos comportamentos foi colocada, os entrevistados são da opinião “... as reações negativas que estas crianças têm podem ter origem nestas vivências passadas.” (Anexo II - Transcrição Entrevista – 5. Educadora Cooperante) uma vez que as duas crianças a quem nos referimos têm uma instabilidade emocional que as restante crianças não têm. Assim, “As inaptações, as ausências, os

maltratos [...] atitudes do adulto faz com que as crianças se manifestem desta forma.” (Anexo II – Transcrição da entrevista – 4. Educadora sala 4 anos).

Perante todas estas opiniões, uma vez que as entrevistas se incidiram sobre o olhar de cinco elementos da equipa pedagógica, em que apenas dois têm o contacto dentro da sala com estas crianças, foram questionados acerca da atenção que dão a estas, sendo que todos os elementos afirmam ter “... uma atenção diferente...” (Anexo II – Transcrição da entrevista - 1 Auxiliar da Limpeza), onde justificam a “atenção diferente com estas crianças pelo comportamento delas.” (Anexo II – Transcrição Entrevista – 5 Educadora Cooperante). Aqui é ainda enunciado um comportamento por vários elementos da equipa pedagógica de uma das crianças institucionalizadas, a “...tentativa de fuga do jardim-de-infância [...] leva a que tenhamos que ter uma atenção especial.”. Perante todos os comportamentos destas duas crianças, todas as reações torna-se essencial esta atenção especial e individualizada, tanto em contexto de sala como no exterior. Apesar desta atenção por parte de todos os elementos da equipa pedagógica, é sempre tido em conta o bem-estar da criança, onde esta não se pode sentir diferente das restantes, levando os elementos adultos do jardim-de-infância a ter um cuidado especial.

Em jeito de conclusão, e respondendo à pergunta de partida deste estudo aprofundado “Que comportamentos ao nível das interações criança-criança e criança-adulto manifestam as crianças institucionalizadas num contexto jardim-de-infância?” é possível afirmar que estes se fazem notar por serem visivelmente diferentes dos das restantes crianças do jardim-de-infância. Estes comportamentos prendem-se com o desrespeito para com os adultos e crianças, os palavrões enunciados, as reações agressivas para com as outras crianças, estando perante comportamentos desadequados e desajustados ao nível das interações, apresentando assim indisciplina.

Embora que, todos os elementos entrevistados afirmem que estas crianças se fazem notar pelo seu comportamento diferente, ao caracterizá-lo confrontámo-nos com características subjacentes a crianças de 3 anos, sendo neste caso o egocentrismo. Desta forma, podemos questionar se estes comportamentos serão realmente desajustados para crianças de 3 anos, onde

o mundo está centrado nelas próprias e onde só a sua opinião é válida, não respeitando a dos outros

Estes comportamentos, reações e indisciplina poderá ir de encontro à afirmação também comentada por os entrevistados de Paulo Delgado,

“Por muito que se trabalhe para se aperfeiçoar a qualidade das instituições, convém recordar que nelas nenhuma criança é inteiramente feliz, independentemente da estabilidade que lhe poderão proporcionar. Por detrás dos sorrisos, das exclamações de alegria, das actividades, guardam-se os traumas, os medos, a ferido do abandono, as saudades dos pais reais ou imaginários, o desejo de viver numa família que se perdeu ou que nunca se teve.” (2006:84).

Logo, tudo o que é observado e considerado diferente nestas crianças pode ter uma ligação direta com todas as vivências do passado, bem como tudo o que vivem no presente, uma vez que apesar de as instituições tentarem proporcionar uma vida tão próxima quanto a de uma família, fica sempre a faltar as figuras parentais, os modelos de referência, o carinho, a atenção, o apoio individualizado que só uma família consegue proporcionar.

Perante tal situação, questionamos se estas crianças, com estes comportamentos diferentes, com estas vivências não deveriam ser avaliados numa perspetiva de terem uma ajuda mais específica e individualizada. Ou seja, serem acompanhados por um profissional especializado que os ajude a ultrapassar, contornar e solucionar estes comportamentos, tentando perceber toda a sua origem e a partir daí ajuda-los a estar bem com eles próprios e na relação com os outros. Podemos então questionar até que ponto estas crianças não deveriam ser sinalizadas como crianças com necessidades educativas especiais para conseguirem este apoio individualizado e acima de tudo, conseguirem num futuro próximo estar bem consigo mesmas e com os outros e conseguir atingir a estabilidade que é tão fulcral para viverem felizes.

3 – CONTEXTO ORGANIZACIONAL

3.1 – Caracterização da instituição

O estágio profissionalizante decorreu numa instituição de carácter Particular de Solidariedade Social (IPSS), situando-se no concelho de Santo Tirso, distrito do Porto. Esta disponibiliza as valências de creche e jardim-de-infância, acolhendo atualmente cerca de 107 crianças, das quais 42 se encontram na creche (dos quatro meses aos dois anos), e 65 no jardim-de-infância (dos três aos cinco anos). O jardim-de-infância encontra-se aberto de segunda a sexta-feira, das 7h30 às 19h, decorrendo as atividades com a educadora responsável pela sala das 9h às 17h.

O presente estabelecimento localiza-se numa zona habitacional apresentando uma boa rede de transportes públicos, tendo assim uma boa acessibilidade.

A nível das infraestruturas no que se refere ao pré-escolar, a instituição dispõe de “...espaços diversificados, à disposição das crianças consoante as respectivas idades, partilhando-os com outra rede social (pré-escolar).” (Regulamento Interno), os quais são: uma receção, uma sala polivalente onde crianças são recebidas permanecendo neste local até as 9h e, mais tarde são colocadas as camas para as crianças de 2,3, e 4 anos dormirem até as 15h; dois gabinetes técnicos, uma sala de reuniões, um refeitório, quatro salas, uma sala de ateliers pedagógicos, instalações sanitárias para crianças e para adultos, e por fim, um parque exterior que se encontra dividido para as crianças que frequentam a creche e o jardim-de-infância.

No que diz respeito aos recursos humanos da instituição, é constituída por ajudantes de ação educativa, trabalhadores de serviços gerais, voluntárias e 6 educadoras de infância, sendo uma delas a coordenadora pedagógica.

O presente estabelecimento de ensino apresenta parcerias com diferentes organismos, sendo que estas “...podem contribuir para melhor a resposta educativa proporcionada às crianças.” (OCEPE, 1997:44), como é

possível verificar no cronograma de atividades as diferentes experiências fornecidas a ambas as valências. Estas parcerias abrangem a Cruz Vermelha Portuguesa, a Câmara Municipal de Santo Tirso, o Ginásio Club de Santo Tirso, a Proteção Civil e o Centro de Saúde, mais especificamente o departamento de dentária. Para além destas parcerias, a instituição apresenta ainda um acordo de cooperação com a segurança social.

Segundo o Compromisso da instituição, esta "...é uma associação de fiéis com personalidade jurídica, canónica e civil..." (Capítulo I, Secção I, Artigo 1º) que se rege por valores religiosos "... sob a invocação de Nossa Senhora da Assunção..." (Capítulo I, Secção I, Artigo 1º, 1º) mantendo "...o culto divino nas suas igrejas;" (Capítulo I, Secção I, Artigo 1º, 1º).

Este estabelecimento de ensino favorece de um certificado de qualidade implementado no ano de 2010, regendo-se pro um compromisso, valores e missão.

3.1.1 – Projeto Educativo

Segundo Jorge Adelino da Costa, o Projeto Educativo é um

"Documento de carácter pedagógico que elaborado com a participação da comunidade educativa, estabelece a identidade própria de cada escola através da adequação do quadro legal em vigor à sua situação concreta, apresenta o modelo geral de organização e os objetivos pretendidos pela instituição e, enquanto instrumento de gestão, é ponto de referência orientador na coerência e unidade da acção educativa." (1992:23,24).

Porém, a instituição onde o estágio profissionalizante está a decorrer não apresenta este documento atualizado, devido à implementação do Certificado de Qualidade em 2010. Deste modo, foi possível encontrar as informações que deveriam pertencer a este documento, noutros documentos existentes, sendo estes o Regulamento Interno, Projeto Pedagógico e ainda o Compromisso da instituição.

3.1.2 – Regulamento Interno

No que se refere ao regulamento interno de uma escola, como o próprio nome indica, é um documento que nos informa acerca da regulação do funcionamento de uma instituição.

Assim, segundo Rodríguez, classificamos o regulamento interno como: “Documento jurídico-administrativo-laboral, elaborado pela comunidade, que com carácter estável e normativo contém as regras ou preceitos referentes à estrutura orgânica, pedagógica, administrativa e económica, que regulam a organização interna do centro.” (Cit. por Costa, 1992:31).

Fazendo uma análise ao regulamento interno relativo à educação pré-escolar da presente instituição, é possível constatar que se encontra dividido em seis capítulos, os quais se subdividem em artigos. Deste modo, este documento apresenta-nos todas as regras de funcionamento da instituição, as instalações pormenorizadamente, os direitos e deveres das partes envolvidas, as participações financeiras, as condições de admissão e critérios de seleção, a preocupação com o desenvolvimento e integração de cada criança, bem como a prestação de cuidados que estas necessitem.

Perante isto, é de ressaltar que o conteúdo do presente documento vai ao encontro do que Rodríguez defende.

Em suma, o regulamento interno de uma instituição é de extrema importância, visto que “A escola é uma instituição cuja complexidade organizacional (...) exige, para o seu correto funcionamento, a existência de um regulamento que defina, de forma clara, as regras de comportamento, os vários direitos e deveres de todos os intervenientes no processo educativo.” (Idem:31).

3.1.3. Projeto Pedagógico

A instituição no presente ano letivo, 2012/2013, expõe no seu respetivo projeto pedagógico o tema geral a ser trabalhado com todas as crianças de ambas as valências, sendo a “Educação para uma alimentação saudável!”.

Este tem como principal objetivo “sensibilizar os utentes e respetivos cuidadores para a importância de uma alimentação saudável.” (Projeto Pedagógico), estando aqui já pressuposta a envolvimento do meio familiar na vida escolar dos seus educandos.

Como tal, está inserido aqui o cronograma de atividades, mais reconhecido como Plano Anual de Atividades, que visa calendarizar os diferentes momentos a serem vivenciados ao longo de todo o ano letivo, demarcando as datas mais relevantes e festivas a nível mundial. Desta forma, Costa refere que o plano anual da escola é um “Instrumento de planificação das actividades escolares para o período de um ano lectivo consistindo, basicamente, na decisão sobre os objectivos a alcançar e na previsão e organização das estratégias, meios e recursos para os implementar.” (1992:27)

Porém, este cronograma limita-se a apresentar o mês e dia a ser comemorado, não especificando o que irá ser realizado em cada um destes dias, os objetivos pretendidos com os mesmos e as estratégias de organização, estando nesse lugar as planificações mensais, realizadas no início de cada mês entre as educadoras cooperantes da instituição.

Neste mesmo cronograma, é possível encontrar variadas comemorações, tais como: dia mundial da alimentação (16 de outubro), dia das bruxas (31 de outubro), festa de natal (21 de dezembro), dia do pai (19 de março), visita do coelhinho da pascoa (28 de março), entre outras.

3.1.4 – Projeto Curricular do grupo

O presente documento, Projeto Curricular do grupo, realizado pela Educadora Cooperante de cada sala prende-se com as atividades a serem realizadas com o grupo ao longo do ano em relação a cada área de conteúdo em específico. Estas mesmas atividades contêm a explicação das mesmas, as estratégias a serem utilizadas e as intenções pedagógicas. Para além disto, neste documento contém uma breve caracterização do respetivo grupo e especificidades da organização da sala, tais como os recursos humanos e materiais.

Estas atividades pré-definidas são tidas em conta ao longo do ano adaptando-as aos interesses e necessidades do grupo.

3.2 – Caracterização do meio, famílias e crianças

3.2.1 – Caracterização do meio

É necessário ter a percepção que “...não é só a família, (...) também o meio social em que a criança vive influencia a sua educação” (Departamento Educação Básica, 1997:23). Nunca se deve colocar de parte o meio em que a criança se encontra inserida no seu dia-a-dia, pois é preciso “...ter em conta a(s) culturas de que as crianças são oriundas, para que a educação pré-escolar se possa tornar mediadora entre as culturas ...” (Idem:22). As crianças vão ser o reflexo deste contexto, tendo uma Educadora que estar a par deste parâmetro significativo e não apenas realizar a caracterização de cada criança pelo que é suscetível na frequência e convivência no jardim-de-infância.

A instituição situa-se no concelho de Santo Tirso numa zona maioritariamente residencial, tendo assim uma boa acessibilidade e uma vasta rede de transportes públicos. A cidade é portadora de cerca de 71 mil habitantes

Com a visualização e análise das fichas de inscrição das crianças, foi possível constatar que, na maioria dos casos, estas crianças vivem perto da instituição, ou seja, perto do centro da cidade e ainda, nas zonas vizinhas à cidade.

3.2.2 – Caracterização das famílias

Numa perspetiva de conhecer o meio familiar em que cada criança se encontra inserida, procedemos ao levantamento de informações que consideramos pertinentes para uma caracterização socio-familiar do grupo em questão.

Considero que a elaboração de uma análise a estes dados são de extrema importância, uma vez que tudo se reflete no comportamento, desenvolvimento de cada criança e a sua relação com os outros.

Estas informações foram retiradas das fichas individuais que são preenchidas pelas famílias quando procedem à candidatura da criança para a entrada no jardim-de-infância.

Após a elaboração desta análise foi possível verificar que a idade mais frequente nas mães é os trinta e três anos e os quarente, obtendo cada um deles 15% da percentagem total. Enquanto que na idade dos pais, 15% representa trinta e cinco anos. (Anexo IV, gráfico nº 1 e 2) É necessário ter em conta que 20% não apresentou este dado no que se refere ao sexo masculino, no entanto, em relação às mães apenas 10% não apresentam a referência à sua idade. No entanto, estes 10% refletem as crianças que estão a viver numa instituição de acolhimento, não sendo possível obter este género de dados.

No que se refere às habilitações académicas e à profissão, para uma informação fidedigna só me vou referir aos encarregados de educação, visto que algumas crianças já frequentam a instituição desde a creche e estas informações podem não se encontrar atualizadas. Uma vez que, o plano de desenvolvimento individual efetuado na instituição no início de cada ano letivo (PDI – parte 1) só comporta os dados do encarregado de educação. Assim, é possível constatar que na sua maioria, quem ocupa este cargo é a mãe, obtendo 85% da percentagem total, enquanto que 10% são os representantes da instituição onde as crianças sem família se encontram a viver, e para finalizar, apenas uma criança tem o pai como encarregado de educação. (Anexo IV, gráfico nº 3).

Assim, quanto às habilitações académicas dos encarregados de educação as percentagens estão muito próximas, sendo que 30% dos pais completaram o ensino secundário e outros 30% têm o grau correspondente à licenciatura. É importante referir que 20% dos encarregados de educação não apresentam este dado, o que se torna um número bastante significativo. (Anexo IV, gráfico nº 4)

No que se refere às profissões, como é possível constatar no gráfico nº5 (Anexo IV) estas apresentam uma variedade imensa, tendo apenas duas que se repetem, as quais são professora e desempregada. Perante todos estes dados apresentados é possível constatar que estas crianças provém de um nível socioeconómico médio.

Relativamente à composição do agregado familiar, um número significativo de famílias, 45%, é composto por 3 elementos, sendo todos eles os dois pais e o filho, concluindo assim, que na maioria, neste grupo predominam os filhos únicos. (Anexo IV gráfico nº 6 e nº 7) Deste modo, é necessário ter em conta que estas crianças podem ainda não possuir totalmente as regras de convivência social, uma vez que quando se trata de crianças com irmãos é denotar um sentido de partilha e de convivência muito mais elaborado do que quando se trata de filhos únicos.

3.2.3 – Caracterização das crianças

O grupo onde o estágio profissionalizante foi realizado, era composto por vinte crianças, sendo que treze são do sexo feminino e sete do sexo masculino. Neste grupo não contei com a presença de nenhum caso de crianças com necessidades educativas especiais, no entanto é importante salientar que, as duas crianças institucionalizadas, já referidas anteriormente, necessitavam de uma atenção especial devido às características dos seus comportamentos.

Este grupo apresenta uma heterogeneidade quanto à idade, sendo que existiam crianças com dois e três anos, devendo as de dois estar na valência de creche, porém esta sala (dois anos) encontra-se com o número total de vagas preenchido.

Assim como na diferença de idades existente, dois e três anos, todas as crianças são diferentes, demonstrando conseqüentemente um nível de desenvolvimento e competências igualmente distintas. Deste modo, cada criança está a formar a sua personalidade sendo este "...o modo único e relativamente consistente de o indivíduo sentir, reagir e de se comportar."

(Papalia et al, 2001:8). Perante isto, cada criança tem que ser respeitada e tratada como o ser único que é.

Na sua maioria, o grupo apresentava-se unido demonstrando um grande gosto e uma extrema necessidade em “brincar nas áreas”, estando subentendido o aprender – brincando. Os adultos têm que se conseguir adaptar a esta realidade e responder a estes interesses e motivações. Para além de o grupo ser unido, existem duas crianças que se destacam pela sua cumplicidade e até mesmo dependência um do outro, sendo estas as crianças institucionalizadas. (Anexo V - Registo incidente critico nº 1)

3.2.3.1 – Desenvolvimento cognitivo

Segundo Piaget, no que se refere ao desenvolvimento cognitivo, o grupo de 3 anos encontra-se no estágio pré-operatório. Este estágio está associado à função simbólica, à compreensão das identidades, à compreensão da causa e efeito, à capacidade para classificar e à compreensão do número. Assim, as crianças “...devem aprender pela manipulação física dos materiais e integrar estas experiências àquelas da vida real.” (Spodek e Saracho, 1994: 79). O educador tem um papel fulcral uma vez que, deve fornecer à criança o maior leque de materiais para exploração e manipulação.

Neste grupo de crianças de três anos, era notável a grande representação simbólica principalmente no que diz respeito à área da casinha, onde era realizado o jogo faz-de-conta através das festas de anos, a mudança da fralda, a execução dos almoços e jantares, o vestir-se para ir às festas (Anexo VI – Registo incidente critico nº 2); e ainda, esta representação simbólica era notável num dos projetos lúdicos vividos na sala “quartel dos bombeiros”, onde apagam fogos, socorriam as pessoas, entre outros. Na área da biblioteca e ainda no jogo do faz-de-conta, as crianças pegam nos livros e começam a contar as histórias que já conhecem através das imagens, assumindo assim o papel do “contador de histórias”, sendo neste caso tanto a Educadora, como a Estagiária ou ainda a auxiliar de ação educativa. As crianças do grupo utilizam ainda símbolos para associarem acontecimentos,

representações, pessoas e momentos (Anexo VII – Registo incidente critico nº 3)

Neste estágio é ainda importante referir que existem limitações, as quais são "...centração, irreversibilidade, foco nos estados, raciocínio transdutivo e egocentrismo." (Papalia et al, 2001:314). Assim, é de salientar que as crianças não têm a capacidade de realizar o processo de descentração, o que leva, em muitos casos à discórdia dos elementos do grupo, não tendo a capacidade de compreender o ponto de vista dos colegas e as diferentes opiniões. Desta forma, passa pela função do adulto estimular a criança para que estes desentendimentos surjam cada vez menos e exista a aceitação e respeito dos outros pontos de vista. Tendo sido este aspeto trabalhado no dia-a-dia com todas as crianças do grupo.

Uma das limitações referidas anteriormente e que está tão patente do jardim-de-infância é o egocentrismo, onde, segundo Piaget "... as crianças estão tão centradas no seu próprio ponto de vista, que não conseguem considerar o ponto de vista dos outros." (Idem:316). sendo que nos três anos de idade, Piaget defende que "... elas ainda pensam que o universo está centrado nelas próprias." (Ibidem:316).. Portanto, o egocentrismo assume, um papel de forma de expressão da criança, apelando à atenção do adulto. No presente grupo de crianças, esta questão era perceptível, tendo a criança uma grande dificuldade de aceitar a opinião do outro, uma vez eu só a ideia dele está correta.

Deste modo, podemos constatar que o desenvolvimento cognitivo, segundo Seifert & Hoffung (1991) "... influencia o pensamento, os sentimentos e o comportamento das crianças." (Spodek e Saracho, 1994: 79)

3.2.3.2 – Desenvolvimento motor

No que se refere ao desenvolvimento motor das crianças nas idades compreendidas entre os três e os seis anos, é possível observar grandes progressos no acompanhamento diário das crianças. Este desenvolvimento

motor não se refere apenas às competências motoras grossas (correr, saltar) mas também às competências motoras finas (desenhar, recortar, abotoar).

Referindo-nos ao grupo de crianças em questão, quanto às competências motoras grossas, sendo elas “Competências físicas que envolvem os músculos maiores.” (Papalia et alls, 2001:287), a maioria das crianças conseguia saltar de pés juntos (Anexo VIII, Check-List nº 1). Enquanto que o saltar só com um pé, no início do ano letivo grande parte do grupo apresentava uma enorme dificuldade nesta execução (Anexo VIII, Check-List nº 1), por conseguinte, no final do ano letivo, apenas uma das crianças não conseguia efetuar este movimento. Muito além disto, todas as crianças, manifestavam um grande gosto pelas sessões de movimento realizadas semanalmente, principalmente pelas atividades que implicavam corrida e percursos. Nestas mesmas sessões denotou-se também uma grande evolução desde o início do ano até ao final quanto à parte do relaxamento, uma vez que, inicialmente era notável a grande instabilidade das crianças não conseguindo relaxar e voltar à serenidade, não se verificando este aspeto no final do ano.

Quanto à motricidade fina, ou seja, as “Competências físicas que envolvem os pequenos músculos e a coordenação olho-mão.” (Idem:287)., no grupo onde foi realizado o estágio, inicialmente as crianças demonstravam ter uma enorme dificuldade no recorte, não conseguindo pegar na tesoura de forma correta, nem seguir uma linha reta (Anexo IX – Check-List nº 2), no entanto, no final do ano letivo todas as crianças pegavam na tesoura adequadamente embora com dificuldade, e apenas duas crianças recortavam em linha reta e curva (Anexo IX – Check-List nº 2). No que diz respeito ao desenho, no final do ano apenas três crianças não realizavam a representação da figura humana (Anexo X – Check-List nº 3) sendo que foi um parâmetro trabalhado ao longo do ano, uma vez que as crianças apresentavam uma grande dificuldade a este nível (Aneo IX – Check-List nº 2)

3.2.3.3 – Desenvolvimento sócio afetivo

As crianças dos 3 aos 6 anos de idade, segundo Freud As crianças dos 3 aos 6 anos de idade, segundo Freud encontram-se na fase fálica, ou seja, existe uma maior ligação do filho à mãe e da filha ao pai, sendo que estão então mais próximas do pai correspondente ao sexo oposto, o que foi visível no grupo de crianças (Anexo XI – Registo incidente crítico nº 4) Apenas mais tarde, as crianças estabelecem relações de mais proximidade com o adulto do mesmo sexo, que anteriormente era visto como um rival. Desta forma, este facto era perceptível nas relações que as crianças estabeleciam com os pares, nas conversas e brincadeiras. Aqui as crianças demonstravam ainda, ter a percepção do seu corpo e as diferenças nele existentes.

Quanto ao desenvolvimento sócio afetivo das crianças em questão, o grupo demonstrava ser unido na sua relação com os pares, apesar de cada criança ter as suas preferências a nível de companheiros para as brincadeiras. Ou seja, nenhuma criança se recusava a brincar com outra, porém, ao serem dadas a possibilidade de escolha de companheiro, estes enunciavam logo a sua preferência sem hesitar. Sendo que as crianças numa sala de jardim-de-infância "...tendem a passar maior parte do tempo com poucas crianças – habitualmente com quem tiveram anteriormente experiências positivas." (Papalia et al, 2001:383).

Neste grupo de crianças contamos com a presença de dois irmãos gémeos, de sexo oposto. As duas crianças demonstravam uma grande cumplicidade entre elas, apesar de não estarem permanentemente a brincar uma com a outra. É de notar, que a criança do sexo masculino apresentava uma dificuldade extrema em partilhar os brinquedos que trazia de casa com as crianças do grupo, não se verificando este aspeto com a irmã.

Para além deste par, existe outro, que apesar de não serem irmãos demonstram uma grande cumplicidade e até mesmo dependência um do outro, talvez pelo facto de viverem juntos numa instituição de acolhimento. Este apego existente entre as crianças reflete a enorme segurança que uma criança transmite à outra. Dificilmente estas crianças se encontravam separadas uma da outra, tanto no contexto sala como no recreio livre, no entanto, o adulto por

vezes tentava contornar este aspeto juntando cada um com outros pares, uma vez que existiam dias que o comportamento desadequado de um despelutava o do outro. Referindo-me ainda a estas duas crianças, estes não comportam um suporte familiar como todas as outras do grupo, sendo possível denotar uma carência afetiva e ainda, uma necessidade de especial atenção por parte dos adultos.

No início do ano, era possível verificar uma dificuldade no cumprimento de algumas regras básicas de convivência, o respeito pelos companheiros e a partilha de brinquedos, o que no final do ano já não era tão perceptível, existindo uma maior facilidade na partilha dos brinquedos bem como no respeito mutuo.

No que se refere À relação adulto-criança, o presente grupo estabelecia relações de proximidade com os adultos, sendo estes as educadoras, auxiliares de ação educativa, estagiárias, funcionárias da limpeza e até mesmo com os pais de outras crianças. É ainda importante referir que as criança se demonstravam capazes de estabelecer diálogos com os mais velhos sem qualquer vergonha o receio, demonstrando facilidade no levantamento de questões e no elogio ao adulto quando o acha conveniente. Claramente, este aspeto verifica-se principalmente no final do ano.

3.2.3.4 – Desenvolvimento linguístico

Na educação pré-escolar, o desenvolvimento linguístico das crianças passa essencialmente pela abordagem oral. Sendo este o meio de comunicação que as crianças mais utilizam para estabelecer relações entre elas, com os adultos e todo o meio envolvente.

Para que as crianças desenvolvam o discurso oral, utilizem corretamente as palavras e enriqueçam o seu vocabulário, era realizado com o grupo, a hora do acolhimento onde existia um diálogo tanto entre adulto-crianças como crianças-criança. Para tal, o adulto incorpora um papel fulcral visto ser um mediador e provocador deste diálogo, uma vez que é através “...“...conversam perguntas contínuas, diálogos ou canções.” (Spodek e Saracho, 1994:79) que

a criança desenvolve a sua linguagem, estimulando cada vez mais o seu poder de comunicação.

Ao longo deste ano, foi bastante perceptível o desenvolvimento das crianças ao nível da linguagem, no aumento de vocabulário e na forma de se expressar.

No que se refere especificamente à linguagem escrita, no início do ano neste grupo de crianças apenas existia uma criança que escrevia o seu próprio nome quer através da cópia como pelo soletrar das letras pelo adulto, demonstrando um enorme gosto e satisfação quando o conseguia realizar na perfeição. No entanto o ano acabou com quatro crianças do sexo feminino a escrever o seu nome através da cópia. Para além destas crianças, existe outra criança que apesar de não escrever o seu nome, já reconhece algumas letras, relacionando-as com palavras do seu quotidiano. (Anexo XII – Registo incidente crítico nº 5)

Neste grupo, deparamo-nos com a presença de uma criança de nacionalidade chinesa que, inicialmente não comunicava nem com os adultos nem com os companheiros do grupo, onde ao longo do ano a criança se foi desinibindo, criando diálogos primeiro lugar com o adulto em momentos que se encontrasse sozinha com ele e só, posteriormente começou a comunicar com os companheiros de grupo. Esta falta de comunicação não se dava apenas pelo vocabulário reduzido, mas também pela timidez que a criança apresentava.

Quanto ao adulto, este tem que ter presente a importância da postura corporal que adota, o uso de uma linguagem diversificada bem como um discurso oral cuidado, uma vez que a criança deve permanecer num meio onde lhe sejam proporcionadas o maior número de aprendizagens significativas para o seu desenvolvimento integral.

3.3 – Traçado das prioridades de intervenção conjunta ao nível da Instituição e da Comunidade

Com o objetivo de melhorar alguns aspetos a nível da instituição, inicialmente as estagiárias finalistas juntaram-se e dialogaram sobre alguns pontos que achavam fulcrais para serem melhorados tendo por base o aproveitamento dos espaços. É necessário ter sempre em conta todas as necessidades das crianças de toda a instituição, albergando as valências de creche e jardim-de-infância.

Deste modo, foi realizada uma reunião com as três estagiárias, as educadoras cooperantes e a coordenadora do centro do estágio, onde foram expostas as propostas de dinamização na instituição. Assim, em conjunto encaramos como prioridades de intervenção o refeitório e o recreio exterior.

No que diz respeito ao refeitório, consideramos que as refeições não estavam a ser devidamente aproveitadas, visto que “As refeições (...) das crianças vão para além da mera necessidade básica de uma alimentação nutritiva.” (POST, 2007: 219), sendo também um momento de aprendizagem, dialogo, interação e de promoção da autonomia da criança. Sendo que, a educação da criança passa pela “...inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário...” (Departamento Educação Básica, 1997:21).

Na presente instituição, nas rotinas de alimentação era possível constatar não só o imenso barulho que é feito pelas crianças, mas também por alguns elementos adultos. Tendo este parâmetro que passar pela nossa intervenção, sensibilizando os adultos para todas as consequências que estão inerentes a este barulho. Deve ser proporcionado à criança, na hora da refeição “...uma atmosfera calma e descontraída, de modo a que as crianças possam comer e apreciar a sua refeição na companhia dos outros.” (POST, 2007: 222).

Posto isto, as estagiárias finalistas começaram por realizar uma manhã recreativa apelando a uma alimentação saudável recorrendo a uma dramatização, após o teatro foi demonstrado às crianças filmagens realizadas nos dias anteriores na hora da refeição. Pretendíamos com esta demonstração

sensibilizar as crianças e adultos para o imenso barulho que estava presente e até mesmo os comportamentos desadequados que as crianças tinham.

Em sequência disto, as estagiarias levaram para o jardim-de-infância um manequim que representava uma cozinheira (Anexo XIII – Fotografia 1) que tinha como objetivo avaliar o comportamento de cada sala à hora da refeição. Esta avaliação era feita através de um quadro (Anexo XIII – Fotografia 2). Ou seja, cada sala tem uma cor que a representa no jardim-de-infância onde, neste quadro aparecia uma bola das cores correspondentes às salas que naquele respetivo dia se comportaram de forma adequada. No final da semana, era realizada a contagem e as salas que maior número de bolas tivesse no quadro recebia uma prenda.

Posteriormente foi ainda colocado outro quadro que continha a ementa da semana sendo este de leitura para as crianças, recorrendo a fotografias reais da comida do jardim-de-infância. Este quadro provoca na criança um desenvolvimento a nível da autonomia e nas competências de leitura de imagens.

Após toda esta intervenção e os resultados positivos obtidos, começamos a dar início à dinamização do recreio exterior com vista a solucionar o problema de não possuírem meios suficientes para se ocuparem nos momentos de recreio livre. Para tal, tentamos implementar materiais estimulantes, educativos e motivadores para as crianças, tais como jogo do galo, cubos, cordas, vai-vem, acerta no buraco (Anexo XIV – Fotografia 1), bowling, e ainda, uma caixa de areia (Anexo XIV – Fotografia 2) e balizas para jogar futebol (Anexo XIV – Fotografia 3).

Para angariação de dinheiro para as balizas de futebol foi realizada uma feira de doces no jardim-de-infância, onde cada grupo realizou o doce que lhe foi atribuído na manhã anterior à realização da mesma. Foi ainda dada a responsabilidade às crianças de explicarem aos encarregados de educação o que estiveram a fazer, como e com que finalidade.

Fazendo uma introspeção, consideramos que ambas as dinamizações obtiveram resultados bastante significativos perante os objetivos que eram pretendidos. No que se refere ao refeitório, o imenso barulho que se fazia ouvir

na hora das refeições já não existia e o brincar com os talheres e copos já não se verificava. As estagiárias tiveram sempre o cuidado de cumprir com a avaliação diária do comportamento das refeições bem como com os presentes no final da semana.

No que se refere ao recreio exterior, consideramos que os materiais colocados à disposição das crianças solucionarem em parte o inconveniente do recreio sendo este a inexistência de materiais para ocupação e estimulação das crianças. Para além disto, é necessário ter em conta que o que foi colocado no recreio desenvolve nas crianças competências a nível motor, principalmente na motricidade grossa.

4- INTERVENÇÃO E EXIGÊNCIAS PROFISSIONAIS

Toda a intervenção realizada com este grupo de crianças, teve por base observações realizadas, as próprias vivências e os desafios que nos foram colocando. Assim, todo o percurso neste grupo decorreu em torno de projetos lúdicos, atividades significativas, tendo sempre como base as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar e as Metas de Aprendizagem.

Uma vez que o jardim-de-infância onde decorreu o estágio sustenta o processo ensino-aprendizagem com a metodologia de trabalho de projeto, é importante referir que os interesses e motivações das crianças foram sempre levadas a cabo para promover o seu desenvolvimento integral, sendo as crianças as construtoras do seu próprio conhecimento.

Neste capítulo, vamos centrar-nos em algumas destas atividades significativas vivenciadas e os projetos lúdicos existentes no grupo. Ao mesmo tempo, refletirei um pouco acerca de toda a intervenção realizada com as duas crianças institucionalizadas.

4.1 – Prática pedagógica com o grupo de crianças

No decorrer de todo o estágio profissionalizante junto deste grupo de três anos, tomamos como prioridade o desenvolvimento das crianças nos quatro domínios, socio-afetivo, cognitivo, motor e da linguagem, sendo que, tentamos sempre manter presente a interdisciplinaridade e a abordagem de todas as áreas de conteúdo presentes nos documentos acima referidos.

Para tal, tudo o que foi vivenciado foi da forma mais lúdica possível, recorrendo ao faz-de-conta. Uma vez que “A brincadeira dramática é um meio importante de expressão para as crianças pequenas, pois, através dela, elas testam suas ideias, dão expressão a seus sentimentos e aprendem a trabalhar com outras quando negociam as diferentes situações sociais.” (Spodek e Saracho, 1998: 221). Aqui as crianças também desenvolvem a percepção do mundo que as rodeia, aprendendo a lidar com todo este ambiente.

Para iniciar o ano, é necessário ter em conta todas as características de um grupo de três anos, uma vez que as crianças necessitam de se conhecer, de brincar, explorar, manipular e criar relações de proximidade tanto com os adultos como com as restantes crianças. Claramente, para todo este processo de adaptação, foi tido em conta e respeitado o espaço de cada criança, a sua personalidade e características individuais. Assim, não existe um tempo pré-definido para esta mesma adaptação ao jardim-de-infância, tendo o educador que conseguir mediar todo este processo.

Numa fase inicial, tivemos a preocupação de fornecer a cada criança uma atenção individualizada, tão fulcral para o desenvolvimento da autoestima e das relações interpessoais. Aqui recorreremos às atividades em pequeno grupo uma vez que é a melhor forma de as crianças se relacionarem e criarem relações afetuosas umas com as outras.

No entanto, para a convivência em sociedade, são necessárias ter em conta algumas regras, tendo sido estas estabelecidas em diálogo com todas as crianças do grupo bem como as regras do espaço sala, quadro de presenças e quadro do tempo. Para além de tudo isto promover a socialização, aborda também áreas como o domínio da matemática, conhecimento do mundo e

também a formação pessoal e social, desenvolvendo assim o domínio da linguagem e socio-afetivo. Aqui está bastante patente o acolhimento realizado todos os dias de manhã uma vez que é um momento de diálogo e partilha entre criança-criança e adulto-criança.

Este mesmo acolhimento realizado na sala, possuía características muito específicas no que se refere às crianças institucionalizadas, uma vez que estas não permaneciam sentadas em grande grupo, fugindo para as áreas da sala. Este aspeto era de notar mais numa das crianças, apesar que se esta desafiasse a outra, este adotava os mesmos comportamentos. Para solucionar esta questão, recorreremos à atribuição de uma função específica para esta criança. Ou seja, no âmbito do acolhimento esta tinha que se sentir útil e manter-se ocupada com alguma tarefa para uma participação ativa neste momento.

Apesar de toda a dificuldade encontrada para esta criança se manter no acolhimento e nos momentos de grande grupo, recorrendo a uma pedagogia diferenciada a problemática foi em parte solucionada.

Posto isto, passaremos agora a evidenciar algumas atividades significativas realizadas durante o ano bem como os projetos lúdicos vividos no grupo.

Para iniciar, consideramos importante referirmos a atividade denominada como “Sopa de nabos” realizada ainda no início do ano: a hora do conto, momento tão contagiante e mágico para as crianças, era realizado na sala com alguma frequência. Então, para tentar solucionar o profundo desagrado que as crianças demonstravam na hora da refeição, mais especificamente o comer a sopa foi contada às crianças a história “O nabo Gigante” de Alexis Tolstoi e Niamh Sharkey Neste momento foram então abordados os alimentos constituintes de uma sopa e, foi dado também um enfoque aos animais presentes na história, estando aqui muito presente a área do conhecimento do mundo e o desenvolvimento da capacidade de atenção.

Com toda a envolvimento e em diálogo adultos-crianças foi lançada uma sugestão no grupo para a elaboração de uma sopa de nabos, onde cada criança teria que trazer um legume de casa para esta confeção. E assim se

deu, foram distribuídos os legumes, ficando cada criança com a responsabilidade de trazer um de casa. É importante referir que muito além do sentido de responsabilidade que esta divisão incute nas crianças, demonstrou também ser fulcral no envolvimento que as famílias tiveram.

No dia da elaboração da sopa, antecedente à realização foi apresentado por cada criança o legume que trouxe, trabalhando-se assim o domínio da matemática com a formação dos conjuntos de legumes (Anexo XV- Fotografia 1). Esta foi realizada em grande grupo no momento do acolhimento, no entanto, para realização da sopa de nabos o grupo foi dividido em pequenos grupos onde se dirigiam à vez ao refeitório do jardim-de-infância para proceder a esta elaboração. Desta forma, foi possibilitado às crianças o desenvolvimento do seu sentido tátil e gustativo, bem como o respeito pelo outro na partilha de tarefas, podendo assim o adulto fornecer uma atenção mais individualizada a cada criança. (Anexo XVI – Registo de atividade)

Para além de todos estes aspetos tão fulcrais para as crianças, é importante referir que com esta atividade conseguimos sensibilizar as crianças para a alimentação saudável, uma vez que o jardim-de-infância tem como projeto pedagógico “alimentação saudável”, cumprindo com uma das etapas do mesmo.

No que se refere especificamente às duas crianças institucionalizadas que pertencem ao grupo, estas tiveram um papel ativo como todas as outras crianças. A instituição que os acolhe forneceu-lhes o legume que lhes foi atribuído, demonstrando assim o trabalho colaborativo que deve existir entre escola-família. Como já referido anteriormente, as instituições de acolhimento tentam criar estruturas de vida o mais próxima possível a de uma família, fazendo com que as crianças não se sintam diferentes no grupo.

Seguidamente a esta atividade, a que consideramos importante enaltecer refere-se à época natalícia vivenciada no grupo, tendo sido esta de grande interesse para as crianças, vivendo-a de uma forma bastante dinâmica. Toda esta festividade foi vivida não só de forma lúdica na sala, como também religiosa. Assim, o espírito natalício invadiu a sala dos 3 anos e realizamos uma chuva de ideias do que gostariam de realizar para a sala, desenvolvendo assim

a comunicação entre crianças, a área de formação pessoal e social assim como a área do conhecimento do mundo.

Muito além dos materiais construídos na sala, árvore de natal, renas, bolas, pais-natais e presépio foi dado um especial enfoque aos valores que toda esta época comporta, amor, amizade, partilha, compaixão, entre outros. Para tal, recorreremos ao livro “Como falar de Jesus aos pequeninos” abordando desde o nascimento de Jesus à visita dos três Reis Magos.

Assim, o natal proporcionou às crianças um desenvolvimento aos mais variados níveis, estando bastante presente o domínio motor, mais especificamente a motricidade fina na construção dos diferentes materiais, bem como a formação pessoal e social, conhecimento do mundo, linguagem oral e ainda domínio da matemática.

Referindo-nos ainda a atividades significativas, consideramos importante prevalecer uma das experiências vivenciadas com as crianças institucionalizadas do grupo no que diz respeito à comemoração do dia do pai e da mãe. Como é de notar, estas comemorações implicaram uma abordagem muito específica, uma vez que estas crianças não possuem uma família com estas figuras parentais como todas as outras. Como já foi referido, é importante adaptar-nos ao grupo, tendo que zelar não só pelo bem-estar físico da criança, mas também emocional, tendo o jardim-de-infância e a instituição que os acolhe um papel fulcral. Assim, estas crianças realizaram uma prenda como todas as outras sendo-lhes levantada a questão de a quem gostariam de oferecer aquele presente.

Posto isto, as crianças enunciavam o nome de a quem gostariam de oferecer o presente, em que em ambos os casos foram escolhidas figuras adultas da instituição que os acolhe. O jardim-de-infância com o intuito de responder a esta escolha, informava a instituição que os acolhe não só para receberem o presente, mas também para essa mesma pessoa se dirigir ao jardim-de-infância para a comemoração destes dias, como todos os outros pais. É de notar que esta instituição sempre respondeu a estas solicitações, desejos e vontades das crianças.

Todas as restantes crianças do grupo encaram esta diferença com respeito pelos colegas, sabendo que estes não possuem pai nem mãe e que vivem juntos numa casa com outras crianças.

Recordando agora as experiências relativas a projetos lúdicos, a sala dos três anos vivenciou dois, fazendo assim uma abordagem a cada um deles.

O primeiro projeto lúdico vivido na sala, foi “A música”, desencadeado por uma problemática em volta dos instrumentos musicais, mais especificamente as maracas. Uma vez que, todas as crianças desejavam ter uma maraca para acompanhar uma música e o jardim-de-infância não possuía um número tão elevado deste instrumento, o grupo partiu para a elaboração de maracas, uma para cada criança. (Anexo XV – Fotografia 2)

Através de toda esta envolvência, as crianças demonstraram interesse em conhecer os instrumentos musicais existentes possibilitando assim, uma abordagem à expressão musical bem como a área do conhecimento do mundo.

Para além de todas as etapas vividas neste projeto, é de salientar que foram dados a conhecer à criança autores como Chopin e Mozart fazendo atividades que as desenvolvessem nos vários domínios de desenvolvimento da criança. Desde o sentir a música com o corpo, o desenhar ao som da música (Anexo XV – Fotografia 3) até à associação de sons a imagens/vivências. Tudo isto possibilita à criança um desenvolvimento integral da criança, tendo sempre por base os seus interesses e motivações.

Neste projeto, é ainda de salientar a envolvência das famílias, realizando pesquisas acerca de instrumentos e até mesmo o fornecimento de instrumentos que possuíam em casa para as crianças manipularem, investigarem e analisarem cada um deles com o grupo.

O violino, foi um instrumento levado para a sala por um elemento exterior ao jardim-de-infância que se deslocou à sala dos três anos, onde deu a conhecer o instrumento, explicou a sua constituição e tocou músicas para eles. (Anexo x – fotografia 4) Criando assim, um envolvimento com a comunidade com o intuito de dar resposta aos interesses das crianças.

Este projeto terminou devido a uma desmotivação do grupo, uma vez que os encontrávamos no Inverno e todos os instrumentos musicais construídos foram destruídos por uma inundação que aconteceu na sala.

Consideramos que este projeto potenciou nas crianças uma capacidade de resolução de problemas, um vasto leque de conhecimentos ao nível da área do conhecimento do mundo bem como na expressão musical. Foi ainda dada uma atenção especial à pirâmide musical ao longo de toda esta vivência.

“O Quartel dos Bombeiros” foi o segundo projeto lúdico levado a cabo na sala dos 3 anos, desencadeado por uma visita ao quartel dos bombeiros da localidade em questão.

Esta visita permitiu ao grupo de crianças um desenvolvimento ao nível da linguagem, aprendendo os constituintes de um quartel de bombeiros bem como a diferença entre os capacetes vermelhos e amarelos e ainda, a diferença de uma ambulância e de um camião de incêndio. Tudo isto permitiu não só um aumento do vocabulário das crianças mas também um aumento na área do conhecimento do mundo.

No dia seguinte a esta visita, foi realizado com as crianças o registo da mesma, onde colocamos fotografias, desenhos e cada criança disse o que mais gostou (Anexo XV – Fotografia 5 e 6). Neste dialogo em grande grupo, as crianças sugeriram construir um quartel de bombeiros dentro da sala. De imediato foi realizada a chuva de ideias (Anexo XV – Fotografia 7) e definida a prioridade de elaboração.

Esta decisão foi unanime no grupo, sendo a ambulância o que eles mais desejavam construir para a sala. Numa perspetiva de esta ser resistente, foi elaborada uma base em madeira (Anexo XV – Fotografia 8) onde esta foi pintada pelas crianças e foram construídos os constituintes de uma ambulância, tais como, rodas volante, bancos, retrovisores, maca, mala primeiros socorros, portas e sirene. (Anexo XVII – Registo Projeto lúdico)

Uma vez que envolver a comunidade faz parte da educação pré-escolar, a mala de primeiros socorros foi apresentada e explicada por um bombeiro que se disponibilizou a deslocar-se ao jardim-de-infância para tal efeito. Foi notório o envolvimento e interesse que as crianças demonstraram nesta etapa.

Foi ainda de notar que o bombeiro que procedeu à explicação não optou por uma explicação transmissiva, mas teve em conta a participação ativa de todas as crianças do grupo, dando-lhes diferentes funções. Apesar de todas as crianças demonstrarem um grande interesse, as duas crianças já mencionadas apresentaram uma postura de interesse, permanecendo sempre junto do bombeiro, querendo realizar todas as atividades. Nesta fase, foi de extrema importância a participação ativa da criança, tendo assimilado os constituintes de uma mala de primeiros socorros bem como o tratamento que deve ser feito numa ferida. Assim, deu-se um desenvolvimento da linguagem ora e interações sociais, e ainda, a abordagem à área do conhecimento do mundo.

Outro momento em que se pode referir a participação e envolvimento da comunidade, foi a oferta feita pelos bombeiros da sirene para a ambulância da sala. (Anexo XV – Fotografia 9)

Por outro lado, na elaboração da ambulância, podemos ainda enumerar o envolvimento das famílias das crianças, onde se deu a oferta do volante e dos bancos para a ambulância. O volante para além de ter sido oferecido por uma família, foi colocado num suporte por outra de forma a fazê-lo rodar. Sendo notável todo o empenho e dedicação das famílias aos projetos de sala.

No que se refere às restantes etapas do projeto, a elaboração dos capacetes demonstrou o trabalho cooperativo entre as crianças, uma vez que foram realizados em pequenos grupos com o auxílio do adulto. Estes capacetes para além de desenvolver a motricidade fina e a capacidade de resolução de problemas, foram ainda importantes para consolidação de conhecimentos. (Anexo V – Fotografia 10 e 11) Uma vez que as crianças associavam a cor do capacete ao local onde o incêndio estava a acontecer. Através disto, foi ainda abordada a questão da proteção que devemos usar, articulando com o quotidiano das crianças, tal como o andar de bicicleta.

No que se refere especificamente às crianças institucionalizadas, este projeto demonstrou ser de grande motivação e interesse para os mesmos. Com a existência da ambulância na sala, as fardas dos bombeiros e os capacetes, passou a ser a área mais frequentada pelos mesmos. Muito além das brincadeiras que estes tinham, era notória a vontade que estes demonstravam

em construir os materiais e o desejo de saber cada vez mais sobre os bombeiros.

Uma vez que neste projeto as crianças se mantinham ocupadas, era notória a diferença de comportamentos destas mesmas crianças. Os adultos da sala tentavam sempre que trabalhassem/brincassem em pequenos grupos separados não se desafiando um ao outro.

Apesar de estas crianças demonstrarem por vezes comportamentos desadequados na sala, o seu desenvolvimento cognitivo apresenta um patamar igual ou superior ao das outras crianças. A nível de aquisição de conhecimentos, discussão de ideias e propostas de intervenção estas crianças não se destacam pela negativa, contrariamente ao nível do comportamento. No entanto, consideramos que este projeto foi de tal forma motivante que este prolema de comportamento foi por um lado contornado.

Na exposição realizada pelas crianças para divulgação do projeto, a instituição que acolhe as crianças esteve presente felicitando toda a equipa pedagógica pelo trabalho desenvolvido. As duas crianças, segundo conversa informal com o adulto da instituição, partilhavam os seus conhecimentos acerca dos bombeiros em casa com as outras crianças e adultos.

Passando agora a evidenciar outro aspeto fundamental da prática pedagógica desenvolvida com o grupo, numa perspetiva de envolver ainda mais as famílias, foi criado um dispositivo pedagógico, sendo uma manta com apetrechos com o intuito de trabalhar a motricidade fina de cada criança. Para tal, nesta mesma manta foram colocados instrumentos como botões de vários tamanhos, colchetes e cordões (Anexo XV – Fotografia 12) numa perspetiva de não só ser trabalhada a motricidade fina e destreza manual mas também de dar a entender aos familiares o quanto é importante que as crianças realizem estas tarefas no dia-a-dia, uma vez que muitas vezes os adultos as realizam por eles.

Podemos levantar a questão do porquê de uma manta. Estes botões, colchetes e cordões foram colocados numa manta para que se tornasse um ambiente acolhedor em torno de este trabalho realizado em cada casa. Este

dispositivo pedagógico era sempre acompanhado de um caderno para registrar a visita a cada casa.

Num momento em grande grupo, foi demonstrado e explicado às crianças o que pretendíamos com esta manta onde foi pedida a sugestão de um nome para a mesma, onde uma das crianças disse “A manta que voa porque ela vai de minha casa para a de outro menino e pode ir a voar” (Criança T). Assim, todas as crianças concordaram com o nome e assim se deu início a esta longa viagem.

Fazendo uma pequena introspeção, este dispositivo pedagógico obteve resultados bastante positivos tanto no desenvolvimento da motricidade fina das crianças como no envolvimento dos familiares nestas iniciativas. Tendo passado por todas as crianças do grupo, podemos afirmar que cada família acrescentou um apetrecho a esta manta tendo sempre o cuidado de estes possibilitarem o desenvolvimento da motricidade fina. (Anexo XV – Fotografia 13). No que se refere ao caderno de registo que acompanhava a manta, cada família registou tanto com registos fotográficos como com uma descrição escrita desta visita da manta, descrevendo o trabalho que foi realizado em casa, as dificuldades e facilidades de cada criança e ainda uma apresentação e explicação do novo apetrecho colocado na mesma.

As duas crianças que vivem na instituição levaram a manta para sua casa como qualquer uma das outras do grupo, onde foi obtido um resultado absolutamente surpreendente. A instituição de acolhimento durante o ano demonstrou colaboração com estas iniciativas propostas pelo jardim-de-infância, sendo que no caso específico da manta que voa, para além de trabalharem com as crianças a motricidade fina e de registar no caderno, os adultos acrescentaram à manta um apetrecho. Este é um coração que aperta com colchetes e quando aberto tem uma mensagem de carinho para os colegas do grupo. (Anexo XV – Fotografia 14) Assim, a instituição demonstrou ainda o lado afetuoso no dispositivo pedagógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio profissionalizante realizado permitiu o contacto direto com o dia-a-dia de um jardim-de-infância e de um grupo de crianças em específico. Esta experiência desencadeou um grande desenvolvimento tanto a nível pessoal como profissional.

Ao iniciar este grande percurso de estágio eram inúmeros os medos, os receios que acompanhavam a estagiaria. Perceber como funciona a instituição, a integração no grupo de crianças e na equipa pedagógica, conseguir articular a teoria adquirida com a prática, responder as necessidades das crianças são alguns dos aspetos que mais a faziam temer na entrada para o estágio. Receios estes, que ao longo do estágio foram superados e que tanto fizeram crescer como futura Educadora de Infância, não podendo deixar de salientar o papel fulcral que a Educadora Cooperante e Supervisora de Estágio tiveram no crescimento da mestranda.

Em Educação torna-se imprescindível existir um descuido da prática reflexiva. Só no contacto com a realidade é que percebemos o quão importante e fundamental é para melhorar a nossa prática, uma vez que refletimos sobre a ação, propomos estratégias, encontramos soluções para as advertências com que nos vamos deparando no dia-a-dia. É ainda importante referir as técnicas de observação que tivemos oportunidade de realizar, tão fundamentais para observar o grupo no seu todo, mas também de cada criança em particular. Só assim, conseguimos ter a perceção dos interesses, motivações e necessidades de cada um.

Ao longo do estágio, tentou sempre adotar uma postura de mediadora, orientadora e desencadeadora de aprendizagens tendo em vista o desenvolvimento integral da criança. Responder às necessidades de cada um, ir ao encontro dos interesses e motivações do grupo foi um dos grandes alicerces para toda a prática desenvolvida. Aqui, torna-se importante referir a grande importância que o trabalho em equipa tem para o bom funcionamento de uma instituição. A integração total na equipa pedagógica, a disponibilidade que os pais/encarregados de educação sempre demonstraram para se

envolverem na vida escolar dos filhos, a abertura que a comunidade tem para aderir a projetos do jardim-de-infância também fez com que a estagiária se sentisse totalmente integrada neste meio e lhe deu a percepção do quão importante é o trabalho em equipa.

No que se refere ao grande enfoque deste relatório, as crianças institucionalizadas forneceu-lhe uma experiência única.

Ao longo de todo este ano letivo, deparou-se com situações que pensava não existirem, atitudes que pensava não conseguir contornar. Porém, toda esta vivência fez pensar, repensar e redefinir algumas ideias que tinha como dados adquiridos e aplicáveis à prática. Assim, não é possível seguir uma metodologia, comparar umas crianças às outras mesmo que estejam a viver em situações idênticas, ou até mesmo procurar em livros soluções para estes problemas. Torna-se necessário a cada dia adaptarmo-nos a estas vivências, aos estados de humor, emocionais e afetivos uma vez que estes se fazem notar de dia para dia.

É preciso ter bem presente o que podemos ou não dizer, podemos ou não fazer. Existem atitudes, palavras ou até mesmo gestos que as crianças podem associar a vivências do passado e perante isso, todos os comportamentos subjacentes vão ao encontro destas palavras proferidas, gestos e atitudes realizadas.

No final do estágio, torna-se extremamente compensador refletir sobre todas as vivências e momentos de todo o ano. Cada sorriso, cada abraço, cada aprendizagem faz com que nos sintamos realmente importantes para cada criança. Fazer parte do grupo da sala dos 3 anos e acompanhar o desenvolvimento de cada um fez com que crescesse, tornando a estagiária numa pessoa mais atenta, calma, ponderada e segura.

Termino este estágio e este relatório com a certeza que é a profissão de Educadora de Infância que quero seguir para o resto da vida.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Isabel (1996) *Formação reflexiva de professores. Estratégias de supervisão*, Porto Editora
- ALARCÃO, Isabel (2001) *Professor – Investigador. Que sentido? Que formação?* (vol.1), Revista Portuguesa de Formação de Professores
- AMADO, João RIBEIRO, Fernanda LIMÃO, Isabel PACHECO, Vitor (2003). *A escola e os alunos institucionalizados*, Ministério da Educação – Departamento de Educação Básica, Lisboa
- BROCK, Avril DODDS, Sylvia (2011) *Brincar – Aprendizagem para a vida*, Artmed
- CANAVARRO, José Manuel Portocarrero PEREIRA, Ana Isabel Freitas PASCOAL, Patrícia, (2001), *Diferenciação Pedagógica*, Lisboa, Escola Superior de Educação João de Deus
- COSTA, Jorge Adelino (1992) *Gestão Escolar: participação, autonomia e Projecto Educativo da Escola*, Texto Editora
- Decreto – Lei nº 241/2001, de 30 de Agosto (Aprova os perfis específicos de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1º ciclo do ensino básico)
- DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- DELGADO, Paulo (2006). Os direitos das crianças, da participação à responsabilidade: o sistema de protecção e educação das crianças e jovens
- HOHMANN e WEIKART (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- LINO, Dalila (1996), *O Projecto de Reggio Emilia: Uma Apresentação* in FORMOSINHO, Júlia Oliveira SPODEK, Bernard BROWN, Patrícia Clark lino, Dalila, NIZA, Sérgio (org.) (1996), *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*, Porto Editora
- MARTINS, Paula (2004). *Tese de doutoramento – Protecção de crianças e jovens em itinerários de risco – representações sociais, modos e espaços*, Universidade do Minho
- PAPALIA, Diane; OLDS, Sally; FELDMAN, Ruth (2001) *O Mundo da Criança*, 8ª Edição, Editora Mc Graw Hill
- PARENTE, Cristina (2002) *Observação: um percurso de formação, prática e reflexão* in OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia (Org.) *A Supervisão na Formação de Professores I – Da sala à Escola*, Porto, Porto Editora
- POST Jaclyn HOHMANN Mary, 2007, *Educação de bebés em infantários – cuidados e primeiras aprendizagens*, Fundação Carlos Gulbenkian, Lisboa
- SOUSA, Maria José, BAPTISTA, Cristina Sales, (2011), *Como fazer Investigação*, Dissertações Teses e Relatórios Segundo Bolonha”, Pactor
- SPODEK, B. e SARACHO, O. (1998). *Ensinando crianças de 3 a 8 anos*. Porto Alegre: Artmed Ed.

SPODEK, Bernard (2010) *Manual de Investigação em Educação de Infância*, 2ª Edição, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
QUIVY, R; CAMPENHOUDT, L.VAN (1998) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva
GAMBÔA, Rosário; FORMOSINHO, Júlia (2011) *O Trabalho de Projeto na Pedagogia-em-Participação*, Coleção Infância, Porto Editora

Outros documentos

Projeto Pedagógico da instituição

Regulamento Interno da instituição

Compromisso da Instituição

ANEXOS

Anexo I – Guiões Entrevistas Semiestruturadas

1. Entrevista Auxiliar de Limpeza

Objetivo geral: Conhecer/perceber os comportamentos das crianças institucionalizadas num contexto jardim-de-infância

Observações: Proporcionar um ambiente acolhedor ao entrevistado; Facultar as informações necessárias para esclarecimento do objetivo da entrevista; enunciar que vai ser garantido o anonimato do entrevistado

1. Desde que trabalha neste jardim-de-infância, é a primeira vez que está a ter contacto com crianças que vivem em instituições?

Se não, nota alguma diferença de comportamentos das crianças que estão a frequentar das que já frequentaram? Ou os comportamentos são idênticos?

2. Tem uma atenção especial para com estas crianças quando as encontra em contexto extra sala? Ou a atenção é igual para todas as crianças?
3. Perante o que visualiza, como caracteriza o comportamento destas crianças?

2. Entrevista Auxiliar de Ação Educativa

Objetivo geral: Conhecer/perceber os comportamentos das crianças institucionalizadas num contexto jardim-de-infância

Observações: Proporcionar um ambiente acolhedor ao entrevistado; Facultar as informações necessárias para esclarecimento do objetivo da entrevista; enunciar que vai ser garantido o anonimato do entrevistado

1. É a primeira vez que lida com crianças institucionalizadas no seu grupo?

Se não, considera então que todas as crianças institucionalizadas têm o mesmo nível de comportamento?

2. Possui duas crianças institucionalizadas no seu grupo. É possível observar alguma diferença nestas duas crianças perante o restante grupo?

Se sim, em que medida?

3. Tem uma atenção especial para com estas crianças?

Se sim...

Porquê?

Considera saudável para o restante grupo esta atenção especial que tem para com estas crianças?

4. De que forma tenta integrar estas crianças na sala?

5. Para terminar, passo a ler uma citação de Paulo Delgado que “Por muito que se trabalhe para se aperfeiçoar a qualidade das instituições, convém recordar que nelas nenhuma criança é inteiramente feliz, independentemente da estabilidade que lhe poderão proporcionar. Por detrás dos sorrisos, das exclamações de alegria, das actividades, guardam-se os traumas, os medos, a ferida do abandono, as saudades

dos pais reais ou imaginários, o desejo de viver numa família que se perdeu ou que nunca se teve.”

Quer comentar esta afirmação? Concorda com a opinião do autor?

3.Entrevista Coordenadora Jardim-de-Infância

Objetivo geral: Conhecer/perceber os comportamentos das crianças institucionalizadas num contexto jardim-de-infância

Observações: Proporcionar um ambiente acolhedor ao entrevistado; Facultar as informações necessárias para esclarecimento do objetivo da entrevista; enunciar que vai ser garantido o anonimato do entrevistado

1. É a primeira vez que se está a deparar com a presença de crianças institucionalizadas neste jardim-de-infância
2. Integrou estas crianças na instituição de modo diferente de todas as outras?
3. Como Coordenadora, considera ter um comportamento diferente com as crianças institucionalizadas relativamente às restantes?

Se sim, em que medida?

4. Como caracteriza a postura dos elementos da equipa pedagógica da instituição para com estas crianças?
5. Perante o que vê considera que estas crianças possuem comportamentos característicos que os diferenciam das restantes crianças?
6. Tem alguma atenção especial para com elas?

7. Como Coordenadora, acha que a instituição que acolhe estas crianças trabalha em cooperação com o jardim-de-infância?

8. Para terminar, passo a ler uma citação de Paulo Delgado que “Por muito que se trabalhe para se aperfeiçoar a qualidade das instituições, convém recordar que nelas nenhuma criança é inteiramente feliz, independentemente da estabilidade que lhe poderão proporcionar. Por detrás dos sorrisos, das exclamações de alegria, das actividades, guardam-se os traumas, os medos, a ferida do abandono, as saudades dos pais reais ou imaginários, o desejo de viver numa família que se perdeu ou que nunca se teve.”

Quer comentar esta afirmação? Concorda com a opinião do autor?

4. Entrevista Educadora Sala 4 anos

Objetivo geral: Conhecer/perceber os comportamentos das crianças institucionalizadas num contexto jardim-de-infância

Observações: Proporcionar um ambiente acolhedor ao entrevistado; Facultar as informações necessárias para esclarecimento do objetivo da entrevista; enunciar que vai ser garantido o anonimato do entrevistado

1. Alguma vez contou com a presença de uma criança institucionalizada no seu grupo de crianças?

Se sim...

Denotou alguma diferença de comportamento dessas mesmas crianças para as restantes do grupo?

A nível da integração, como integrou as crianças institucionalizadas no grupo?

Tinha uma atenção especial para com estas crianças?

2. Uma vez que o jardim-de-infância em que se encontra a exercer a profissão de Educadora tem crianças institucionalizadas em espaço extra-sala, tem uma atenção especial para com elas?

3. Pelo que observa, estas crianças têm um comportamento diferente das restantes crianças?

Considera que os comportamentos que estas crianças têm no seu dia-a-dia são influenciados por vivências do passado?

4. Para terminar, passo a ler uma citação de Paulo Delgado que “Por muito que se trabalhe para se aperfeiçoar a qualidade das instituições, convém recordar que nelas nenhuma criança é inteiramente feliz, independentemente da estabilidade que lhe poderão proporcionar. Por detrás dos sorrisos, das exclamações de alegria, das actividades, guardam-se os traumas, os medos, a ferida do abandono, as saudades dos pais reais ou imaginários, o desejo de viver numa família que se perdeu ou que nunca se teve.”

Quer comentar esta afirmação? Concorda com a opinião do autor?

5. Entrevista Educadora Cooperante

Objetivo geral: Conhecer/perceber os comportamentos das crianças institucionalizadas num contexto jardim-de-infância

Observações: Proporcionar um ambiente acolhedor ao entrevistado; Facultar as informações necessárias para esclarecimento do objetivo da entrevista; enunciar que vai ser garantido o anonimato do entrevistado

1. É a primeira vez que tem no seu grupo crianças institucionalizadas?

Se não...

Considera que todas as crianças que já teve que viviam em instituições têm o mesmo nível de comportamento?

De que forma tenta integrar estas crianças na sala?

2. Possui duas crianças institucionalizadas na sala. É possível observar alguma diferença a nível de desenvolvimento destas duas crianças perante o restante grupo?
3. Considera que os comportamentos que estas crianças têm no seu dia-a-dia estão relacionados com vivências do passado?
4. Como se caracterizam estes comportamentos?
5. Tem uma atenção especial para com estas crianças?

Se sim...

Considera saudável esta diferenciação para o restante grupo?

6. Como Educadora acha que a instituição que acolhe estas crianças trabalha em cooperação com o jardim-de-infância?

- 7 Para terminar, passo a ler uma citação de Paulo Delgado que “Por muito que se trabalhe para se aperfeiçoar a qualidade das instituições, convém recordar que nelas nenhuma criança é inteiramente feliz, independentemente da estabilidade que lhe poderão proporcionar. Por detrás dos sorrisos, das exclamações de alegria, das actividades, guardam-se os traumas, os medos, a ferido do abandono, as saudades dos pais reais ou imaginários, o desejo de viver numa família que se perdeu ou que nunca se teve.”

Quer comentar esta afirmação? Concorda com a opinião do autor?

Anexo II – Transcrição das entrevistas à Equipa Pedagógica

1. Entrevista Auxiliar de Limpeza

Desde que trabalha neste jardim-de-infância, é a primeira vez que está a ter contacto com crianças que vivem em instituições?

Sim é!

Tem uma atenção especial para com estas crianças quando as encontra em contexto extra sala? Ou a atenção é igual para todas as crianças?

Tenho uma atenção diferente porque estas duas crianças se comportam de forma diferente das outras. Principalmente a partir do momento em que uma destas crianças teve a tentativa de fuga do infantário.

Perante o que visualiza, como caracteriza o comportamento destas crianças?

Estas duas crianças têm comportamentos diferentes das outras. Nota-se que são mais revoltados e irrequietos até com as tentativas de fuga. Mas depois também têm os momentos em que são meigos e muito carinhosos

2. Entrevista Auxiliar de Ação Educativa

É a primeira vez que lida com crianças institucionalizadas no seu grupo?

Não.

Considera então que todas as crianças institucionalizadas têm o mesmo nível de comportamento?

Não, claramente todas têm comportamentos diferentes.

Possui duas crianças institucionalizadas no seu grupo. É possível observar alguma diferença nestas duas crianças perante o restante grupo?

Sim, principalmente no comportamento deles.

Enuncia então o comportamento destas crianças como uma diferença das restantes. Pode caracterizar este comportamento?

Eu acho que devo salientar o comportamento deles, apesar de todas as crianças serem diferentes e os comportamentos também são. Mas as das crianças de que falamos têm comportamentos não muito próprios por vezes, faltas de respeito e agressividade principalmente.

Essas faltas de respeito e agressividade que enuncia, são para com o adulto ou para com as restantes crianças?

Tanto para o adulto como para as crianças do grupo. Por vezes sinto dificuldade em resolver algumas situações.

Tem uma atenção especial para com estas crianças?

Sim sim.

Porquê?

Estas duas crianças são muito mais irrequietas que as outras do grupo. Penso que este comportamento também seja a pedir a atenção do adulto como não têm uma família como todos os outros. Acabo por ser menos rígida nas regras para eles e dou-lhes mais amor e carinho.

Considera saudável para o restante grupo esta atenção especial que tem para com estas crianças?

Não, mas tento lidar com esta situação o melhor que posso e sei. Pode até não ser saudável para as outras crianças esta atenção que dou aos dois, mas eles são educados por um pai e uma mãe. Têm uma família e estes dois

não, são educados por muita gente e todos diferentes uns dos outros. Aço em função da minha consciência.

De que forma tenta integrar estas crianças na sala?

Como já disse, muitas vezes não sei lidar com algumas situações e acabo por ser mais permissiva com eles por viverem numa instituição e estarem sempre sujeitos a regras e a passarem por tantas pessoas diferentes. Mas tento trata-las da mesma forma que os outros, apesar de ser difícil e não conseguir.

Para terminar, passo a ler uma citação de Paulo Delgado que “Por muito que se trabalhe para se aperfeiçoar a qualidade das instituições, convém recordar que nelas nenhuma criança é inteiramente feliz, independentemente da estabilidade que lhe poderão proporcionar. Por detrás dos sorrisos, das exclamações de alegria, das actividades, guardam-se os traumas, os medos, a ferido do abandono, as saudades dos pais reais ou imaginários, o desejo de viver numa família que se perdeu ou que nunca se teve.”

Quer comentar esta afirmação? Concorda com a opinião do autor?

Claro que concordo. Para mim a minha família é tudo. Quando preciso de alguma coisa, quando tenho algum problema é a eles que eu recorro. Eles apoiam-me e ajuda-me.

Estas crianças não têm família por isso não podem ser felizes na totalidade. Ninguém é feliz sem conhecer as suas origens!

3. Entrevista Coordenadora Jardim-de-infância

É a primeira vez que se está a deparar com a presença de crianças institucionalizadas neste jardim-de-infância

Não. Sempre tivemos crianças institucionalizadas neste jardim-de-infância. Normalmente em salas do pré-escolar

Integrou estas crianças na instituição de modo diferente de todas as outras?

Não . Estas crianças são integradas e tratadas de forma igual às outras crianças.

Como Coordenadora, considera ter um comportamento diferente com as crianças institucionalizadas relativamente às restantes?

Não, mas há cuidados a ter com estas crianças que não temos eu ter com as outras.

A que cuidados se refere?

Um exemplo, uma destas crianças já teve tentativas de fuga do jardim-de-infância isso leva a que tenhamos que ter uma atenção especial. Mas se fosse outra criança qualquer, sem ser institucionalizada a ter este comportamento o cuidado era o mesmo de que com esta.

Como caracteriza a postura dos elementos da equipa pedagógica da instituição para com estas crianças?

Como Coordenadora acho que a maioria da equipa pedagógica adota uma postura igual para todas as crianças. Mas há sempre um sentimento de proteção para com estas crianças para tentar minimizar as carências afetivas. Em alguns casos nesta equipa pedagógica isso pode-se ver pela forma que os tratam e pelos presentes que lhes oferecem.

Perante o que vê considera que estas crianças possuem comportamentos característicos que os diferenciam das restantes crianças?

Sim sim, principalmente problemas de comportamento e carências afetivas

Esses problemas de comportamento a que se refere, poderá ter origem nessas mesmas carências afetivas?

Penso que sim São crianças que apesar da idade já viveram muito. Como já disse, é normal neste jardim-de-infância termos crianças institucionalizadas e cada uma é diferentes. Há aquelas que são extremamente carinhosas e existem aquelas que têm os problemas de comportamento que é este caso.

Tem alguma atenção especial para com elas?

Apesar de tentar tratar todas as crianças de igual modo, tenho algum cuidado para ajudar a restante equipa pedagógica a contornar estes comportamentos que muitas vezes são difíceis de resolver. Trabalhamos em equipa, ajudamo-nos uns aos outros!

Como Coordenadora, acha que a instituição que acolhe estas crianças trabalha em cooperação com o jardim-de-infância?

Sim, a instituição onde eles vivem tem o cuidado de reunir sistematicamente com a educadora da sala para falarem sobre os comportamentos e desenvolvimentos das crianças. Fazem sempre questão de nos manter informados sobre o historial e vivências na instituição para tentarmos compreender cada uma delas.

Para terminar, passo a ler uma citação de Paulo Delgado que “Por muito que se trabalhe para se aperfeiçoar a qualidade das instituições, convém recordar que nelas nenhuma criança é inteiramente feliz, independentemente da estabilidade que lhe poderão proporcionar. Por detrás dos sorrisos, das exclamações de alegria, das actividades, guardam-se os traumas, os medos, a ferido do abandono, as saudades dos pais reais ou imaginários, o desejo de viver numa família que se perdeu ou que nunca se teve.”

Quer comentar esta afirmação? Concorda com a opinião do autor?

Concordo, todas as crianças deviam ter direito a uma família mas também acho que muitas vezes é melhor serem entregues a estas instituições do que viverem em famílias desestruturadas.

É verdade que muitas das carências e os comportamentos que estas crianças têm são o resultado de muitas das más vivências nas famílias.

Estas instituições que os acolhem tentam dar a criança a estabilidade emocional e afetiva que eles tanto precisam.

4.Educadora Sala 4 anos

Alguma vez contou com a presença de uma criança institucionalizada no seu grupo de crianças?

Sim

Denotou então alguma diferença de comportamento dessas mesmas crianças para as restantes do grupo?

Sim com algumas crianças, com outras não. Depende já tive diferentes experiências mas normalmente são crianças com problemas no comportamento. São muito autónomas no vestir/despir, na alimentação mas muito carentes de afetos.

Quando se refere a problemas de comportamento, refere-se a que em específico?

Faltas de educação, agressividade, por vezes linguagem menos própria. Temos um exemplo deste ano que já existiram tentativas de fuga por parte de uma das crianças. Em alguns momentos podemos ver que estas crianças não respeitam o adulto nem os colegas.

Considera que estes comportamentos podem então estar relacionados com a carência afetiva que enunciou?

Claramente que sim. O amor de uma família é fundamental e estas crianças com apenas 3 anos já vivenciaram coisas que nem nós vivemos.

As inaptações, as ausências, os maltratos, a não compreensão dos comportamentos e atitudes do adulto faz com que as crianças se manifestem desta forma.

A nível da integração, como integrou as crianças institucionalizadas no grupo?

Tratando-as de igual para igual. Considero muito importante que estas crianças não se sintam diferentes e que as outras crianças também não as considerem diferentes.

Tinha uma atenção especial para com estas crianças?

Sim, apesar de tentar sempre que as outras crianças não se apercebessem desta atenção especial. Tentava sempre diminuir o sofrimento delas, ajudando-as.

Uma vez que o jardim-de-infância em que se encontra a exercer a profissão de Educadora tem crianças institucionalizadas em espaço extra-sala, tem uma atenção especial para com elas?

Como já disse, tento ajuda-las a ultrapassar os problemas de comportamento que são notáveis. Tento observar de forma sistemática quais os motivos que desencadeiam estes comportamentos, depois tento arranjar soluções para a criança ultrapassar a perturbação do momento.

Pelo que observa, estas crianças têm um comportamento diferente das restantes crianças?

Sim, regra geral sim. Como já disse, são crianças com problemas de comportamento devido às situações familiares vividas, mas também são crianças que têm facilidades que outras não têm, serem extremamente autónomas.

Para terminar, passo a ler uma citação de Paulo Delgado que “Por muito que se trabalhe para se aperfeiçoar a qualidade das instituições, convém recordar que nelas nenhuma criança é inteiramente feliz, independentemente da estabilidade que lhe poderão proporcionar. Por detrás dos sorrisos, das exclamações de alegria, das actividades,

guardam-se os traumas, os medos, a ferido do abandono, as saudades dos pais reais ou imaginários, o desejo de viver numa família que se perdeu ou que nunca se teve.”

Quer comentar esta afirmação? Concorda com a opinião do autor?

De certa forma concordo. O autor diz que nenhuma criança é feliz numa instituição porque queiramos ou não estas crianças procuram um lar, uma família. Mas também acho que entre as famílias que estas crianças têm, o mal menor que lhes pode acontecer é ir para uma instituição. De qualquer maneira acho que o melhor para estas crianças seria ter um dos seus direitos cumpridos. Direito à família.

5.Educadora Cooperante

É a primeira vez que tem no seu grupo crianças institucionalizadas?

Não, já trabalho neste jardim-de-infância há alguns anos e neste tempo, por várias vezes tive no grupo crianças institucionalizadas.

Considera que todas as crianças que já teve que viviam em instituições têm o mesmo nível de comportamento?

Na minha opinião, todas as crianças são diferentes, seres únicos com formas de se comportar diferentes. No caso das crianças institucionalizadas não considero que exista um comportamento que possamos chamar comportamento típico.

De que forma tenta integrar estas crianças na sala?

Tento sempre que esta integração seja feita o mais igual possível à das outras crianças.

Penso que é muito importante que eles se sintam parte do grupo e que se envolvam da mesma forma em todas as atividades.

Possui duas crianças institucionalizadas na sala. É possível observar alguma diferença a nível de desenvolvimento destas duas crianças perante o restante grupo?

Estas duas crianças têm um desenvolvimento global, apesar de mostrarem algumas dificuldades de comportamento, principalmente em cumprir regras.

Considera que os comportamentos que estas crianças têm no seu dia-a-dia estão relacionados com vivências do passado?

Sim, acredito que a maioria dos comportamentos que estas crianças têm por detrás diferente vivências que muitas vezes nem conhecemos. Penso que as reações negativas que estas crianças têm podem ter origem nestas vivências passadas.

Como caracteriza estes comportamentos?

São comportamentos totalmente diferentes das outras crianças do grupo. São mais instáveis emocionalmente o que leva a uma falta de atenção e concentração. É frequente vermos estas crianças a desrespeitar as pequenas regras da sala.

Perante tal situação, como reage a estes comportamentos?

Estes comportamentos levam-nos a usar várias estratégias ao longo dos dias, porque o que hoje resulta amanhã não funciona. As duas crianças têm diferentes comportamentos e atitudes, tendo os adultos que tentar solucionar e para isso precisamos de procurar e discutir estratégias.

Apesar disto, tentamos sempre manter as crianças motivadas e participativas nas atividades da sala.

Tem uma atenção especial para com estas crianças?

Tento ver o grupo de crianças não como um todo, mas como um conjunto de seres únicos que merecem uma atenção individualizada.

Mas sim, talvez tenha uma atenção diferente com estas crianças pelo comportamento delas, mas acima de tudo tento que nunca se sintam diferentes no grupo.

Considera saudável esta diferenciação para o restante grupo?

Tentei sempre que estas crianças não se sentissem diferentes, mas tenho consciência que nem sempre fui capaz de gerir alguns comportamentos e que por isso sou levada a um tratamento um pouco diferente em relação ao grupo.

Como Educadora acha que a instituição que acolhe estas crianças trabalha em cooperação com o jardim-de-infância?

Sim. Em todos os anos que trabalhei com a instituição que os acolhe sempre demonstraram um grande esforço em cooperar com o jardim-de-infância. Os profissionais que trabalham nesta instituição participam na vida escolar destas crianças e demonstram um grande interesse. Este ano, podemos verificar isto através do projeto lúdico dos bombeiros e do dispositivo pedagógico.

Para terminar, passo a ler uma citação de Paulo Delgado que “Por muito que se trabalhe para se aperfeiçoar a qualidade das instituições, convém recordar que nelas nenhuma criança é inteiramente feliz, independentemente da estabilidade que lhe poderão proporcionar. Por detrás dos sorrisos, das exclamações de alegria, das actividades, guardam-se os traumas, os medos, a ferida do abandono, as saudades dos pais reais ou imaginários, o desejo de viver numa família que se perdeu ou que nunca se teve.”

Quer comentar esta afirmação? Concorda com a opinião do autor?

Concordo na totalidade com a opinião deste autor. Acho que é feito um grande esforço pelos profissionais que estão com estas crianças mas existem sempre as vivências do passado que podem, de alguma forma impedi-los de crescer de forma feliz e saudável.

Durante a entrevista falamos dos comportamentos destas crianças, considero que em muitos casos a solução para estes comportamentos seria mesmo a estabilidade de uma família. Muitas vezes estes comportamentos que temos que enfrentar dia após dia fazem-nos refletir para que consigamos encontrar uma solução para os contornar.

Anexo III – Análise de conteúdo das Entrevistas à Equipa Pedagógica

1. Análise de conteúdo da entrevista à Auxiliar da limpeza

Contacto com Crianças Institucionalizadas
Primeira vez

Quadro 1 - Contacto com Crianças Institucionalizadas

Especial atenção com as Crianças Institucionalizadas
Atenção diferente Comportamentos diferentes Tentativa de fuga

Quadro 2 - Especial atenção com as Crianças Institucionalizadas

Caracterização comportamento Crianças Institucionalizadas
Comportamentos diferentes Revoltados Irrequietos Tentativas fuga Meigos Carinhosos

Quadro 3 - Caracterização comportamento Crianças Institucionalizadas

2. Análise de conteúdo da entrevista à Auxiliar de Ação Educativa

Contacto com Crianças Institucionalizadas
Não é a primeira vez

Quadro 1 - Contacto com Crianças Institucionalizadas

Nível de comportamento das Crianças Institucionalizadas
Todas têm comportamentos diferentes

Quadro 2 - Nível de comportamento das Crianças Institucionalizadas

Diferenças das Crianças Institucionalizadas perante o restante grupo
Comportamento

Quadro 3 - Diferenças das Crianças Institucionalizadas perante o restante grupo

Caracterização comportamento Crianças Institucionalizadas
Comportamentos não próprios
Faltas de respeito
Agressividade

Quadro 4 - Caracterização comportamento Crianças Institucionalizadas

Com quem se verificam estas faltas de respeito
Crianças
Adultos

Quadro 5 - Com quem se verificam estas faltas de respeito

Especial atenção com as Crianças Institucionalizadas
Atenção especial

Quadro 6 - Especial atenção com as Crianças Institucionalizadas

Explicação da atenção especial que é dada as Crianças Institucionalizadas
Irrequietas
Chamadas de atenção ao adulto
Menos rígida

Quadro 7 - Explicação da atenção especial que é dada as Crianças Institucionalizadas

Para as restantes crianças do grupo será saudável esta atenção especial dada às Crianças Institucionalizadas
Pode não ser saudável
Crianças Institucionalizadas educadas por muita gente
Outras crianças têm pai e mãe

Quadro 8 - Para as restantes crianças do grupo será saudável esta atenção especial dada às Crianças Institucionalizadas

Forma de Integração Crianças Institucionalizadas no grupo
Permissiva Dificuldade em trata-los igual Sujeitos a muitas regras na instituição que os acolhe

Quadro 9 - Forma de Integração Crianças Institucionalizadas no grupo

Bem-estar das Crianças Institucionalizadas segundo Paulo Delgado
Família é um alicerce Crianças Institucionalizadas não têm família Impossível serem felizes totalmente Não conhecem origens

Quadro 10 - Bem-estar das Crianças Institucionalizadas segundo Paulo Delgado

3. Análise de conteúdo da entrevista à Coordenadora

Contacto com Crianças Institucionalizadas
Frequente

Quadro 1 - Contacto com Crianças Institucionalizadas

Diferente integração das Crianças Institucionalizadas
Integração igual Cuidados Especiais

Quadro 2 - Diferente integração das Crianças Institucionalizadas

Coordenadora integra Crianças Institucionalizadas de forma diferente
Integração igual Cuidados Especiais

Quadro 3 - Coordenadora integra Crianças Institucionalizadas de forma diferente

Cuidados especiais a ter com as Crianças Institucionalizadas
Tentativa fuga leva a ter uma atenção especial Não é por viverem em instituições, mas pelos comportamentos

Quadro 4 - Cuidados especiais a ter com as Crianças Institucionalizadas

Caracterização postura da equipa pedagógica em relação às Crianças
--

Institucionalizadas
Proteção das crianças institucionalizadas Minimizar carências afetivas

Quadro 5 - Caracterização postura da equipa pedagógica em relação às Crianças Institucionalizadas

Comportamentos das Crianças Institucionalizadas que os diferenciam das restantes crianças
Problemas de comportamento Carências afetivas

Quadro 6 - Comportamentos das Crianças Institucionalizadas que os diferenciam das restantes crianças

Origem dos problemas de comportamento
Carências afetivas Crianças que já viveram muito Crianças Institucionalizadas são todas diferentes

Quadro 7 - Origem dos problemas de comportamento

Atenção especial para com as Crianças Institucionalizadas
Tento tratar crianças de forma igual Comportamentos difíceis de resolver Equipa pedagógica trabalha em equipa

Quadro 8 - Atenção especial para com as Crianças Institucionalizadas

Trabalho cooperativo entre o jardim-de-infância e a instituição
Reuniões Informação historial e vivências Compreender cada criança

Quadro 9 - Trabalho cooperativo entre o jardim-de-infância e a instituição

Bem-estar das Crianças Institucionalizadas segundo Paulo Delgado
Crianças direito à família Famílias desestruturadas Carências e comportamentos são resultado das vivências passadas Estabilidade emocional e afetiva

Quadro 10 - Bem-estar das Crianças Institucionalizadas segundo Paulo Delgado

4. Análise de conteúdo da entrevista a Educadora da Sala 4 anos

Contacto com Crianças Institucionalizadas
Frequente

Quadro 1 - Contacto com Crianças Institucionalizadas

Diferença no comportamento das Crianças Institucionalizadas em relação as restantes do grupo
Depende da Criança Institucionalizada Normalmente crianças com problemas de comportamento Autónomas Carentes de afetos

Quadro 2 - Diferença no comportamento das Crianças Institucionalizadas em relação as restantes do grupo

Caracterização dos problemas de comportamento
Faltas de Educação Agressividade Linguagem menos própria Tentativas de fuga Faltas de respeito

Quadro 3 - Caracterização dos problemas de comportamento

Origem dos Comportamentos das Crianças Institucionalizadas
Carências afetivas Ausências Más vivências Inadaptações Maus tratos

Quadro 4 - Origem dos Comportamentos das Crianças Institucionalizadas

Integração das Crianças Institucionalizadas no grupo
Tratar de igual modo Crianças Institucionalizadas não se sintam diferentes

Quadro 5 - Integração das Crianças Institucionalizadas no grupo

Especial atenção com as Crianças Institucionalizadas
<p style="text-align: center;">Especial atenção Diminuir Sofrimento</p>

Quadro 6 - Especial atenção com as Crianças Institucionalizadas

Atenção especial para com as Crianças Institucionalizadas no espaço extra-sala
<p style="text-align: center;">Problemas comportamento Observação sistemática Ajudo ultrapassar perturbação do momento</p>

Quadro 7 - Atenção especial para com as Crianças Institucionalizadas no espaço extra-sala

Diferença de comportamentos das crianças institucionalizadas das restantes crianças
<p style="text-align: center;">Problemas comportamento Situação familiar Vivências passadas Crianças autónomas Comportamentos diferentes</p>

Quadro 8 - Diferença de comportamentos das crianças institucionalizadas das restantes crianças

Bem-estar das Crianças Institucionalizadas segundo Paulo Delgado
<p style="text-align: center;">Crianças procuram família Direito À família Mal menor é viver numa instituição</p>

Quadro 9 - Bem-estar das Crianças Institucionalizadas segundo Paulo Delgado

5. Análise de conteúdo da entrevista a Educadora Cooperante

Contacto com Crianças Institucionalizadas
Frequente

Quadro 1 - Contacto com Crianças Institucionalizadas

Nível de comportamento de Crianças Institucionalizadas
Crianças todas diferentes Inexistência de um “comportamento Típico”

Quadro 2 - Nível de comportamento de Crianças Institucionalizadas

Integração de Crianças Institucionalizadas no grupo
Integração igual Não diferenciar nenhuma criança Envolvimento em todas as atividades

Quadro 3 - Integração de Crianças Institucionalizadas no grupo

Diferença de desenvolvimento Crianças Institucionalizadas perante o restante grupo
Desenvolvimento global Dificuldades de comportamento Não respeitam regras

Quadro 4 - Diferença de desenvolvimento Crianças Institucionalizadas perante o restante grupo

Origem dos comportamentos Crianças Institucionalizadas
Vivências que nem sempre conhecemos Reações negativas Origem vivencias passadas

Quadro 5 - Origem dos comportamentos Crianças Institucionalizadas

Caracterização comportamento crianças institucionalizadas
Comportamentos diferentes Instabilidade emocional Falta de atenção e concentração Desrespeito de regras da sala

Quadro 6 - Caracterização comportamento crianças institucionalizadas

Reação adulto aos comportamentos das Crianças Institucionalizadas
Estratégias diferentes dia para dia Diferentes atitudes e comportamentos Crianças motivadas Crianças participativas

Quadro 7 - Reação adulto aos comportamentos das Crianças Institucionalizadas

Especial atenção com as Crianças Institucionalizadas
Tratar todos de forma igual Todos merecem atenção individualizada Comportamento diferente

Quadro 8 - Especial atenção com as Crianças Institucionalizadas

Para as restantes crianças do grupo será saudável esta atenção especial dada às Crianças Institucionalizadas
Crianças não se sintam diferentes Diferentes comportamentos Tratamento diferente em relação ao grupo

Quadro 9 - Para as restantes crianças do grupo será saudável esta atenção especial dada às Crianças Institucionalizadas

Trabalho cooperativo entre o jardim-de-infância e a instituição
Cooperação com o jardim-de-infância Participação na vida escolar Projeto lúdico bombeiros Dispositivo pedagógico

Quadro 10 - Trabalho cooperativo entre o jardim-de-infância e a instituição

Bem-estar das Crianças Institucionalizadas segundo Paulo Delgado
Vivências do passado pode impedir a felicidade Estabilidade familiar seria a solução Encontrar soluções para ultrapassar comportamentos das Crianças Institucionalizadas.

Quadro 11 - Bem-estar das Crianças Institucionalizadas segundo Paulo Delgado

Anexo IV- Gráficos

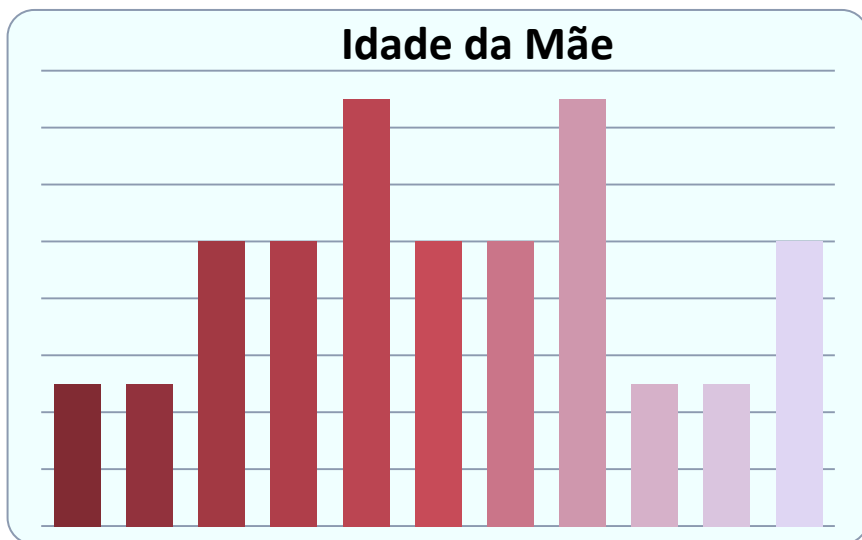


Gráfico n° 1 – Caracterização das famílias segundo a idade da Mãe

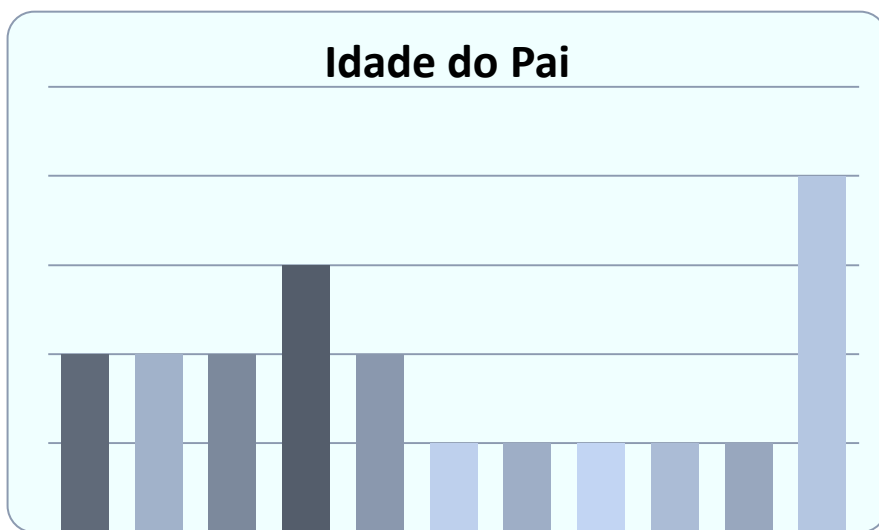


Gráfico n° 2 – Caracterização das famílias segundo a idade do Pai

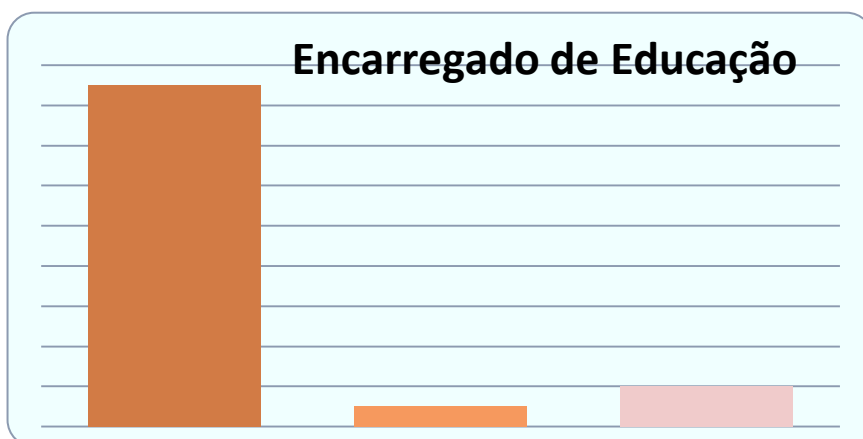


Gráfico nº 3 – Caracterização das famílias segundo o grau de parentesco do Encarregado de Educação

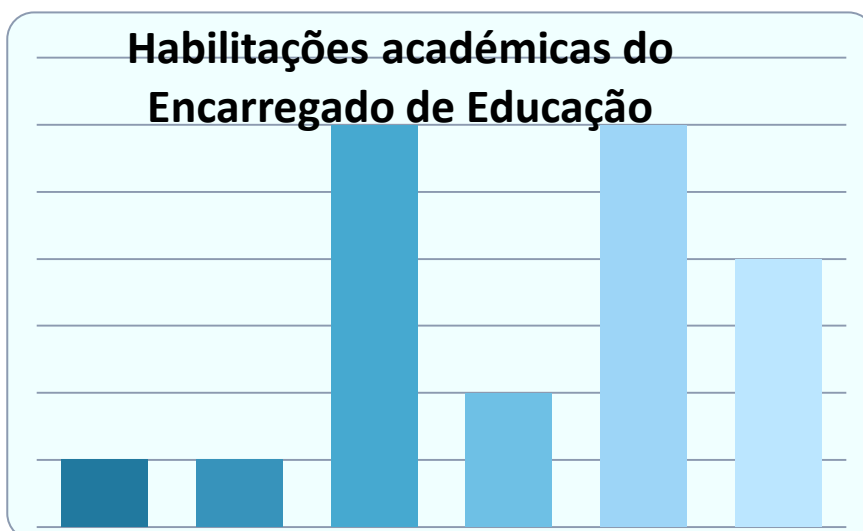


Gráfico nº 4 – Caracterização das famílias segundo as habilitações académicas do Encarregado de Educação

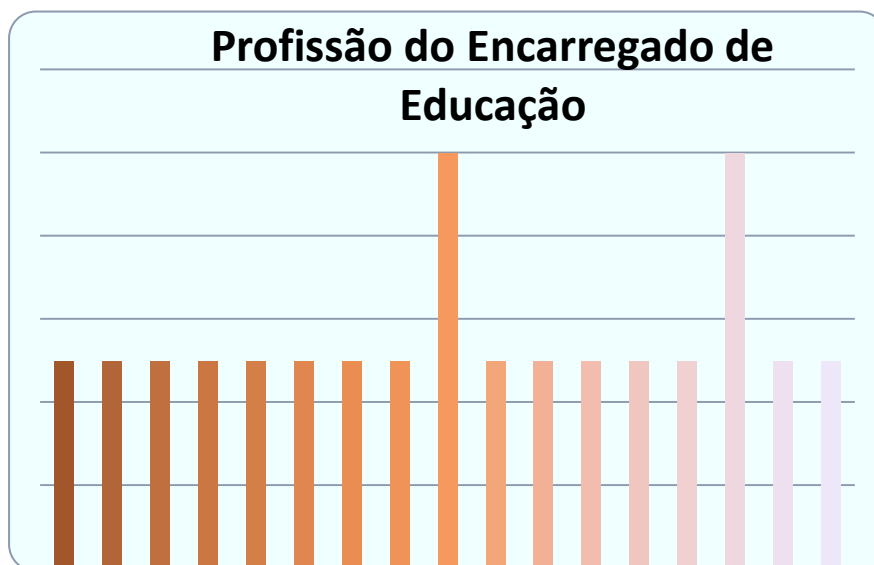


Gráfico nº 5 – Caracterização das famílias segundo a profissão do Encarregado de Educação

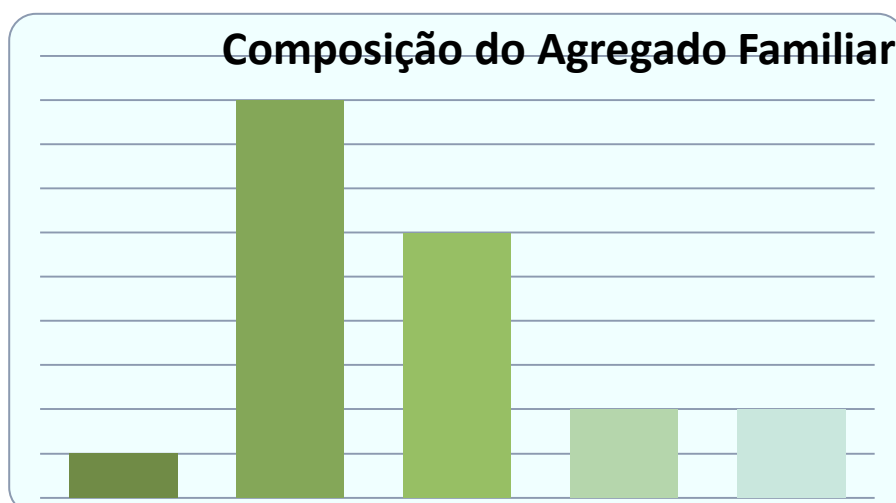


Gráfico nº 6 – Caracterização das famílias segundo a composição do Agregado Familiar

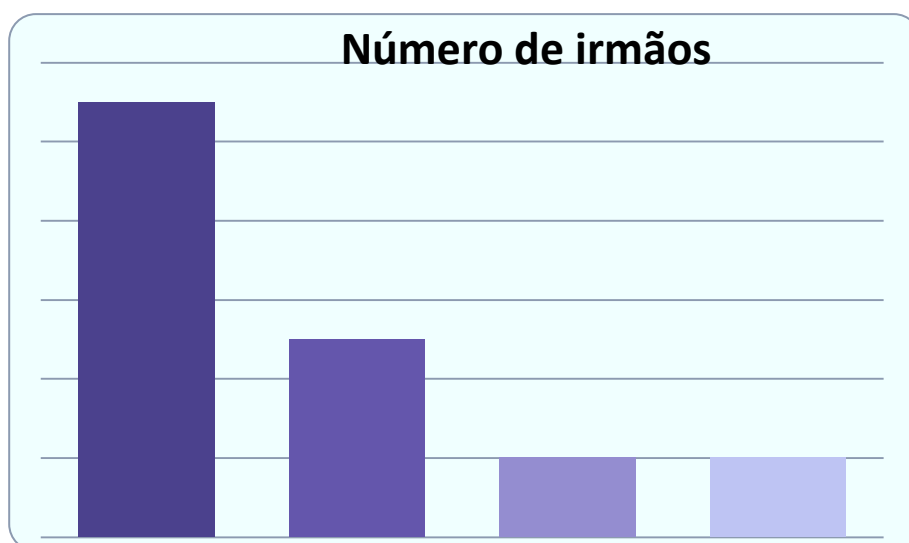


Gráfico nº 7 – Caracterização das famílias quanto ao número de irmãos

Anexo V - Registo de Incidente critico nº 1

Nome da criança: M

Idade: 3 anos

Observadora: Inês (estagiária)

Data: 26.09.2012

Descrição

A criança M encontrava-se no recreio exterior a brincar, enquanto eu e a Dr^a Ivone estávamos a conversar acerca do estágio.

O M vem ter comigo e diz:

“M- Inês anda brincar comigo!

Inês – Já vou, vai lá que já vou ter contigo.

Dr^a Ivone – (dirigindo-se à criança) Como se chama?

M – O A O A....

Inês – Não é A que te chamas, diz à Dr^a Ivone o teu nome!

M – O A ... O A...

Comentário

A criança M não se demonstrou capaz de responder à Dr^a Ivone, mesmo a pergunta ter sido apenas relativa ao seu nome.

O A, é o seu grande amigo. Estes vivem na mesma casa e permanecem grande parte do tempo juntos no jardim-de-infância. A única preocupação do M era saber onde estava o A, não tendo a capacidade de responder ao que lhe estava a ser perguntado.

O sucedido fez com que fosse perceptível a dependência que estas duas crianças têm um do outro.

Anexo VI - Registo de Incidente critico nº 2

Nome da criança: J

Idade: 3 anos

Observadora: Inês (estagiária)

Data: 20.10.2012

Descrição

O J está na casinha com a G e a E. O J pede à G que se deite na cama e começa a trocar-lhe a fralda, e diz ao mesmo tempo:

“Vamos trocar a fralda porque tens o rabinho todo sujo, já sabes que tens que pedir para ir fazer ao pote!”

Comentário

A criança J, que ainda usa fralda para dormir, conseguiu realizar o jogo simbólico daquilo que lhe é dito quando lhe vão mudar a fralda. Assim, a criança demonstrou que sabia e percebia o que tinha que fazer quando tivesse vontade ir à casa-de-banho.

Anexo VII - Registo de incidente crítico nº 3

Nome da criança: V

Idade: 3 anos

Observadora: Inês (Estagiária)

Data: 17.12.2012

Incidente

“ Inês – V sabes fazer o número 3?

V – Sim Inês, é igual a uma gaivota mas de pé”

Comentário

A criança V usa a representação simbólica para associar a representação numérica a uma simbologia que denomina por “gaivota em pé”.

Anexo VIII - Check-list nº 1 – Motricidade Grossa

Criança	Salta de pés juntos	Salta só com um pé
B	X	/
G	X	/
C	/	/
M	/	/
F	X	/
I	X	/
L	/	/
X	X	/
D	/	/
T	X	/
Y	X	/
E	X	X
N	X	/
O	X	/
J	X	/
V	X	X
R	X	/
S	X	X
Z	X	X
A	X	/

Legenda:

X – Consegue executar

/ - Não consegue executar

Anexo IX - Check-list nº 2 – Motricidade Fina

Criança	Pegar na tesoura corretamente	Recortar em linha reta	Desenhar figura humana
B	X	/	/
G	X	/	/
C	/	/	/
M	/	/	/
F	/	/	/
I	X	/	/
L	/	/	/
X	/	/	/
D	/	/	/
T	X	/	X
Y	/	/	/
E	X	X	/
N	/	/	/
O	/	/	/
J	X	/	/
V	X	X	X
R	X	/	/
S	/	/	/
Z	X	/	/
A	/	/	/

Legenda:

X – Consegue executar

/ - Não consegue executar

Anexo X - Check- List nº3 – Representação da Figura Humana

Criança	Desenha a representação da figura humana
B	✓
G	✓
C	✓
M	X
F	✓
I	✓
L	X
X	✓
D	✓
T	✓
Y	✓
E	✓
N	✓
O	✓
J	✓
V	✓
S	✓
Z	✓
A	X

Legenda:

✓ – Consegue executar

X - Não consegue executar

Anexo XI - Incidente critico nº 4

Nome da criança: V

Idade: 3 anos

Observadora: Inês (estagiária)

Data: 5.3.2013

Descrição

Em diálogo com as crianças em grande grupo, a criança V vira-se para a criança J e disse:

“- Sabes eu gosto muito mais do meu pai do que da minha mãe”

Comentário

Com o comentário da criança foi possível verificar a maior proximidade desta criança com o pai, ou seja, o sexo oposto. Sendo normal nas crianças de 3 anos, visto estarem na fase fálica.

Anexo XII - Registo de Incidente Critico nº 5

Nome da criança: T

Idade: 3 anos

Observadora: Inês (estagiária)

Data: 1.11.2012

Descrição

Eu e a Educadora Cooperante da sala estávamos a colocar no placard os meses e datas de aniversários de cada crianças. Quando a criança T se aproxima e, ao ver as letras dos meses do ano começa a enunciar:

“Este mês tem o Me de Mafalda e de Mamã”

“Este mês tem o Je de João”

Comentário

A criança T demonstrou já ter uma perceção do nome de algumas letras e de palavras diferentes que contenham esta mesma letra.

Foi uma total surpresa para mim e para a Educadora, pois nunca tinha sido perceptível este saber da criança em questão. Visto que esta nunca demonstrou interesse em realizar a escrita do seu nome.

Anexo XIII – Registos Fotográficos Intervenção ao nível do Refeitório

Fotografia 1 – Manequim que representa cozinheira



Fotografia 2 – Quadro de avaliação de comportamento



AnexoXIV – Registos Fotográficos Intervenção ao nível do Recreio

Fotografia 1 – Acerta no Buraco



Fotografia 2 – Caixa de Areia



Fotografia 3 – Balizas de Futebol



AneXO XV – Registos Fotográficos a nível da prática pedagógica

Fotografia 1 – Formação conjuntos de legumes



Fotografia 2 – Maracas construídas pelas crianças



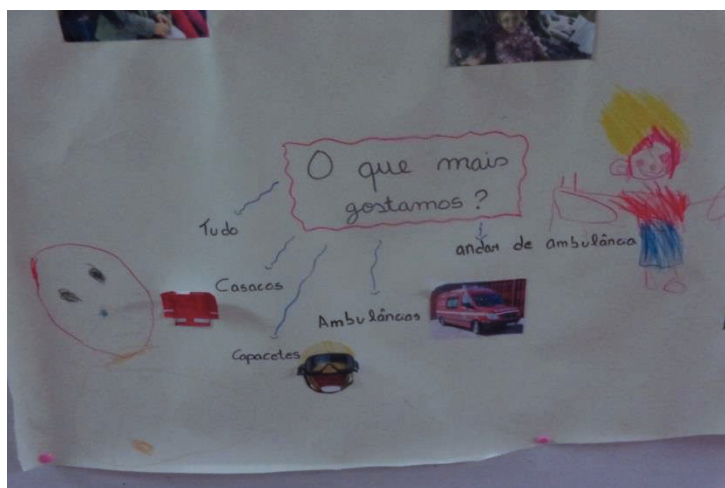
Fotografia 3 – Desenhar ao som da música



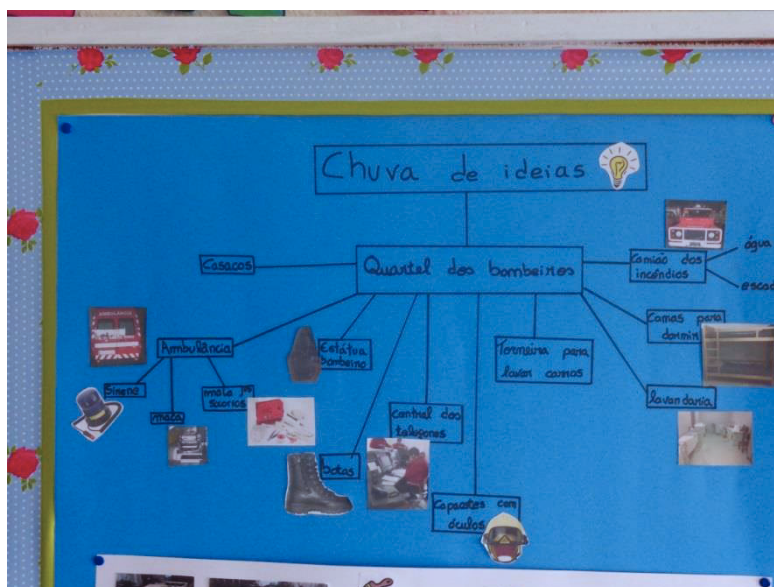
Fotografia 4 – Apresentação do instrumento violino



Fotografia 5 e 6 – Registo visita ao “Quartel dos Bombeiros”



Fotografia 7 – Chuva de Ideias



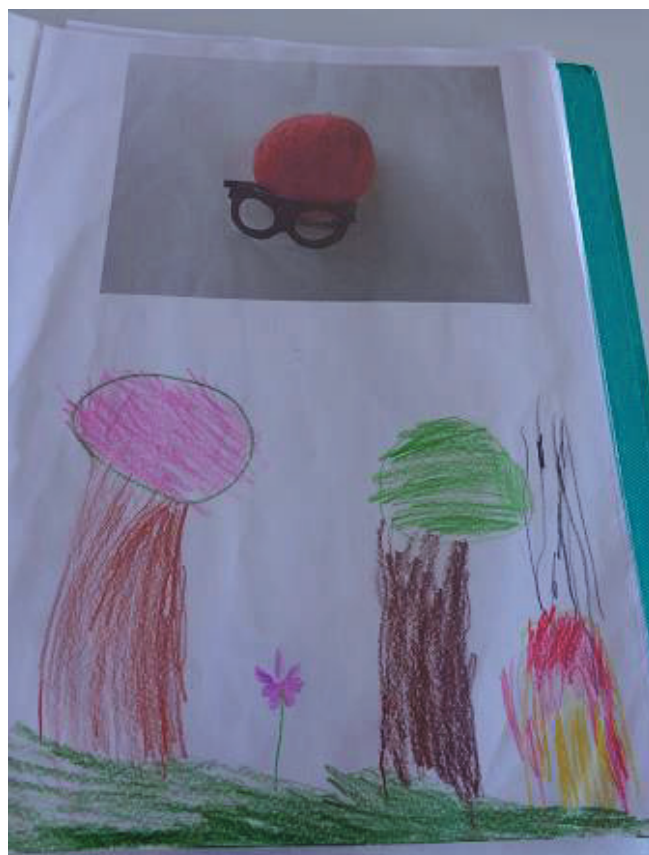
Fotografia 8 – Base de Madeira para ambulância



Fotografia 9 – Sirene ambulância



Fotografia 10 e 11 – Registo finalidade dos capacetes



Fotografia 12 – Dispositivo pedagógico inicialmente



Fotografia 13 – Dispositivo pedagógico finalizado



Fotografia 14 – Coração crianças institucionalizadas



Anexo XVI Realização da Sopa de Nabos

Data de realização: 26.10.2012

Intenções Pedagógicas

- Desenvolver a noção de quantidade
- Promover o conhecimento dos diferentes legumes
- Desenvolver o sentido tátil
- Promover uma alimentação saudável
- Promover o envolvimento Parental

Crianças implicadas nesta realização : Todas as crianças da sala dos 3 anos

Recursos Materiais: Legumes, panela, faca, bacia, plástico grande, água, sal, azeite.

Descrição

No dia 19 de Outubro, foi elaborada a hora do conto com a história “O nabo Gigante”, onde as crianças demonstraram uma grande curiosidade por verem, analisarem e explorarem o legume “nabo”. Porém, não existia nenhum na instituição naquele mesmo dia. Sendo que, surgiu assim a ideia da realização de uma sopa de nabos, numa perspetiva de as crianças não ficarem só a conhecer os nabos mas todos os outros legumes que pode conter numa sopa.

Para uma melhor organização da realização desta sopa, foi pedida a colaboração dos pais para a recolha de legumes. Para isto, foram distribuídos os legumes pelas crianças e as quantidades necessárias.

Desta forma, foram pedidos para a elaboração da sopa os seguintes legumes, cenouras, cebolas, batatas, xuxu, abóbora, nabos, couve-flor, couve coração, espinafres e alho francês.

Antecedendo a realização da sopa especificamente, as crianças apresentaram aos amigos os legumes que trouxeram de casa e foi realizada a formação de conjuntos dos diferentes legumes. Desta forma, foi aproveitada a ocasião para não só trabalhar os novos conhecimentos acerca dos legumes, mas também para fazer uma abordagem à matemática.

Desta forma, as crianças após a apresentação do que trouxeram iam colocando no centro da roda, em cima de um plástico os legumes, fazendo os diferentes conjuntos. Após esta realização foi dado início à contagem dos legumes de cada conjunto.

Numa perspetiva de as crianças terem um papel ativo na realização desta sopa, foram realizados pequenos grupos, constituídos por quatro crianças, que se deslocavam à vez para o refeitório, onde estava a proceder-se à realização da sopa.

Assim, cada criança teve a oportunidade de ver, apalpar e analisar cada legume que estava a ser descascado e cortado pelos adultos.

Após as crianças terem colocado todos os legumes cortados na panela da sopa, esta foi levada pela auxiliar de educação para a copa, onde ficou a cozer.

Nesse mesmo dia, as crianças tiveram a oportunidade de comer a sopa que realizaram.

Avaliação

Esta atividade demonstrou ser de grande motivação e bastante benéfica para as crianças.

Assim, o facto de serem as crianças a trazerem de casa os legumes e serem eles a apresentarem aos amigos o que trouxeram, fez com que se mostrassem mais participativos, motivados e entusiasmados com esta realização.

A realização de pequenos grupos demonstrou ser uma técnica benéfica para a participação de todas as crianças nesta realização, uma vez que todas as crianças tiveram o contacto tátil com os legumes apesar de possuírem diferentes papéis nesta realização.

Foi possível verificar uma grande alegria por parte das crianças na hora do almoço, quando chegaram à mesa e constataram que iriam comer a sopa que fizeram. Após terem provado, existiram vários comentários dos quais o mais comum foi “A nossa sopa está muito boa”.

Considero que todos os objetivos pretendidos para a atividade foram cumpridos.

Anexo XVII - Projeto Lúdico – Quartel dos Bombeiros

Data de início: 21.3.2013

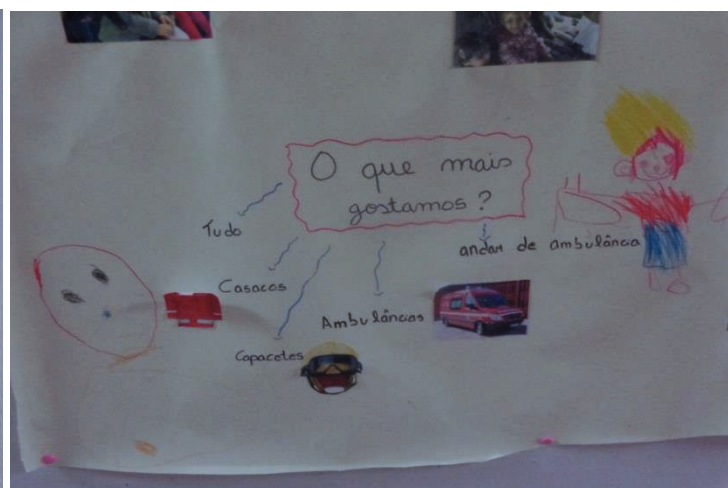
Motivação – Intrínseca

No dia 15 de Março de 2013 foi planificada uma visita ao novo Quartel de Bombeiros de Santo Tirso. Esta visita deu-se por convite de uma mãe, bombeira voluntária neste mesmo quartel.

A visita demonstrou ser altamente motivadora para as crianças, foi-lhes permitido não só a visualização de muitos instrumentos de bombeiros como a experimentação dos mesmos.

Desta forma, na semana que se seguiu foi realizado o registo da visita realizada, onde as crianças quiseram colocar todas as fotografias tiradas nesta visita e foi-lhes perguntado o que eles mais tinham gostado na visita, desenvolvendo assim a capacidade de memorização de cada criança.

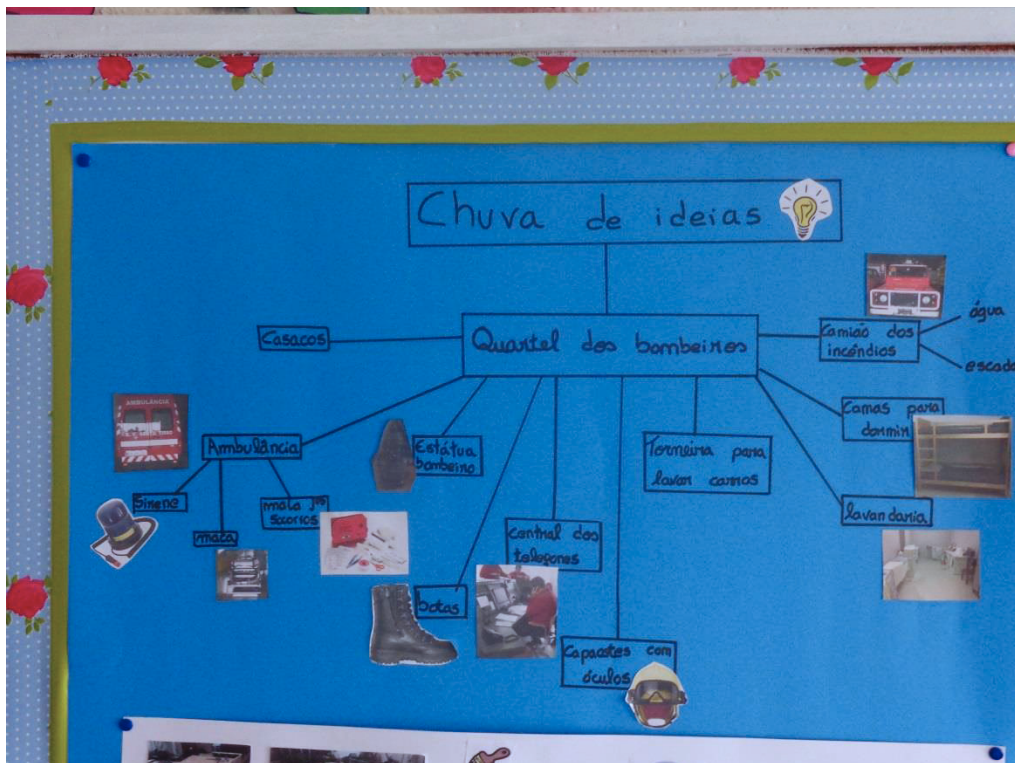
Por conseguinte, no dia a seguir a este registo, as crianças começaram a demonstrar uma enorme motivação, um interesse imenso e um grande desejo em construir um quartel de bombeiros na nossa sala, parecido com o que tinha visto naquela visita.



Planificação

Com todo este interesse e motivação por parte das crianças, foi desde logo construído com eles uma chuva de ideias em relação a tudo o que queriam fazer.

Assim, as crianças todas tiveram a oportunidade de dizer o que gostavam de construir, dando sugestões como: ambulância com sirene, maca e mala de primeiros socorros; camas para dormir (beliche); capacetes com óculos; casacos; lavandaria; camião dos incêndios com água, escadas e mangueira; botas; estátua de um bombeiro; e por fim, a central dos telefones.



Execução

Etapa – Elaboração dos capacetes e óculos

Capacetes

Na visita realizada ao Quartel, todas as crianças tiveram a oportunidade de experimentar os capacetes que os bombeiros levam para os incêndios. Deste modo, as crianças ao realizarem a chuva de ideias enumeraram este aspeto como o que gostariam de fazer para a sala também.

Assim, ao dialogar com as crianças acerca do como iríamos realizar os capacetes estes disseram que gostavam de fazer um capacete vermelho e outro amarelo. Assim, foram realizados estes dois capacetes com um balão, jornal e cola branca sendo posteriormente cada um pintado das cores correspondentes.

Muito além do desenvolvimento da motricidade fina e da precisão manual que esta realização provocou, é de salientar que as crianças apreenderam a diferença entre estes capacetes sendo “o capacete amarelo para o fogo em casa” e “o capacete vermelho para os bombeiros levarem para o fogo no monte”. Sendo que as diferenças se fazem ver também nas brincadeiras que as crianças têm ao longo do dia dizendo “vou apagar o fogo no monte”, estando respetivamente com o capacete vermelho.

Uma vez que estavam a ser abordados os capacetes dos bombeiros, foi dialogado com as crianças o facto de usarem capacetes noutras situações. Assim, concluiu-se que grande parte das crianças usa capacete ao andar de bicicleta, apesar de alguns não usarem. Desta forma, foi feito um apelo as crianças para a importância do uso do capacete, joelheiras e cotoveleiras.

Crianças implicadas na realização: E, N, F, V, H e M





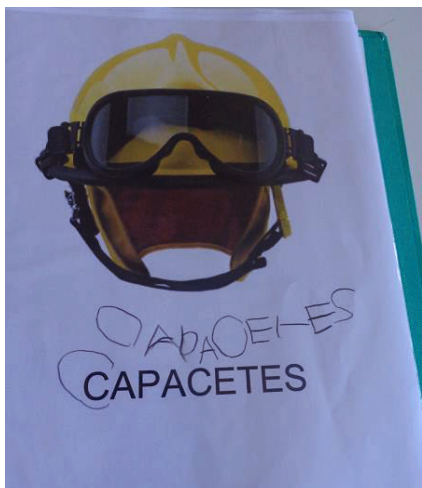
Óculos

Os óculos que estão inseridos nos capacetes dos bombeiros, têm a função de “proteger os olhos do fumo” e por isso também foram realizados logo após os capacetes. Estes foram elaborados com cartolina, papel de acetato e elástico preto. Com a ajuda da educadora desenharam o formato dos óculos, colaram o papel de acetato como forma de simbolizar o vidro dos óculos e após isso foram cortados e agrafados os elásticos aos óculos. Ao mesmo tempo que se dava a realização dos capacetes com um pequeno grupo, estava outro na realização da ambulância.

Perante toda a proteção que os bombeiros usam, foi abordado com as crianças a segurança também quando eles próprios estão a andar de bicicleta. Para iniciar falou-se da proteção existente (capacete, cotoveleiras e joelheiras), após isto quem tinha bicicleta uma vez que todos tinham foi elaborado um gráfico de barras de quem usa ou não pelo menos o capacete. As crianças identificaram rapidamente qual era a barra maior dizendo “existem mais meninos a usar capacetes”.

Crianças implicadas na realização: T, B, I, J, O e Z





Etapa – Fardas de bombeiros

Uma vez que a instituição apresenta recursos aos variados níveis, foi pedido à costureira que lhes fizesse as fardas, para tal, em pequeno grupo dirigiram-se à costureira e explicaram como eram as roupas dos bombeiros.



Etapa – Elaboração da ambulância

Ao iniciar o projeto, as crianças demonstraram um grande interesse na ambulância, tendo definido até como prioridade esta construção. As crianças propuseram fazer em madeira e como “não conseguimos pedimos a um senhor para nos ajudar a fazer”.

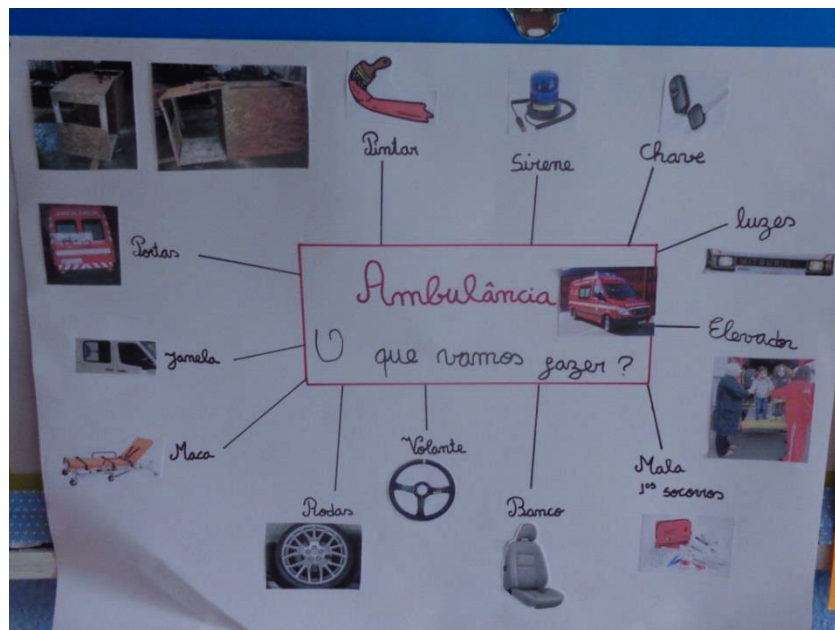
Assim, recorri a um carpinteiro com o intuito de me fazer uma base de ambulância para posteriormente as crianças elaborarem tudo o que advém neste meio de transporte.



Base de madeira realizada pelo Carpinteiro

Ao ver esta base de madeira, todo o grupo ficou radiante, querendo logo decidir o que iria ser feito para tornar esta ambulância o mais real possível.

Desta forma, na chuva de ideias inicial do projeto, apenas queriam ter na ambulância uma sirene, uma maca e uma mala de primeiros socorros. No entanto, após verem e explorarem a ambulância surgiram várias ideias, tais como: portas de lado e atrás com janelas, volante, acetos, maca, mala primeiros socorros, sirene, luzes, rodas, elevador, chaves e por fim, pintar toda de vermelho.



Pintura da ambulância

Na visita ao quartel dos bombeiros, foi possível visualizar várias ambulâncias apresentando cada uma características diferentes. Desta forma, as crianças escolheram que a ambulância deste quartel na sala seria vermelha com as letras brancas. Uma vez decidida a cor que iria ser pintada, levantou-se a questão de “quem vai fazer”. Neste momento, instalou-se uma grande confusão pois todas as crianças manifestavam entusiasmo nesta mesma pintura, uma vez que é “a ambulância da nossa sala e todos querem pintar”. Então, foi acordado entre adultos e crianças que todos iriam pintar um bocadinho da ambulância uma vez que esta suporta dimensões extensas.

Após ter sido decidido, era necessário arranjar pinceis adequadas para a pintura desta mesma ambulância, para isto comprei duas trinchas, uma vez eu iam pintar duas crianças de cada vez.

Enquanto duas crianças pintavam foi possível assistir a uma conversa entre duas crianças em que estas por terem duas trinchas e não os pinceis habituais estavam a encarar o papel de pintoras.

Registo de incidente crítico

Crianças: G, E

Idade: 3

Data: 3.4.2013

Observadora: Estagiaria

Descrição

“G- Temos estes pinceis por isso somos uma pintadoras.

E – Pintoras, não é pintadoras G”

Comentário

A criança G através das trincha associou logo à profissão de pintor, uma vez que se encontravam com um objeto que permitiu o jogo do faz-de-conta”

A criança E conseguiu corrigir a criança G pelo erro dado na palavra “pintadoras”.



Após a ambulância estar toda pintada de vermelho, foi pintada uma faixa branca de cada lado da ambulância, onde eu delimitei, risquei uma linha em cima e outra em baixo e as crianças pintaram entre estas delimitações. Foi nítida a diferença entre estas duas crianças na pintura delimitada, a criança com 2 anos de idade apresentou mais dificuldade saindo por vezes fora do risco que estava a delimitar o que já não se verificou com a criança de 3 anos.



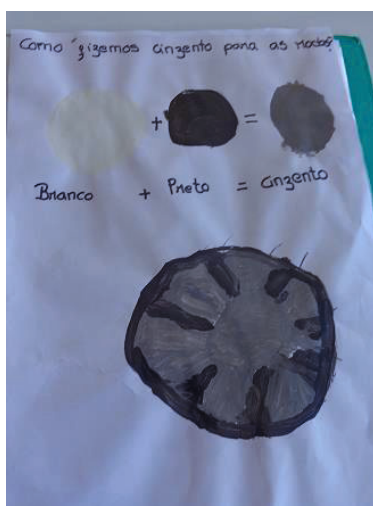
Construção das rodas

Para a construção das rodas, as crianças propuseram desenhar um círculo em cartolina preta e cortar, e posteriormente pintar de cinzento para fazer de jantes. Foram assim elaboradas quatro rodas para a ambulância.

As rodas foram construídas em pequeno grupo, sendo constituído por 3 crianças. Estas ao se deparar com o ter que desenhar um círculo, deram a ideia de pegar na “tampa do cesto dos chapéus” que é grande e tem a forma circular.

Após a cortagem dos círculos, quando chegou a hora de pintar a instituição não tinha tinta cinzenta, tendo sido assim levantada a questão de como fazer cinzento com outras tintas. Recorremos à experimentação de junção de várias tintas propostas por eles, até chegarmos ao preto e branco. As crianças ficaram espantadas e foram chamar os restantes colegas para partilhar a nova descoberta feita. Assim, foi trabalhada a área do conhecimento do mundo (a experimentação da junção das cores) e ainda, noções matemáticas quando ao registar esta descoberta foi colocado (preto + branco = cinzento).

Crianças implicadas na realização: G, F e Z



Construção das portas

Quando se ia dar a construção das portas da ambulância, foi dado início ao estágio de 3º ano de Licenciatura em Educação Básica da ESEPF, tendo esta que se envolver no projeto uma vez que a motivação das crianças é enorme.

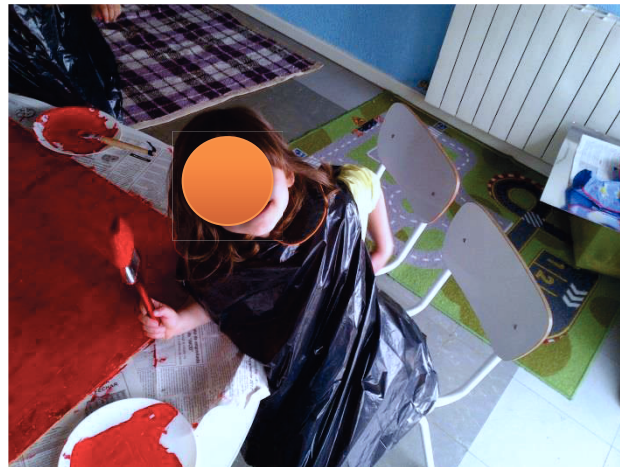
Assim, para a construção das portas foi planejado com as crianças “o que vamos fazer?”, “como vamos fazer?” e “quem vai fazer?”. Neste momento, as crianças decidiram que as portas deveriam ser feitas em cartão e pintadas de vermelho. Assim se deu início à realização das mesmas.

Após estarem realizadas foram colocadas no sítio e as crianças começaram a utilizar. Porém, como a ambulância é uma área bastante frequentada pelas crianças as portas rasgaram uma vez que foram feitas em cartão e não apresentavam resistência.

O grupo foi reunido uma vez que existia um problema para resolver, desenvolvendo assim a capacidade de resolução de problemas. Ao falar com as crianças elas afirmaram que as portas de cartão não davam porque se rasgavam e a única solução seria “pedir aos senhores que fizeram a ambulância um bocadinho de madeira”, eu disse que então ia efetuar o pedido.

A madeira apareceu na sala e deu-se início outra vez à pintura das portas desta vez num material mais resistente, madeira.

As portas de trás da ambulância foram realizadas em pano, uma vez que as crianças disseram “podíamos fazer igual à da casinha em pano”.





Crianças implicadas na realização: C, N, A e V

Poema Bombeiro

“Sou amigo de ajudar
E gosto da natureza
Que profissão vou escolher?
Ser bombeiro com certeza.

Gostava de ser bombeiro
E para isso vou estudar
Não julguem que o bombeiro
É só toca a apagar.

Vou a casa, vou ao mar,
E corro se for preciso,
Menino vou-te ajudar
E sempre com um sorriso.”

Uma vez que a motivação das crianças é tal para tudo o que seja relacionado com bombeiros, levei para a sala o poema dos bombeiros acima escrito.

Numa primeira fase, li o poema todo sozinha e posteriormente as crianças começaram a repetir frase a frase comigo, apelando assim a capacidade de memorização. Ainda foi realizado um pictograma com as crianças como forma de registo deste poema.

Nesta mesma tarde, foi abordado este poema como forma de canção para uma mais fácil memorização por parte das crianças, para tal foi acrescentado ao poema uma última frase “Não há, há, há Bombeiro como eu”, utilizando assim de fundo o ritmo da música “Não há estrelas no céu” de Rui Veloso.

Foi notório logo de imediato que as crianças começaram a decorar muito mais facilmente a canção e a partir deste momento era a música que o grupo pedia sempre para cantar em momentos de transição.

Numa perspetiva de fazer a ponte entre o projeto de sala e a festa de final de ano, esta música vai fazer parte da mesma. Para isso, vai ser realizada a dramatização de um acidente de carros em que os bombeiros vão cuidar dos feridos depois de uma criança ligar para o 112. O teatro acaba com as crianças a cantar esta canção.

Palavra ambulância

Uma vez as ambulâncias têm a palavra ambulância escrita ao contrário na parte da frente para que os carros que vão a sua frente, ao verem pelo retrovisor vejam a palavra ambulância escrita corretamente, a educadora cooperante e a estagiária acharam de extrema importância abordar este tema com as crianças.

Para tal, foram levadas fotografias diferentes da parte da frente da ambulância e da parte de trás. Foram mostradas às crianças questionando-as se existia alguma diferença. Após ter explicado o porque, as crianças dirigiram-se comigo à casinha em grupos pequenos para vermos o efeito no espelho. Assim, foram também abordados os retrovisores e a sua função.

Para a escrita da palavra ambulância foram levadas as letras já recortadas em papel autocolante branco, onde as crianças com a fotografia de uma ambulância a beira coloram as letras pela respetiva ordem.

Uma vez que o grupo é constituído por crianças de 3 anos, denotou-se uma dificuldade por parte das crianças, sendo que esta questão mexe com a lateralidade das mesmas.



Elaboração dos retrovisores

Anteriormente a esta etapa, elaboração dos retrovisores, deu-se a escrita da palavra ambulância na parte da frente da mesma. Assim ao explicar o porque de “ambulância” estar escrito ao contrário na parte da frente foram abordados os retrovisores. Assim, quando foi questionado qual seria a etapa seguinte a fazer a maioria deu prioridade aos retrovisores.

Para tal, foi levada uma fotografia de um tamanho consideravelmente grande para que estes efetuassem a contagem dos retrovisores, até que chegaram ao 3 (2 fora da ambulância e 1 dentro).

Para efetuar estes retrovisores foi dado às crianças a cartolina espelhada para fazer de espelho onde, após isto foram aos materiais recicláveis ver o que existia para poderem construir uns. Aqui encontraram pacotes de leite e decidiram que seria para o de dentro “porque parece um retângulo” e outras duas “que são um quadrado para fora”.

Com o auxílio do adulto, chegaram a conclusão que tinham que colocar algo a unir a caixa à ambulância, onde em conjunto chegamos aos rolos de papel higiénico.



Mala Primeiros Socorros

Para a introdução da mala de primeiros socorros na ambulância, procedi ao convite a um bombeiro para vir explicar “O que fazer quando nos aleijamos?”.

Anteriormente À chegada do bombeiro, tive a mostrar os elementos que compõem uma mala de primeiros socorros (compressas, ligaduras, pensos, soro e fita adesiva). O bombeiro explicou como se deve limpar uma ferida e o que devemos fazer dependendo o tamanho da mesma. A atividade foi de grande entusiasmo para as crianças visto que o bombeiro tentou sempre mante-las ocupadas, dando uma função a cada uma. Uns eram os aleijados, outros os que limpavam a ferida, outros colocavam o penso e assim sucessivamente.

Para além de tudo isto, o bombeiro abordou-os ainda com o número de emergência médica e apelou-lhes que não podemos brincar com este número, só mesmo quando é realmente uma emergência.

As crianças da sala após o bombeiro ter explicado tudo no polivalente quiseram leva-lo até a sala para mostrar a ambulância, fatos de bombeiro e capacetes. Quando este ia embora, o grupo começou a cantar a música do Bombeiro, acima descrita.

Após toda esta explicação e toda a envolvência das crianças, em pequeno grupo foi realizado o registo das aprendizagens efetuadas, onde foi demonstrado o total domínio do assunto, perante o que o bombeiro ensinou.

Assim concluo o quão importante foi a realização desta atividade, uma vez que lhes trouxe aprendizagens bastante significativas.



Crianças implicadas na realização: Todo o grupo da sala dos 3 anos

Divisão da mala de primeiros socorros

Uma vez que as crianças depois de brincarem com a mala de primeiros socorros colocam tudo lá dentro sem ter o mínimo de cuidado a arrumar, pensei ser pertinente ter uma conversa com eles com vista a resolver este problema.

Para tal, em pequeno grupo formamos os vários conjuntos dos diferentes constituintes da mala de primeiros socorros, abordado assim o conceito de conjunto menor e maior.

Após a formação dos conjuntos falei com as crianças onde chegaram à conclusão que podíamos fazer como está na nossa caixa das colagens (dividido em várias partes), onde lhes perguntei de que eram feitas aquelas divisórias, estes disseram em madeira e eu perguntei se tínhamos madeira na nossa sala para podermos fazer igual. Eles de imediato disseram que não mas para solucionarem disseram “podemos então fazer em cartão”.

Com o problema resolvido, contamos quantos elementos diferentes existem na caixa para fazermos o mesmo número de divisórias. Uma vez que é complexo para as crianças logicamente tiveram a ajuda do adulto.

Maca

A maca foi apresentada às crianças uma vez que era muito difícil que estes fizessem algo para que esta fosse resistente ao peso dos mesmo. Então, visto que era algo fulcral na nossa ambulância eu levei já feita e fiz-lhes uma surpresa.

A estagiária e a Educadora Cooperante proporcionamos-lhes momentos de verdadeira animação deixando-os experimentar deitar-se em cima da maca e andar pela instituição.



Volante

No que diz respeito ao volante, ao falar com a Educadora pensamos que o melhor seria que o volante rodasse mesmo como um a serio. Fomos falando com as crianças para se juntos encontraríamos uma solução.

Um dia, uma mãe ao ir usar a filha à sala para ir embora viu a ambulância e em conversa com a educadora disse que nos podia fornecer um volante de uma carro que tinha em casa. Denotou-se um interesse e dedicação por parte da mãe.

O volante veio mas não existia qualquer suporte para o colocar, mas a mãe de outra criança quando o viu e nós expusemos o nosso problema, prontificou-se logo a leva-lo para casa para o pai da criança arranjar um suporte e coloca-lo de forma a rodar.

Assim foi, o volante colocou-se na ambulância e foi uma grande alegria para as crianças. “Temos um volante a serio”, “A minha mãe é que deu o volante”, “ O meu pai é que o arranjou”, “Isto é mesmo fixe” foram algumas das frases possíveis de ouvir neste momento.

O volante não foi uma etapa realizada pelas crianças, mas sim pelos pais das mesmas. Foi um verdadeiro momento de envolvimento parental onde nada foi solicitado, pelo contrário, os pais é que se prontificaram a esta ajuda essencial.

Apesar de o material ser bastante resistente, as crianças danificaram o material com todo o uso que lhe dão. Como solução levamos o volante ao carpinteiro da instituição para o arranjar.

Divulgação

Ao terminar o ano foi dado lugar à divulgação do projeto decorrente na sala dos 3 anos. Para esta divulgação realizou-se uma exposição que se realizou no recreio exterior coberto da instituição devido a condições climatéricas. Foi escolhido pelas crianças que a exposição fosse no recreio exterior para que os pais/encarregados de educação pudessem ver melhor e para “os meninos das outras salas puderem brincar na nossa ambulância”. Uma vez que estava chuva, deu-se no recreio exterior coberto.

Os convites foram realizados pelas crianças tanto os que levaram para casa como os que foram entregues às salas de pré-escolar.

As crianças estavam ansiosas e fascinadas com o facto de irem mostrar todo o seu trabalho à comunidade educativa. No que se refere à visita da sala dos 4 anos, todas as crianças desta sala demonstraram um grande entusiasmo para experimentar a ambulância. Apesar de esta ser a grande motivação, como é possível verificar nas fotografias existiram crianças a ver os livros dos bombeiros, a brincar com a maca e mala de primeiros socorros. Foi possível ouvir por parte das crianças “isto é mesmo fixe”; “Gosto mesmo desta ambulância, esta muito gira”; “o volante roda mesmo apreço a serio”. Depois de brincarem e explorarem as crianças foram levadas para a sala para que se desse início à visita dos pais/encarregados de educação da sala dos 3 anos.

Estes demonstraram estar bastante recetivos a esta iniciativa tendo aparecido quase todos os pais/encarregados de educação das crianças. Cada criança ia mostrando aos seus respetivos pais/encarregados de educação o que tinham realizado através dos registos realizados pelos mesmos. Denotou-se uma postura por parte destes adultos não só de visualização da exposição mas também explorar, investigar e brincar neste espaço com cada um dos seus filhos.

Deixei ao dispor um caderno para que os pais pudessem dar a opinião de todo o projeto, do seu desenvolvimento, da motivação do seu próprio educando, entre outras coisas, onde apenas 4 pais/encarregados de educação escreveram.

Uma vez que a exposição se encontrava no recreio exterior coberto sendo este um ponto de passagem para ir buscar os filhos, os pais das outras salas visitavam a exposição e felicitavam toda a sala dos 3 anos pelo projeto de sala e por todos os resultados conseguidos. Onde uma mãe disse “Esta ambulância está fenomenal, deve ter sido fantástico para eles trabalharem. Mas muito além disso, tudo o que está exposto demonstra as várias aprendizagens que eles tiveram com o projeto de sala.”

Evidências
- Exposição



“Era uma vez a sala dos 3 anos que foi visitar o quartel dos bombeiros...”



“Cantinho dos livros dos bombeiros”



A maca e a mala de primeiros socorros



Chuva de ideias inicial



Farda do bombeiro da sala dos 3 anos e registo da m+usica "o bombeiro"





Capacetes



Convites às outras salas do pré-escolar



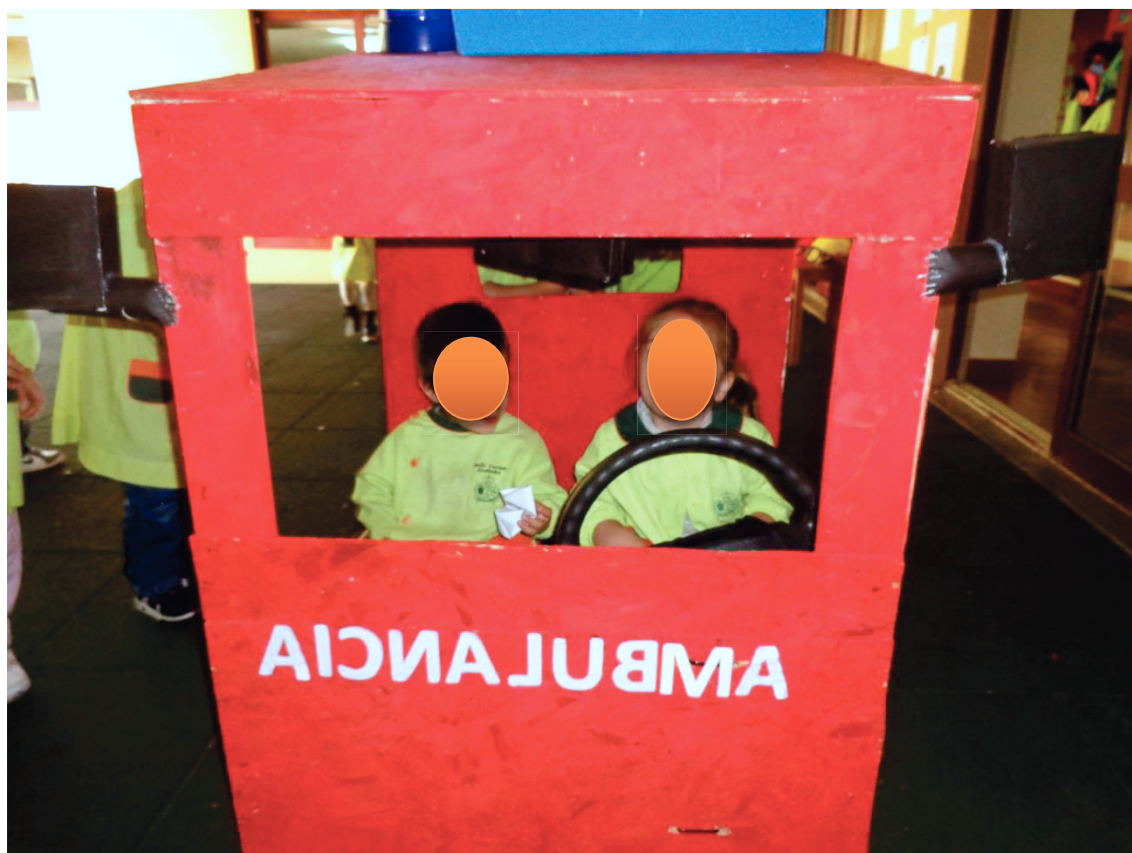
Sala 4 anos



y

Sala 5 anos

Visita da sala dos 4 anos







Envolvimento dos pais







Avaliação

O projeto lúdico vivido no 2º semestre com as crianças da sala dos 3 anos demonstrou ser muito significativo para todas as crianças, pais/encarregados de educação e até mesmo comunidade educativa.

As crianças ao definirem as prioridades de realização, foi escolhido pela maioria das crianças a ambulância. Uma vez que esta não seria possível elaborar sem ser em madeira arranjei forma de arranjar uma estrutura resistente. Considero que neste parâmetro consegui responder aos interesses e motivação das crianças. Ao verem a ambulância na sala, foi extremamente compensador e ainda de maior motivação para as crianças. Cada vez mais ia crescendo e a vontade de continuar aumentando.

Ao longo do projeto foram abordadas as várias áreas de conteúdo que nos referem as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar e as Metas de aprendizagem. A estagiária e a Educadora Cooperante tentaram sempre inculcar-lhes os valores inerentes aos bombeiros; enriquecer as aprendizagens através dos erros, não lhes fornecendo as respostas; abordar temas relacionados com os bombeiros e ao mesmo tempo do quotidiano deles; entre muitas outras coisas. As crianças e adultos da sala dos 3 anos ficaram com conhecimentos acerca de um quartel de bombeiros e aos próprios bombeiros.

Um projeto lúdico é mesmo isto, aprender sobre algo que lhes interesse, motive e abordar todos os conceitos inerentes a determinados assuntos. Estas crianças efetuaram aprendizagens que muitos adultos não sabem, sendo isto comentado pelos pais/encarregados de educação com a estagiária e educadora cooperante.

Considero que o projeto seguiu as etapas que o trabalho de projeto deve seguir. Todo este se deu pela motivação das crianças e não por nada imposto pelo adulto. Os adultos da sala tentaram sempre responder as necessidades e interesses destas crianças fazendo com que tudo fosse possível.

ANEXOS

Anexo I – Guiões Entrevistas Semiestruturadas

1. Entrevista Auxiliar de Limpeza

Objetivo geral: Conhecer/perceber os comportamentos das crianças institucionalizadas num contexto jardim-de-infância

Observações: Proporcionar um ambiente acolhedor ao entrevistado; Facultar as informações necessárias para esclarecimento do objetivo da entrevista; enunciar que vai ser garantido o anonimato do entrevistado

1. Desde que trabalha neste jardim-de-infância, é a primeira vez que está a ter contacto com crianças que vivem em instituições?

Se não, nota alguma diferença de comportamentos das crianças que estão a frequentar das que já frequentaram? Ou os comportamentos são idênticos?

2. Tem uma atenção especial para com estas crianças quando as encontra em contexto extra sala? Ou a atenção é igual para todas as crianças?
3. Perante o que visualiza, como caracteriza o comportamento destas crianças?

2. Entrevista Auxiliar de Ação Educativa

Objetivo geral: Conhecer/perceber os comportamentos das crianças institucionalizadas num contexto jardim-de-infância

Observações: Proporcionar um ambiente acolhedor ao entrevistado; Facultar as informações necessárias para esclarecimento do objetivo da entrevista; enunciar que vai ser garantido o anonimato do entrevistado

1. É a primeira vez que lida com crianças institucionalizadas no seu grupo?

Se não, considera então que todas as crianças institucionalizadas têm o mesmo nível de comportamento?

2. Possui duas crianças institucionalizadas no seu grupo. É possível observar alguma diferença nestas duas crianças perante o restante grupo?

Se sim, em que medida?

3. Tem uma atenção especial para com estas crianças?

Se sim...

Porquê?

Considera saudável para o restante grupo esta atenção especial que tem para com estas crianças?

4. De que forma tenta integrar estas crianças na sala?

5. Para terminar, passo a ler uma citação de Paulo Delgado que “Por muito que se trabalhe para se aperfeiçoar a qualidade das instituições, convém recordar que nelas nenhuma criança é inteiramente feliz, independentemente da estabilidade que lhe poderão proporcionar. Por detrás dos sorrisos, das exclamações de alegria, das actividades, guardam-se os traumas, os medos, a ferida do abandono, as saudades

dos pais reais ou imaginários, o desejo de viver numa família que se perdeu ou que nunca se teve.”

Quer comentar esta afirmação? Concorda com a opinião do autor?

3.Entrevista Coordenadora Jardim-de-Infância

Objetivo geral: Conhecer/perceber os comportamentos das crianças institucionalizadas num contexto jardim-de-infância

Observações: Proporcionar um ambiente acolhedor ao entrevistado; Facultar as informações necessárias para esclarecimento do objetivo da entrevista; enunciar que vai ser garantido o anonimato do entrevistado

1. É a primeira vez que se está a deparar com a presença de crianças institucionalizadas neste jardim-de-infância
2. Integrou estas crianças na instituição de modo diferente de todas as outras?
3. Como Coordenadora, considera ter um comportamento diferente com as crianças institucionalizadas relativamente às restantes?

Se sim, em que medida?

4. Como caracteriza a postura dos elementos da equipa pedagógica da instituição para com estas crianças?
5. Perante o que vê considera que estas crianças possuem comportamentos característicos que os diferenciam das restantes crianças?
6. Tem alguma atenção especial para com elas?

7. Como Coordenadora, acha que a instituição que acolhe estas crianças trabalha em cooperação com o jardim-de-infância?

8. Para terminar, passo a ler uma citação de Paulo Delgado que “Por muito que se trabalhe para se aperfeiçoar a qualidade das instituições, convém recordar que nelas nenhuma criança é inteiramente feliz, independentemente da estabilidade que lhe poderão proporcionar. Por detrás dos sorrisos, das exclamações de alegria, das actividades, guardam-se os traumas, os medos, a ferida do abandono, as saudades dos pais reais ou imaginários, o desejo de viver numa família que se perdeu ou que nunca se teve.”

Quer comentar esta afirmação? Concorda com a opinião do autor?

4. Entrevista Educadora Sala 4 anos

Objetivo geral: Conhecer/perceber os comportamentos das crianças institucionalizadas num contexto jardim-de-infância

Observações: Proporcionar um ambiente acolhedor ao entrevistado; Facultar as informações necessárias para esclarecimento do objetivo da entrevista; enunciar que vai ser garantido o anonimato do entrevistado

1. Alguma vez contou com a presença de uma criança institucionalizada no seu grupo de crianças?

Se sim...

Denotou alguma diferença de comportamento dessas mesmas crianças para as restantes do grupo?

A nível da integração, como integrou as crianças institucionalizadas no grupo?

Tinha uma atenção especial para com estas crianças?

2. Uma vez que o jardim-de-infância em que se encontra a exercer a profissão de Educadora tem crianças institucionalizadas em espaço extra-sala, tem uma atenção especial para com elas?

3. Pelo que observa, estas crianças têm um comportamento diferente das restantes crianças?

Considera que os comportamentos que estas crianças têm no seu dia-a-dia são influenciados por vivências do passado?

4. Para terminar, passo a ler uma citação de Paulo Delgado que “Por muito que se trabalhe para se aperfeiçoar a qualidade das instituições, convém recordar que nelas nenhuma criança é inteiramente feliz, independentemente da estabilidade que lhe poderão proporcionar. Por detrás dos sorrisos, das exclamações de alegria, das actividades, guardam-se os traumas, os medos, a ferida do abandono, as saudades dos pais reais ou imaginários, o desejo de viver numa família que se perdeu ou que nunca se teve.”

Quer comentar esta afirmação? Concorda com a opinião do autor?

5. Entrevista Educadora Cooperante

Objetivo geral: Conhecer/perceber os comportamentos das crianças institucionalizadas num contexto jardim-de-infância

Observações: Proporcionar um ambiente acolhedor ao entrevistado; Facultar as informações necessárias para esclarecimento do objetivo da entrevista; enunciar que vai ser garantido o anonimato do entrevistado

1. É a primeira vez que tem no seu grupo crianças institucionalizadas?

Se não...

Considera que todas as crianças que já teve que viviam em instituições têm o mesmo nível de comportamento?

De que forma tenta integrar estas crianças na sala?

2. Possui duas crianças institucionalizadas na sala. É possível observar alguma diferença a nível de desenvolvimento destas duas crianças perante o restante grupo?
3. Considera que os comportamentos que estas crianças têm no seu dia-a-dia estão relacionados com vivências do passado?
4. Como se caracterizam estes comportamentos?
5. Tem uma atenção especial para com estas crianças?

Se sim...

Considera saudável esta diferenciação para o restante grupo?

6. Como Educadora acha que a instituição que acolhe estas crianças trabalha em cooperação com o jardim-de-infância?

- 7 Para terminar, passo a ler uma citação de Paulo Delgado que “Por muito que se trabalhe para se aperfeiçoar a qualidade das instituições, convém recordar que nelas nenhuma criança é inteiramente feliz, independentemente da estabilidade que lhe poderão proporcionar. Por detrás dos sorrisos, das exclamações de alegria, das actividades, guardam-se os traumas, os medos, a ferido do abandono, as saudades dos pais reais ou imaginários, o desejo de viver numa família que se perdeu ou que nunca se teve.”

Quer comentar esta afirmação? Concorda com a opinião do autor?

Anexo II – Transcrição das entrevistas à Equipa Pedagógica

1. Entrevista Auxiliar de Limpeza

Desde que trabalha neste jardim-de-infância, é a primeira vez que está a ter contacto com crianças que vivem em instituições?

Sim é!

Tem uma atenção especial para com estas crianças quando as encontra em contexto extra sala? Ou a atenção é igual para todas as crianças?

Tenho uma atenção diferente porque estas duas crianças se comportam de forma diferente das outras. Principalmente a partir do momento em que uma destas crianças teve a tentativa de fuga do infantário.

Perante o que visualiza, como caracteriza o comportamento destas crianças?

Estas duas crianças têm comportamentos diferentes das outras. Nota-se que são mais revoltados e irrequietos até com as tentativas de fuga. Mas depois também têm os momentos em que são meigos e muito carinhosos

2. Entrevista Auxiliar de Ação Educativa

É a primeira vez que lida com crianças institucionalizadas no seu grupo?

Não.

Considera então que todas as crianças institucionalizadas têm o mesmo nível de comportamento?

Não, claramente todas têm comportamentos diferentes.

Possui duas crianças institucionalizadas no seu grupo. É possível observar alguma diferença nestas duas crianças perante o restante grupo?

Sim, principalmente no comportamento deles.

Enuncia então o comportamento destas crianças como uma diferença das restantes. Pode caracterizar este comportamento?

Eu acho que devo salientar o comportamento deles, apesar de todas as crianças serem diferentes e os comportamentos também são. Mas as das crianças de que falamos têm comportamentos não muito próprios por vezes, faltas de respeito e agressividade principalmente.

Essas faltas de respeito e agressividade que enuncia, são para com o adulto ou para com as restantes crianças?

Tanto para o adulto como para as crianças do grupo. Por vezes sinto dificuldade em resolver algumas situações.

Tem uma atenção especial para com estas crianças?

Sim sim.

Porquê?

Estas duas crianças são muito mais irrequietas que as outras do grupo. Penso que este comportamento também seja a pedir a atenção do adulto como não têm uma família como todos os outros. Acabo por ser menos rígida nas regras para eles e dou-lhes mais amor e carinho.

Considera saudável para o restante grupo esta atenção especial que tem para com estas crianças?

Não, mas tento lidar com esta situação o melhor que posso e sei. Pode até não ser saudável para as outras crianças esta atenção que dou aos dois, mas eles são educados por um pai e uma mãe. Têm uma família e estes dois

não, são educados por muita gente e todos diferentes uns dos outros. Aço em função da minha consciência.

De que forma tenta integrar estas crianças na sala?

Como já disse, muitas vezes não sei lidar com algumas situações e acabo por ser mais permissiva com eles por viverem numa instituição e estarem sempre sujeitos a regras e a passarem por tantas pessoas diferentes. Mas tento trata-las da mesma forma que os outros, apesar de ser difícil e não conseguir.

Para terminar, passo a ler uma citação de Paulo Delgado que “Por muito que se trabalhe para se aperfeiçoar a qualidade das instituições, convém recordar que nelas nenhuma criança é inteiramente feliz, independentemente da estabilidade que lhe poderão proporcionar. Por detrás dos sorrisos, das exclamações de alegria, das actividades, guardam-se os traumas, os medos, a ferido do abandono, as saudades dos pais reais ou imaginários, o desejo de viver numa família que se perdeu ou que nunca se teve.”

Quer comentar esta afirmação? Concorda com a opinião do autor?

Claro que concordo. Para mim a minha família é tudo. Quando preciso de alguma coisa, quando tenho algum problema é a eles que eu recorro. Eles apoiam-me e ajuda-me.

Estas crianças não têm família por isso não podem ser felizes na totalidade. Ninguém é feliz sem conhecer as suas origens!

3. Entrevista Coordenadora Jardim-de-infância

É a primeira vez que se está a deparar com a presença de crianças institucionalizadas neste jardim-de-infância

Não. Sempre tivemos crianças institucionalizadas neste jardim-de-infância. Normalmente em salas do pré-escolar

Integrou estas crianças na instituição de modo diferente de todas as outras?

Não . Estas crianças são integradas e tratadas de forma igual às outras crianças.

Como Coordenadora, considera ter um comportamento diferente com as crianças institucionalizadas relativamente às restantes?

Não, mas há cuidados a ter com estas crianças que não temos eu ter com as outras.

A que cuidados se refere?

Um exemplo, uma destas crianças já teve tentativas de fuga do jardim-de-infância isso leva a que tenhamos que ter uma atenção especial. Mas se fosse outra criança qualquer, sem ser institucionalizada a ter este comportamento o cuidado era o mesmo de que com esta.

Como caracteriza a postura dos elementos da equipa pedagógica da instituição para com estas crianças?

Como Coordenadora acho que a maioria da equipa pedagógica adota uma postura igual para todas as crianças. Mas há sempre um sentimento de proteção para com estas crianças para tentar minimizar as carências afetivas. Em alguns casos nesta equipa pedagógica isso pode-se ver pela forma que os tratam e pelos presentes que lhes oferecem.

Perante o que vê considera que estas crianças possuem comportamentos característicos que os diferenciam das restantes crianças?

Sim sim, principalmente problemas de comportamento e carências afetivas

Esses problemas de comportamento a que se refere, poderá ter origem nessas mesmas carências afetivas?

Penso que sim São crianças que apesar da idade já viveram muito. Como já disse, é normal neste jardim-de-infância termos crianças institucionalizadas e cada uma é diferentes. Há aquelas que são extremamente carinhosas e existem aquelas que têm os problemas de comportamento que é este caso.

Tem alguma atenção especial para com elas?

Apesar de tentar tratar todas as crianças de igual modo, tenho algum cuidado para ajudar a restante equipa pedagógica a contornar estes comportamentos que muitas vezes são difíceis de resolver. Trabalhamos em equipa, ajudamo-nos uns aos outros!

Como Coordenadora, acha que a instituição que acolhe estas crianças trabalha em cooperação com o jardim-de-infância?

Sim, a instituição onde eles vivem tem o cuidado de reunir sistematicamente com a educadora da sala para falarem sobre os comportamentos e desenvolvimentos das crianças. Fazem sempre questão de nos manter informados sobre o historial e vivências na instituição para tentarmos compreender cada uma delas.

Para terminar, passo a ler uma citação de Paulo Delgado que “Por muito que se trabalhe para se aperfeiçoar a qualidade das instituições, convém recordar que nelas nenhuma criança é inteiramente feliz, independentemente da estabilidade que lhe poderão proporcionar. Por detrás dos sorrisos, das exclamações de alegria, das actividades, guardam-se os traumas, os medos, a ferido do abandono, as saudades dos pais reais ou imaginários, o desejo de viver numa família que se perdeu ou que nunca se teve.”

Quer comentar esta afirmação? Concorda com a opinião do autor?

Concordo, todas as crianças deviam ter direito a uma família mas também acho que muitas vezes é melhor serem entregues a estas instituições do que viverem em famílias desestruturadas.

É verdade que muitas das carências e os comportamentos que estas crianças têm são o resultado de muitas das más vivências nas famílias.

Estas instituições que os acolhem tentam dar a criança a estabilidade emocional e afetiva que eles tanto precisam.

4.Educadora Sala 4 anos

Alguma vez contou com a presença de uma criança institucionalizada no seu grupo de crianças?

Sim

Denotou então alguma diferença de comportamento dessas mesmas crianças para as restantes do grupo?

Sim com algumas crianças, com outras não. Depende já tive diferentes experiências mas normalmente são crianças com problemas no comportamento. São muito autónomas no vestir/despir, na alimentação mas muito carentes de afetos.

Quando se refere a problemas de comportamento, refere-se a que em específico?

Faltas de educação, agressividade, por vezes linguagem menos própria. Temos um exemplo deste ano que já existiram tentativas de fuga por parte de uma das crianças. Em alguns momentos podemos ver que estas crianças não respeitam o adulto nem os colegas.

Considera que estes comportamentos podem então estar relacionados com a carência afetiva que enunciou?

Claramente que sim. O amor de uma família é fundamental e estas crianças com apenas 3 anos já vivenciaram coisas que nem nós vivemos.

As inaptações, as ausências, os maltratos, a não compreensão dos comportamentos e atitudes do adulto faz com que as crianças se manifestem desta forma.

A nível da integração, como integrou as crianças institucionalizadas no grupo?

Tratando-as de igual para igual. Considero muito importante que estas crianças não se sintam diferentes e que as outras crianças também não as considerem diferentes.

Tinha uma atenção especial para com estas crianças?

Sim, apesar de tentar sempre que as outras crianças não se apercebessem desta atenção especial. Tentava sempre diminuir o sofrimento delas, ajudando-as.

Uma vez que o jardim-de-infância em que se encontra a exercer a profissão de Educadora tem crianças institucionalizadas em espaço extra-sala, tem uma atenção especial para com elas?

Como já disse, tento ajuda-las a ultrapassar os problemas de comportamento que são notáveis. Tento observar de forma sistemática quais os motivos que desencadeiam estes comportamentos, depois tento arranjar soluções para a criança ultrapassar a perturbação do momento.

Pelo que observa, estas crianças têm um comportamento diferente das restantes crianças?

Sim, regra geral sim. Como já disse, são crianças com problemas de comportamento devido às situações familiares vividas, mas também são crianças que têm facilidades que outras não têm, serem extremamente autónomas.

Para terminar, passo a ler uma citação de Paulo Delgado que “Por muito que se trabalhe para se aperfeiçoar a qualidade das instituições, convém recordar que nelas nenhuma criança é inteiramente feliz, independentemente da estabilidade que lhe poderão proporcionar. Por detrás dos sorrisos, das exclamações de alegria, das actividades,

guardam-se os traumas, os medos, a ferido do abandono, as saudades dos pais reais ou imaginários, o desejo de viver numa família que se perdeu ou que nunca se teve.”

Quer comentar esta afirmação? Concorda com a opinião do autor?

De certa forma concordo. O autor diz que nenhuma criança é feliz numa instituição porque queiramos ou não estas crianças procuram um lar, uma família. Mas também acho que entre as famílias que estas crianças têm, o mal menor que lhes pode acontecer é ir para uma instituição. De qualquer maneira acho que o melhor para estas crianças seria ter um dos seus direitos cumpridos. Direito à família.

5.Educadora Cooperante

É a primeira vez que tem no seu grupo crianças institucionalizadas?

Não, já trabalho neste jardim-de-infância há alguns anos e neste tempo, por várias vezes tive no grupo crianças institucionalizadas.

Considera que todas as crianças que já teve que viviam em instituições têm o mesmo nível de comportamento?

Na minha opinião, todas as crianças são diferentes, seres únicos com formas de se comportar diferentes. No caso das crianças institucionalizadas não considero que exista um comportamento que possamos chamar comportamento típico.

De que forma tenta integrar estas crianças na sala?

Tento sempre que esta integração seja feita o mais igual possível à das outras crianças.

Penso que é muito importante que eles se sintam parte do grupo e que se envolvam da mesma forma em todas as atividades.

Possui duas crianças institucionalizadas na sala. É possível observar alguma diferença a nível de desenvolvimento destas duas crianças perante o restante grupo?

Estas duas crianças têm um desenvolvimento global, apesar de mostrarem algumas dificuldades de comportamento, principalmente em cumprir regras.

Considera que os comportamentos que estas crianças têm no seu dia-a-dia estão relacionados com vivências do passado?

Sim, acredito que a maioria dos comportamentos que estas crianças têm por detrás diferente vivências que muitas vezes nem conhecemos. Penso que as reações negativas que estas crianças têm podem ter origem nestas vivências passadas.

Como caracteriza estes comportamentos?

São comportamentos totalmente diferentes das outras crianças do grupo. São mais instáveis emocionalmente o que leva a uma falta de atenção e concentração. É frequente vermos estas crianças a desrespeitar as pequenas regras da sala.

Perante tal situação, como reage a estes comportamentos?

Estes comportamentos levam-nos a usar várias estratégias ao longo dos dias, porque o que hoje resulta amanhã não funciona. As duas crianças têm diferentes comportamentos e atitudes, tendo os adultos que tentar solucionar e para isso precisamos de procurar e discutir estratégias.

Apesar disto, tentamos sempre manter as crianças motivadas e participativas nas atividades da sala.

Tem uma atenção especial para com estas crianças?

Tento ver o grupo de crianças não como um todo, mas como um conjunto de seres únicos que merecem uma atenção individualizada.

Mas sim, talvez tenha uma atenção diferente com estas crianças pelo comportamento delas, mas acima de tudo tento que nunca se sintam diferentes no grupo.

Considera saudável esta diferenciação para o restante grupo?

Tentei sempre que estas crianças não se sentissem diferentes, mas tenho consciência que nem sempre fui capaz de gerir alguns comportamentos e que por isso sou levada a um tratamento um pouco diferente em relação ao grupo.

Como Educadora acha que a instituição que acolhe estas crianças trabalha em cooperação com o jardim-de-infância?

Sim. Em todos os anos que trabalhei com a instituição que os acolhe sempre demonstraram um grande esforço em cooperar com o jardim-de-infância. Os profissionais que trabalham nesta instituição participam na vida escolar destas crianças e demonstram um grande interesse. Este ano, podemos verificar isto através do projeto lúdico dos bombeiros e do dispositivo pedagógico.

Para terminar, passo a ler uma citação de Paulo Delgado que “Por muito que se trabalhe para se aperfeiçoar a qualidade das instituições, convém recordar que nelas nenhuma criança é inteiramente feliz, independentemente da estabilidade que lhe poderão proporcionar. Por detrás dos sorrisos, das exclamações de alegria, das actividades, guardam-se os traumas, os medos, a ferida do abandono, as saudades dos pais reais ou imaginários, o desejo de viver numa família que se perdeu ou que nunca se teve.”

Quer comentar esta afirmação? Concorda com a opinião do autor?

Concordo na totalidade com a opinião deste autor. Acho que é feito um grande esforço pelos profissionais que estão com estas crianças mas existem sempre as vivências do passado que podem, de alguma forma impedi-los de crescer de forma feliz e saudável.

Durante a entrevista falamos dos comportamentos destas crianças, considero que em muitos casos a solução para estes comportamentos seria mesmo a estabilidade de uma família. Muitas vezes estes comportamentos que temos que enfrentar dia após dia fazem-nos refletir para que consigamos encontrar uma solução para os contornar.

Anexo III – Análise de conteúdo das Entrevistas à Equipa Pedagógica

1. Análise de conteúdo da entrevista à Auxiliar da limpeza

Contacto com Crianças Institucionalizadas
Primeira vez

Quadro 1 - Contacto com Crianças Institucionalizadas

Especial atenção com as Crianças Institucionalizadas
Atenção diferente Comportamentos diferentes Tentativa de fuga

Quadro 2 - Especial atenção com as Crianças Institucionalizadas

Caracterização comportamento Crianças Institucionalizadas
Comportamentos diferentes Revoltados Irrequietos Tentativas fuga Meigos Carinhosos

Quadro 3 - Caracterização comportamento Crianças Institucionalizadas

2. Análise de conteúdo da entrevista à Auxiliar de Ação Educativa

Contacto com Crianças Institucionalizadas
Não é a primeira vez

Quadro 1 - Contacto com Crianças Institucionalizadas

Nível de comportamento das Crianças Institucionalizadas
Todas têm comportamentos diferentes

Quadro 2 - Nível de comportamento das Crianças Institucionalizadas

Diferenças das Crianças Institucionalizadas perante o restante grupo
Comportamento

Quadro 3 - Diferenças das Crianças Institucionalizadas perante o restante grupo

Caracterização comportamento Crianças Institucionalizadas
Comportamentos não próprios
Faltas de respeito
Agressividade

Quadro 4 - Caracterização comportamento Crianças Institucionalizadas

Com quem se verificam estas faltas de respeito
Crianças
Adultos

Quadro 5 - Com quem se verificam estas faltas de respeito

Especial atenção com as Crianças Institucionalizadas
Atenção especial

Quadro 6 - Especial atenção com as Crianças Institucionalizadas

Explicação da atenção especial que é dada as Crianças Institucionalizadas
Irrequietas
Chamadas de atenção ao adulto
Menos rígida

Quadro 7 - Explicação da atenção especial que é dada as Crianças Institucionalizadas

Para as restantes crianças do grupo será saudável esta atenção especial dada às Crianças Institucionalizadas
Pode não ser saudável
Crianças Institucionalizadas educadas por muita gente
Outras crianças têm pai e mãe

Quadro 8 - Para as restantes crianças do grupo será saudável esta atenção especial dada às Crianças Institucionalizadas

Forma de Integração Crianças Institucionalizadas no grupo
Permissiva Dificuldade em trata-los igual Sujeitos a muitas regras na instituição que os acolhe

Quadro 9 - Forma de Integração Crianças Institucionalizadas no grupo

Bem-estar das Crianças Institucionalizadas segundo Paulo Delgado
Família é um alicerce Crianças Institucionalizadas não têm família Impossível serem felizes totalmente Não conhecem origens

Quadro 10 - Bem-estar das Crianças Institucionalizadas segundo Paulo Delgado

3. Análise de conteúdo da entrevista à Coordenadora

Contacto com Crianças Institucionalizadas
Frequente

Quadro 1 - Contacto com Crianças Institucionalizadas

Diferente integração das Crianças Institucionalizadas
Integração igual Cuidados Especiais

Quadro 2 - Diferente integração das Crianças Institucionalizadas

Coordenadora integra Crianças Institucionalizadas de forma diferente
Integração igual Cuidados Especiais

Quadro 3 - Coordenadora integra Crianças Institucionalizadas de forma diferente

Cuidados especiais a ter com as Crianças Institucionalizadas
Tentativa fuga leva a ter uma atenção especial Não é por viverem em instituições, mas pelos comportamentos

Quadro 4 - Cuidados especiais a ter com as Crianças Institucionalizadas

Caracterização postura da equipa pedagógica em relação às Crianças
--

Institucionalizadas
Proteção das crianças institucionalizadas Minimizar carências afetivas

Quadro 5 - Caracterização postura da equipa pedagógica em relação às Crianças Institucionalizadas

Comportamentos das Crianças Institucionalizadas que os diferenciam das restantes crianças
Problemas de comportamento Carências afetivas

Quadro 6 - Comportamentos das Crianças Institucionalizadas que os diferenciam das restantes crianças

Origem dos problemas de comportamento
Carências afetivas Crianças que já viveram muito Crianças Institucionalizadas são todas diferentes

Quadro 7 - Origem dos problemas de comportamento

Atenção especial para com as Crianças Institucionalizadas
Tento tratar crianças de forma igual Comportamentos difíceis de resolver Equipa pedagógica trabalha em equipa

Quadro 8 - Atenção especial para com as Crianças Institucionalizadas

Trabalho cooperativo entre o jardim-de-infância e a instituição
Reuniões Informação historial e vivências Compreender cada criança

Quadro 9 - Trabalho cooperativo entre o jardim-de-infância e a instituição

Bem-estar das Crianças Institucionalizadas segundo Paulo Delgado
Crianças direito à família Famílias desestruturadas Carências e comportamentos são resultado das vivências passadas Estabilidade emocional e afetiva

Quadro 10 - Bem-estar das Crianças Institucionalizadas segundo Paulo Delgado

4. Análise de conteúdo da entrevista a Educadora da Sala 4 anos

Contacto com Crianças Institucionalizadas
Frequente

Quadro 1 - Contacto com Crianças Institucionalizadas

Diferença no comportamento das Crianças Institucionalizadas em relação as restantes do grupo
Depende da Criança Institucionalizada Normalmente crianças com problemas de comportamento Autónomas Carentes de afetos

Quadro 2 - Diferença no comportamento das Crianças Institucionalizadas em relação as restantes do grupo

Caracterização dos problemas de comportamento
Faltas de Educação Agressividade Linguagem menos própria Tentativas de fuga Faltas de respeito

Quadro 3 - Caracterização dos problemas de comportamento

Origem dos Comportamentos das Crianças Institucionalizadas
Carências afetivas Ausências Más vivências Inadaptações Maus tratos

Quadro 4 - Origem dos Comportamentos das Crianças Institucionalizadas

Integração das Crianças Institucionalizadas no grupo
Tratar de igual modo Crianças Institucionalizadas não se sintam diferentes

Quadro 5 - Integração das Crianças Institucionalizadas no grupo

Especial atenção com as Crianças Institucionalizadas
<p style="text-align: center;">Especial atenção Diminuir Sofrimento</p>

Quadro 6 - Especial atenção com as Crianças Institucionalizadas

Atenção especial para com as Crianças Institucionalizadas no espaço extra-sala
<p style="text-align: center;">Problemas comportamento Observação sistemática Ajudo ultrapassar perturbação do momento</p>

Quadro 7 - Atenção especial para com as Crianças Institucionalizadas no espaço extra-sala

Diferença de comportamentos das crianças institucionalizadas das restantes crianças
<p style="text-align: center;">Problemas comportamento Situação familiar Vivências passadas Crianças autónomas Comportamentos diferentes</p>

Quadro 8 - Diferença de comportamentos das crianças institucionalizadas das restantes crianças

Bem-estar das Crianças Institucionalizadas segundo Paulo Delgado
<p style="text-align: center;">Crianças procuram família Direito À família Mal menor é viver numa instituição</p>

Quadro 9 - Bem-estar das Crianças Institucionalizadas segundo Paulo Delgado

5. Análise de conteúdo da entrevista a Educadora Cooperante

Contacto com Crianças Institucionalizadas
<p style="text-align: center;">Frequente</p>

Quadro 1 - Contacto com Crianças Institucionalizadas

Nível de comportamento de Crianças Institucionalizadas
Crianças todas diferentes Inexistência de um “comportamento Típico”

Quadro 2 - Nível de comportamento de Crianças Institucionalizadas

Integração de Crianças Institucionalizadas no grupo
Integração igual Não diferenciar nenhuma criança Envolvimento em todas as atividades

Quadro 3 - Integração de Crianças Institucionalizadas no grupo

Diferença de desenvolvimento Crianças Institucionalizadas perante o restante grupo
Desenvolvimento global Dificuldades de comportamento Não respeitam regras

Quadro 4 - Diferença de desenvolvimento Crianças Institucionalizadas perante o restante grupo

Origem dos comportamentos Crianças Institucionalizadas
Vivências que nem sempre conhecemos Reações negativas Origem vivencias passadas

Quadro 5 - Origem dos comportamentos Crianças Institucionalizadas

Caracterização comportamento crianças institucionalizadas
Comportamentos diferentes Instabilidade emocional Falta de atenção e concentração Desrespeito de regras da sala

Quadro 6 - Caracterização comportamento crianças institucionalizadas

Reação adulto aos comportamentos das Crianças Institucionalizadas
Estratégias diferentes dia para dia Diferentes atitudes e comportamentos Crianças motivadas Crianças participativas

Quadro 7 - Reação adulto aos comportamentos das Crianças Institucionalizadas

Especial atenção com as Crianças Institucionalizadas
Tratar todos de forma igual Todos merecem atenção individualizada Comportamento diferente

Quadro 8 - Especial atenção com as Crianças Institucionalizadas

Para as restantes crianças do grupo será saudável esta atenção especial dada às Crianças Institucionalizadas
Crianças não se sintam diferentes Diferentes comportamentos Tratamento diferente em relação ao grupo

Quadro 9 - Para as restantes crianças do grupo será saudável esta atenção especial dada às Crianças Institucionalizadas

Trabalho cooperativo entre o jardim-de-infância e a instituição
Cooperação com o jardim-de-infância Participação na vida escolar Projeto lúdico bombeiros Dispositivo pedagógico

Quadro 10 - Trabalho cooperativo entre o jardim-de-infância e a instituição

Bem-estar das Crianças Institucionalizadas segundo Paulo Delgado
Vivências do passado pode impedir a felicidade Estabilidade familiar seria a solução Encontrar soluções para ultrapassar comportamentos das Crianças Institucionalizadas.

Quadro 11 - Bem-estar das Crianças Institucionalizadas segundo Paulo Delgado

Anexo IV- Gráficos

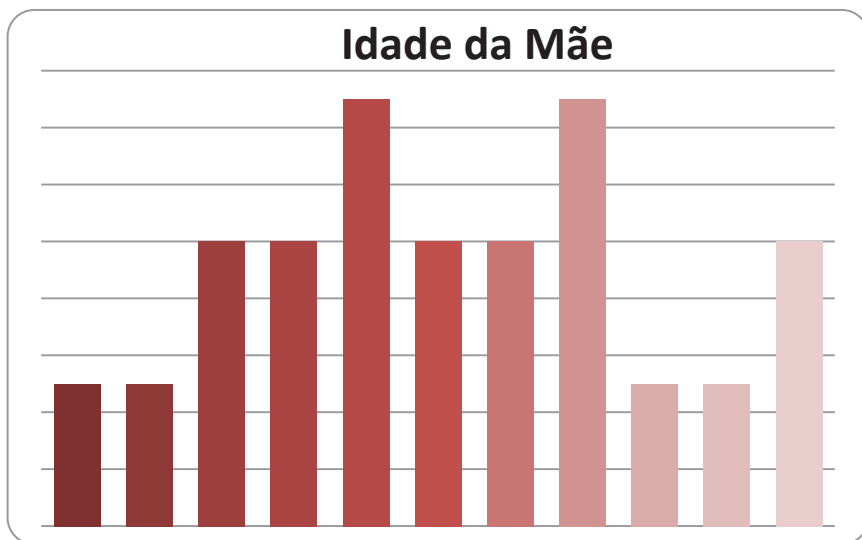


Gráfico nº 1 – Caracterização das famílias segundo a idade da Mãe

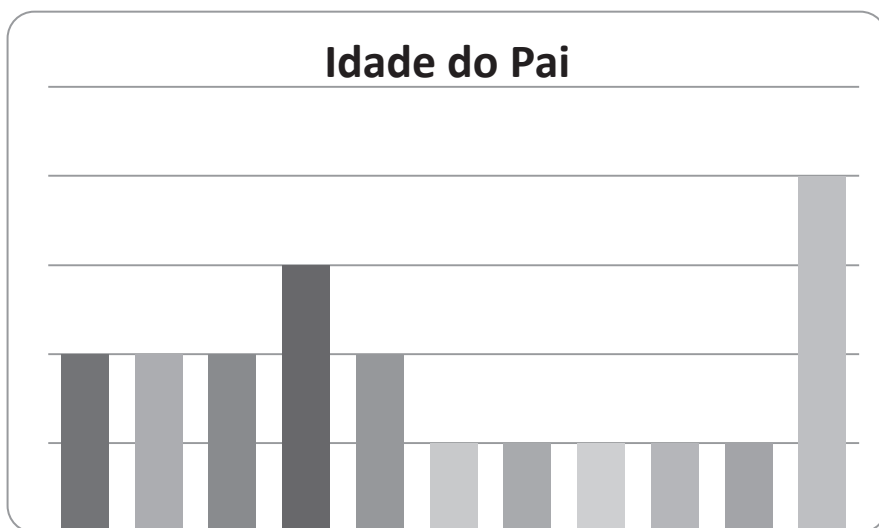


Gráfico nº 2 – Caracterização das famílias segundo a idade do Pai

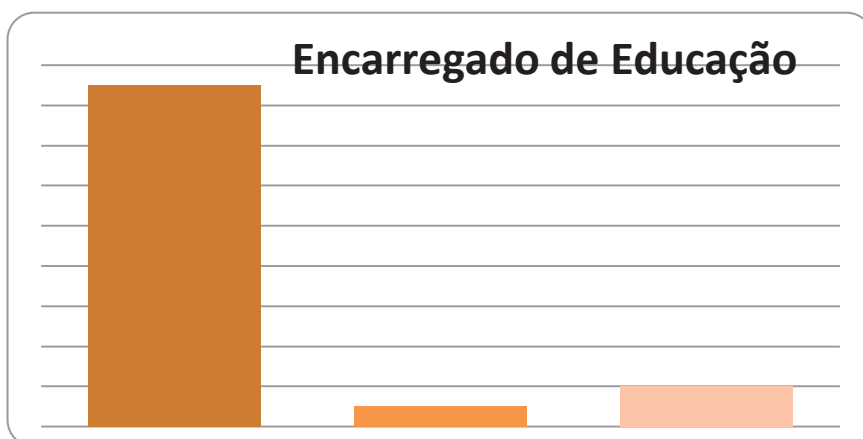


Gráfico nº 3 – Caracterização das famílias segundo o grau de parentesco do Encarregado de Educação

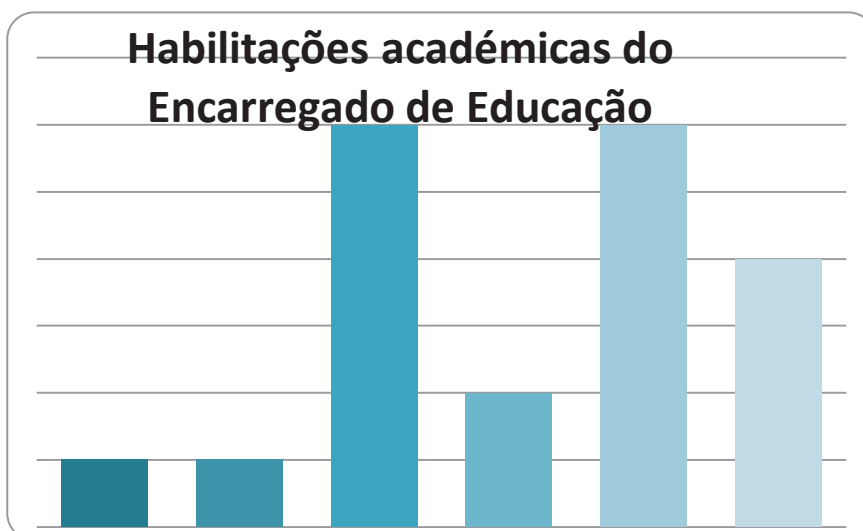


Gráfico nº 4 – Caracterização das famílias segundo as habilitações académicas do Encarregado de Educação

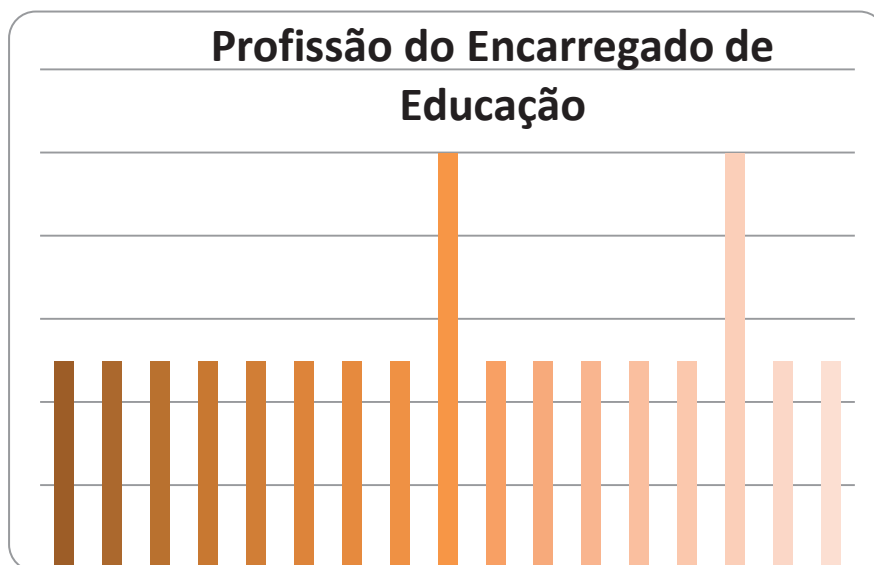


Gráfico nº 5 – Caracterização das famílias segundo a profissão do Encarregado de Educação

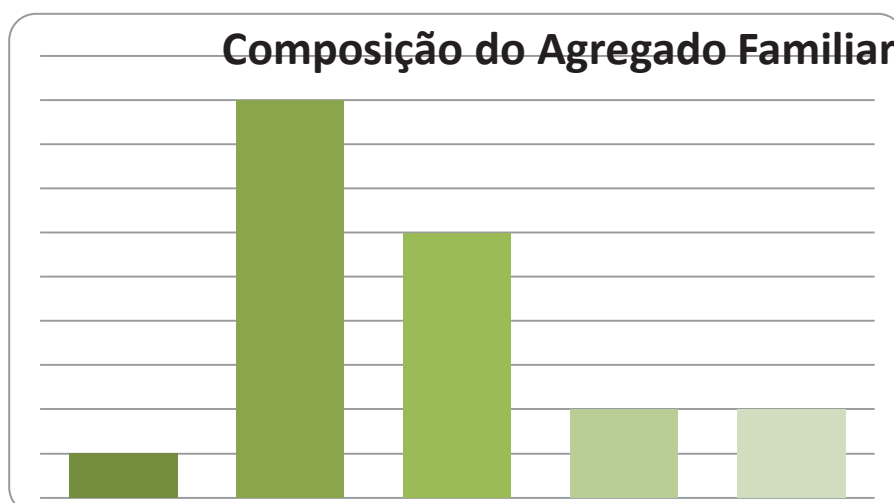


Gráfico nº 6 – Caracterização das famílias segundo a composição do Agregado Familiar

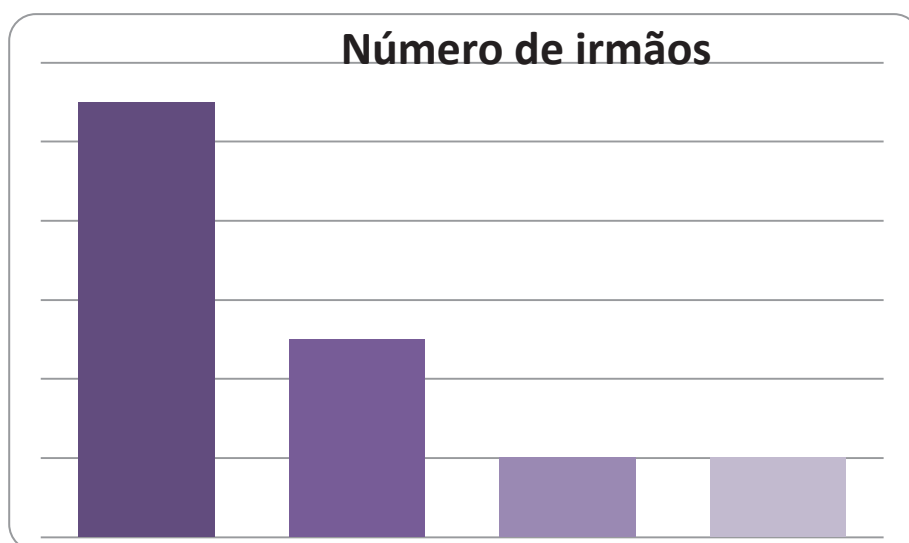


Gráfico nº 7 – Caracterização das famílias quanto ao número de irmãos

Anexo V - Registo de Incidente critico nº 1

Nome da criança: M

Idade: 3 anos

Observadora: Inês (estagiária)

Data: 26.09.2012

Descrição

A criança M encontrava-se no recreio exterior a brincar, enquanto eu e a Dr^a Ivone estávamos a conversar acerca do estágio.

O M vem ter comigo e diz:

“M- Inês anda brincar comigo!

Inês – Já vou, vai lá que já vou ter contigo.

Dr^a Ivone – (dirigindo-se à criança) Como se chama?

M – O A O A....

Inês – Não é A que te chamas, diz à Dr^a Ivone o teu nome!

M – O A ... O A...

Comentário

A criança M não se demonstrou capaz de responder à Dr^a Ivone, mesmo a pergunta ter sido apenas relativa ao seu nome.

O A, é o seu grande amigo. Estes vivem na mesma casa e permanecem grande parte do tempo juntos no jardim-de-infância. A única preocupação do M era saber onde estava o A, não tendo a capacidade de responder ao que lhe estava a ser perguntado.

O sucedido fez com que fosse perceptível a dependência que estas duas crianças têm um do outro.

Anexo VI - Registo de Incidente critico nº 2

Nome da criança: J

Idade: 3 anos

Observadora: Inês (estagiária)

Data: 20.10.2012

Descrição

O J está na casinha com a G e a E. O J pede à G que se deite na cama e começa a trocar-lhe a fralda, e diz ao mesmo tempo:

“Vamos trocar a fralda porque tens o rabinho todo sujo, já sabes que tens que pedir para ir fazer ao pote!”

Comentário

A criança J, que ainda usa fralda para dormir, conseguiu realizar o jogo simbólico daquilo que lhe é dito quando lhe vão mudar a fralda. Assim, a criança demonstrou que sabia e percebia o que tinha que fazer quando tivesse vontade ir à casa-de-banho.

Anexo VII - Registo de incidente crítico nº 3

Nome da criança: V

Idade: 3 anos

Observadora: Inês (Estagiária)

Data: 17.12.2012

Incidente

“ Inês – V sabes fazer o número 3?

V – Sim Inês, é igual a uma gaivota mas de pé”

Comentário

A criança V usa a representação simbólica para associar a representação numérica a uma simbologia que denomina por “gaivota em pé”.

Anexo VIII - Check-list nº 1 – Motricidade Grossa

Criança	Salta de pés juntos	Salta só com um pé
B	X	/
G	X	/
C	/	/
M	/	/
F	X	/
I	X	/
L	/	/
X	X	/
D	/	/
T	X	/
Y	X	/
E	X	X
N	X	/
O	X	/
J	X	/
V	X	X
R	X	/
S	X	X
Z	X	X
A	X	/

Legenda:

X – Consegue executar

/ - Não consegue executar

Anexo IX - Check-list nº 2 – Motricidade Fina

Criança	Pegar na tesoura corretamente	Recortar em linha reta	Desenhar figura humana
B	X	/	/
G	X	/	/
C	/	/	/
M	/	/	/
F	/	/	/
I	X	/	/
L	/	/	/
X	/	/	/
D	/	/	/
T	X	/	X
Y	/	/	/
E	X	X	/
N	/	/	/
O	/	/	/
J	X	/	/
V	X	X	X
R	X	/	/
S	/	/	/
Z	X	/	/
A	/	/	/

Legenda:

X – Consegue executar

/ - Não consegue executar

Anexo X - Check- List nº3 – Representação da Figura Humana

Criança	Desenha a representação da figura humana
B	✓
G	✓
C	✓
M	X
F	✓
I	✓
L	X
X	✓
D	✓
T	✓
Y	✓
E	✓
N	✓
O	✓
J	✓
V	✓
S	✓
Z	✓
A	X

Legenda:

✓ – Consegue executar

X - Não consegue executar

Anexo XI - Incidente critico nº 4

Nome da criança: V

Idade: 3 anos

Observadora: Inês (estagiária)

Data: 5.3.2013

Descrição

Em diálogo com as crianças em grande grupo, a criança V vira-se para a criança J e disse:

“- Sabes eu gosto muito mais do meu pai do que da minha mãe”

Comentário

Com o comentário da criança foi possível verificar a maior proximidade desta criança com o pai, ou seja, o sexo oposto. Sendo normal nas crianças de 3 anos, visto estarem na fase fálica.

Anexo XII - Registo de Incidente Critico nº 5

Nome da criança: T

Idade: 3 anos

Observadora: Inês (estagiária)

Data: 1.11.2012

Descrição

Eu e a Educadora Cooperante da sala estávamos a colocar no placard os meses e datas de aniversários de cada crianças. Quando a criança T se aproxima e, ao ver as letras dos meses do ano começa a enunciar:

“Este mês tem o Me de Mafalda e de Mamã”

“Este mês tem o Je de João”

Comentário

A criança T demonstrou já ter uma perceção do nome de algumas letras e de palavras diferentes que contenham esta mesma letra.

Foi uma total surpresa para mim e para a Educadora, pois nunca tinha sido perceptível este saber da criança em questão. Visto que esta nunca demonstrou interesse em realizar a escrita do seu nome.

Anexo XIII – Registos Fotográficos Intervenção ao nível do Refeitório

Fotografia 1 – Manequim que representa cozinheira



Fotografia 2 – Quadro de avaliação de comportamento



AnexoXIV – Registos Fotográficos Intervenção ao nível do Recreio

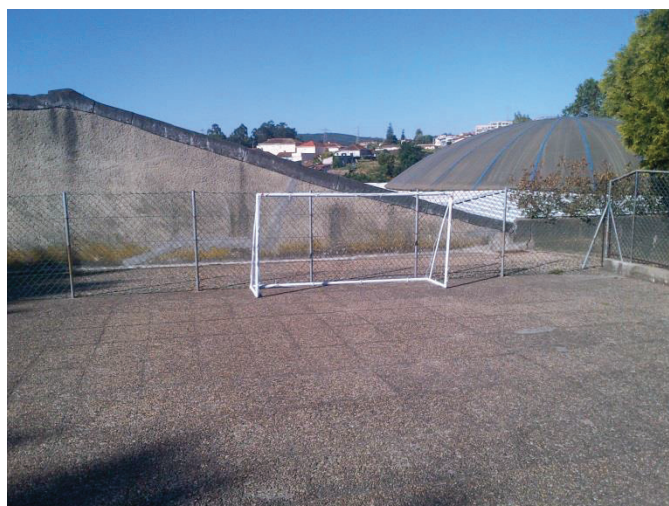
Fotografia 1 – Acerta no Buraco



Fotografia 2 – Caixa de Areia



Fotografia 3 – Balizas de Futebol



AneXO XV – Registos Fotográficos a nível da prática pedagógica

Fotografia 1 – Formação conjuntos de legumes



Fotografia 2 – Maracas construídas pelas crianças



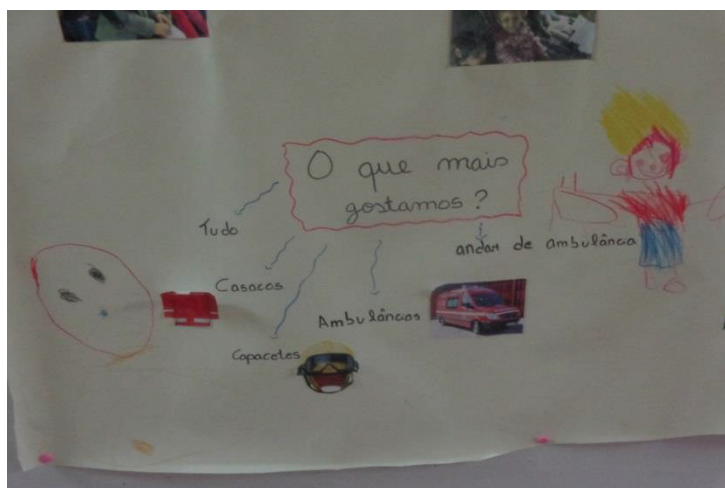
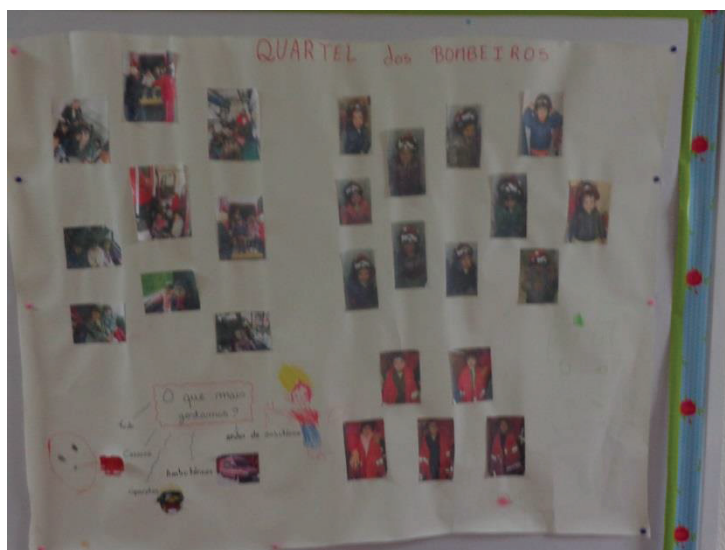
Fotografia 3 – Desenhar ao som da música



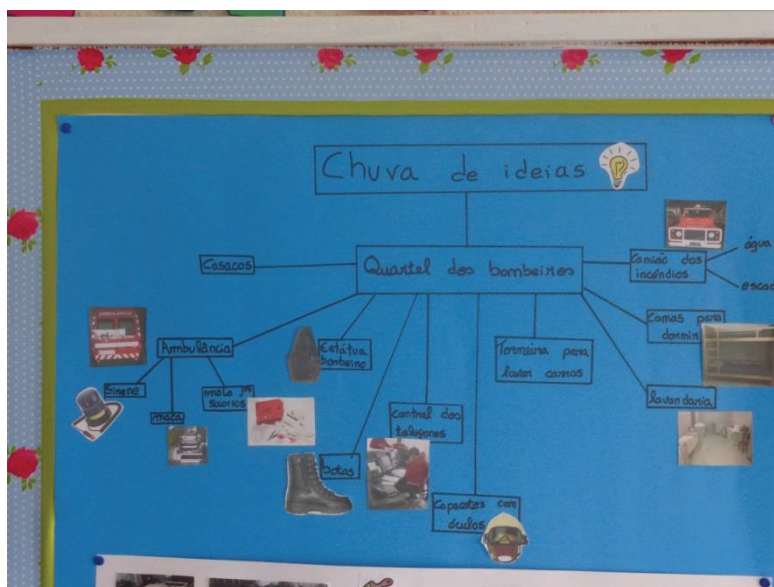
Fotografia 4 – Apresentação do instrumento violino



Fotografia 5 e 6 – Registo visita ao “Quartel dos Bombeiros”



Fotografia 7 – Chuva de Ideias



Fotografia 8 – Base de Madeira para ambulância



Fotografia 9 – Sirene ambulância



Fotografia 10 e 11 – Registo finalidade dos capacetes



Fotografia 12 – Dispositivo pedagógico inicialmente



Fotografia 13 – Dispositivo pedagógico finalizado



Fotografia 14 – Coração crianças institucionalizadas



Anexo XVI Realização da Sopa de Nabos

Data de realização: 26.10.2012

Intenções Pedagógicas

- Desenvolver a noção de quantidade
- Promover o conhecimento dos diferentes legumes
- Desenvolver o sentido tátil
- Promover uma alimentação saudável
- Promover o envolvimento Parental

Crianças implicadas nesta realização : Todas as crianças da sala dos 3 anos

Recursos Materiais: Legumes, panela, faca, bacia, plástico grande, água, sal, azeite.

Descrição

No dia 19 de Outubro, foi elaborada a hora do conto com a história “O nabo Gigante”, onde as crianças demonstraram uma grande curiosidade por verem, analisarem e explorarem o legume “nabo”. Porém, não existia nenhum na instituição naquele mesmo dia. Sendo que, surgiu assim a ideia da realização de uma sopa de nabos, numa perspetiva de as crianças não ficarem só a conhecer os nabos mas todos os outros legumes que pode conter numa sopa.

Para uma melhor organização da realização desta sopa, foi pedida a colaboração dos pais para a recolha de legumes. Para isto, foram distribuídos os legumes pelas crianças e as quantidades necessárias.

Desta forma, foram pedidos para a elaboração da sopa os seguintes legumes, cenouras, cebolas, batatas, xuxu, abóbora, nabos, couve-flor, couve coração, espinafres e alho francês.

Antecedendo a realização da sopa especificamente, as crianças apresentaram aos amigos os legumes que trouxeram de casa e foi realizada a formação de conjuntos dos diferentes legumes. Desta forma, foi aproveitada a ocasião para não só trabalhar os novos conhecimentos acerca dos legumes, mas também para fazer uma abordagem à matemática.

Desta forma, as crianças após a apresentação do que trouxeram iam colocando no centro da roda, em cima de um plástico os legumes, fazendo os diferentes conjuntos. Após esta realização foi dado início à contagem dos legumes de cada conjunto.

Numa perspetiva de as crianças terem um papel ativo na realização desta sopa, foram realizados pequenos grupos, constituídos por quatro crianças, que se deslocavam à vez para o refeitório, onde estava a proceder-se à realização da sopa.

Assim, cada criança teve a oportunidade de ver, apalpar e analisar cada legume que estava a ser descascado e cortado pelos adultos.

Após as crianças terem colocado todos os legumes cortados na panela da sopa, esta foi levada pela auxiliar de educação para a copa, onde ficou a cozer.

Nesse mesmo dia, as crianças tiveram a oportunidade de comer a sopa que realizaram.

Avaliação

Esta atividade demonstrou ser de grande motivação e bastante benéfica para as crianças.

Assim, o facto de serem as crianças a trazerem de casa os legumes e serem eles a apresentarem aos amigos o que trouxeram, fez com que se mostrassem mais participativos, motivados e entusiasmados com esta realização.

A realização de pequenos grupos demonstrou ser uma técnica benéfica para a participação de todas as crianças nesta realização, uma vez que todas as crianças tiveram o contacto tátil com os legumes apesar de possuírem diferentes papéis nesta realização.

Foi possível verificar uma grande alegria por parte das crianças na hora do almoço, quando chegaram à mesa e constataram que iriam comer a sopa que fizeram. Após terem provado, existiram vários comentários dos quais o mais comum foi “A nossa sopa está muito boa”.

Considero que todos os objetivos pretendidos para a atividade foram cumpridos.

Anexo XVII - Projeto Lúdico – Quartel dos Bombeiros

Data de início: 21.3.2013

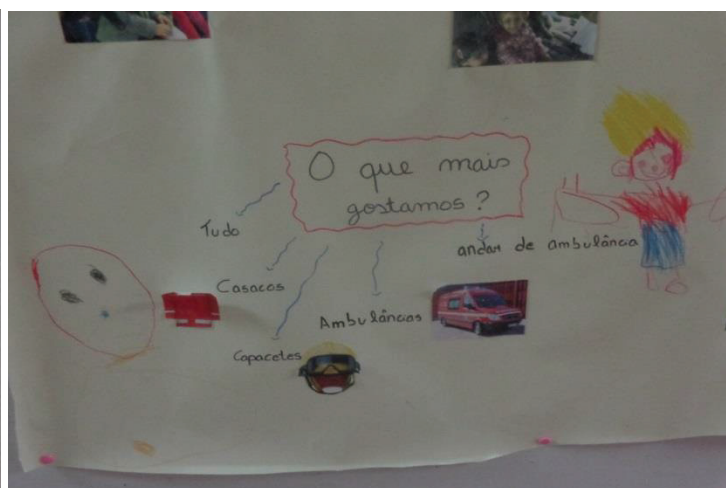
Motivação – Intrínseca

No dia 15 de Março de 2013 foi planificada uma visita ao novo Quartel de Bombeiros de Santo Tirso. Esta visita deu-se por convite de uma mãe, bombeira voluntária neste mesmo quartel.

A visita demonstrou ser altamente motivadora para as crianças, foi-lhes permitido não só a visualização de muitos instrumentos de bombeiros como a experimentação dos mesmos.

Desta forma, na semana que se seguiu foi realizado o registo da visita realizada, onde as crianças quiseram colocar todas as fotografias tiradas nesta visita e foi-lhes perguntado o que eles mais tinham gostado na visita, desenvolvendo assim a capacidade de memorização de cada criança.

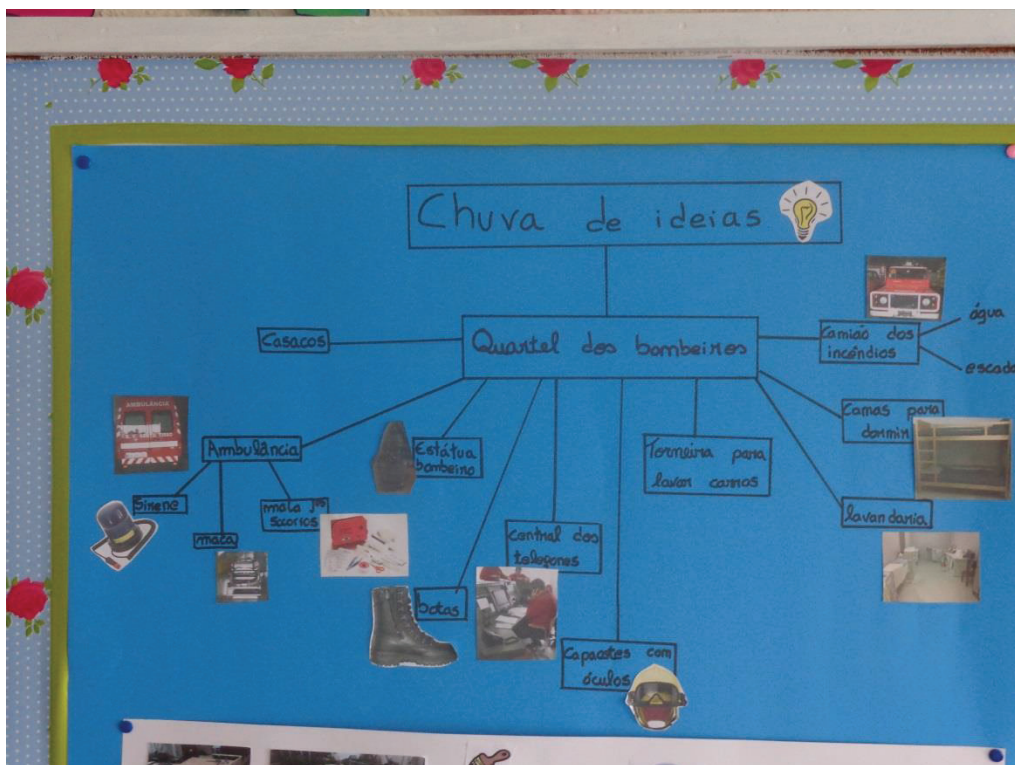
Por conseguinte, no dia a seguir a este registo, as crianças começaram a demonstrar uma enorme motivação, um interesse imenso e um grande desejo em construir um quartel de bombeiros na nossa sala, parecido com o que tinha visto naquela visita.



Planificação

Com todo este interesse e motivação por parte das crianças, foi desde logo construído com eles uma chuva de ideias em relação a tudo o que queriam fazer.

Assim, as crianças todas tiveram a oportunidade de dizer o que gostavam de construir, dando sugestões como: ambulância com sirene, maca e mala de primeiros socorros; camas para dormir (beliche); capacetes com óculos; casacos; lavandaria; camião dos incêndios com água, escadas e mangueira; botas; estátua de um bombeiro; e por fim, a central dos telefones.



Execução

Etapa – Elaboração dos capacetes e óculos

Capacetes

Na visita realizada ao Quartel, todas as crianças tiveram a oportunidade de experimentar os capacetes que os bombeiros levam para os incêndios. Deste modo, as crianças ao realizarem a chuva de ideias enumeraram este aspeto como o que gostariam de fazer para a sala também.

Assim, ao dialogar com as crianças acerca do como iríamos realizar os capacetes estes disseram que gostavam de fazer um capacete vermelho e outro amarelo. Assim, foram realizados estes dois capacetes com um balão, jornal e cola branca sendo posteriormente cada um pintado das cores correspondentes.

Muito além do desenvolvimento da motricidade fina e da precisão manual que esta realização provocou, é de salientar que as crianças apreenderam a diferença entre estes capacetes sendo “o capacete amarelo para o fogo em casa” e “o capacete vermelho para os bombeiros levarem para o fogo no monte”. Sendo que as diferenças se fazem ver também nas brincadeiras que as crianças têm ao longo do dia dizendo “vou apagar o fogo no monte”, estando respetivamente com o capacete vermelho.

Uma vez que estavam a ser abordados os capacetes dos bombeiros, foi dialogado com as crianças o facto de usarem capacetes noutras situações. Assim, concluiu-se que grande parte das crianças usa capacete ao andar de bicicleta, apesar de alguns não usarem. Desta forma, foi feito um apelo as crianças para a importância do uso do capacete, joelheiras e cotoveleiras.

Crianças implicadas na realização: E, N, F, V, H e M





Óculos

Os óculos que estão inseridos nos capacetes dos bombeiros, têm a função de “proteger os olhos do fumo” e por isso também foram realizados logo após os capacetes. Estes foram elaborados com cartolina, papel de acetato e elástico preto. Com a ajuda da educadora desenharam o formato dos óculos, colaram o papel de acetato como forma de simbolizar o vidro dos óculos e após isso foram cortados e agrafados os elásticos aos óculos. Ao mesmo tempo que se dava a realização dos capacetes com um pequeno grupo, estava outro na realização da ambulância.

Perante toda a proteção que os bombeiros usam, foi abordado com as crianças a segurança também quando eles próprios estão a andar de bicicleta. Para iniciar falou-se da proteção existente (capacete, cotoveleiras e joelheiras), após isto quem tinha bicicleta uma vez que todos tinham foi elaborado um gráfico de barras de quem usa ou não pelo menos o capacete. As crianças identificaram rapidamente qual era a barra maior dizendo “existem mais meninos a usar capacetes”.

Crianças implicadas na realização: T, B, I, J, O e Z





Etapa – Fardas de bombeiros

Uma vez que a instituição apresenta recursos aos variados níveis, foi pedido à costureira que lhes fizesse as fardas, para tal, em pequeno grupo dirigiram-se à costureira e explicaram como eram as roupas dos bombeiros.



Etapa – Elaboração da ambulância

Ao iniciar o projeto, as crianças demonstraram um grande interesse na ambulância, tendo definido até como prioridade esta construção. As crianças propuseram fazer em madeira e como “não conseguimos pedimos a um senhor para nos ajudar a fazer”.

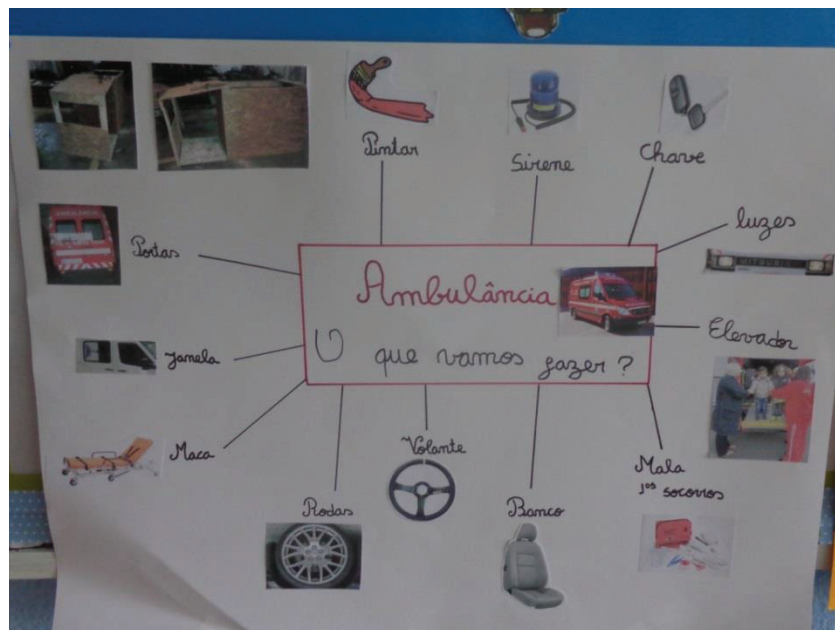
Assim, recorri a um carpinteiro com o intuito de me fazer uma base de ambulância para posteriormente as crianças elaborarem tudo o que advém neste meio de transporte.



Base de madeira realizada pelo Carpinteiro

Ao ver esta base de madeira, todo o grupo ficou radiante, querendo logo decidir o que iria ser feito para tornar esta ambulância o mais real possível.

Desta forma, na chuva de ideias inicial do projeto, apenas queriam ter na ambulância uma sirene, uma maca e uma mala de primeiros socorros. No entanto, após verem e explorarem a ambulância surgiram várias ideias, tais como: portas de lado e atrás com janelas, volante, acentos, maca, mala primeiros socorros, sirene, luzes, rodas, elevador, chaves e por fim, pintar toda de vermelho.



Pintura da ambulância

Na visita ao quartel dos bombeiros, foi possível visualizar várias ambulâncias apresentando cada uma características diferentes. Desta forma, as crianças escolheram que a ambulância deste quartel na sala seria vermelha com as letras brancas. Uma vez decidida a cor que iria ser pintada, levantou-se a questão de “quem vai fazer”. Neste momento, instalou-se uma grande confusão pois todas as crianças manifestavam entusiasmo nesta mesma pintura, uma vez que é “a ambulância da nossa sala e todos querem pintar”. Então, foi acordado entre adultos e crianças que todos iriam pintar um bocadinho da ambulância uma vez que esta suporta dimensões extensas.

Após ter sido decidido, era necessário arranjar pinceis adequadas para a pintura desta mesma ambulância, para isto comprei duas trinchas, uma vez eu iam pintar duas crianças de cada vez.

Enquanto duas crianças pintavam foi possível assistir a uma conversa entre duas crianças em que estas por terem duas trinchas e não os pinceis habituais estavam a encarar o papel de pintoras.

Registo de incidente crítico

Crianças: G, E

Idade: 3

Data: 3.4.2013

Observadora: Estagiaria

Descrição

“G- Temos estes pinceis por isso somos uma pintadoras.

E – Pintoras, não é pintadoras G”

Comentário

A criança G através das trincha associou logo à profissão de pintor, uma vez que se encontravam com um objeto que permitiu o jogo do faz-de-conta”

A criança E conseguiu corrigir a criança G pelo erro dado na palavra “pintadoras”.



Após a ambulância estar toda pintada de vermelho, foi pintada uma faixa branca de cada lado da ambulância, onde eu delimitei, risquei uma linha em cima e outra em baixo e as crianças pintaram entre estas delimitações. Foi nítida a diferença entre estas duas crianças na pintura delimitada, a criança com 2 anos de idade apresentou mais dificuldade saindo por vezes fora do risco que estava a delimitar o que já não se verificou com a criança de 3 anos.



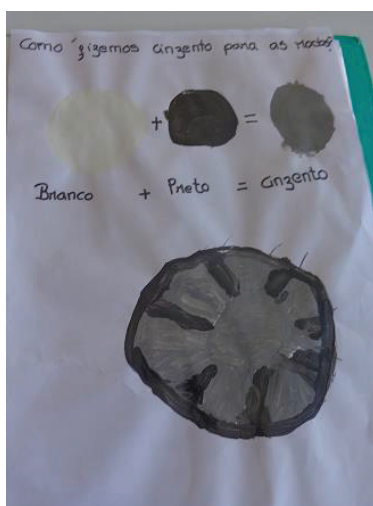
Construção das rodas

Para a construção das rodas, as crianças propuseram desenhar um círculo em cartolina preta e cortar, e posteriormente pintar de cinzento para fazer de jantes. Foram assim elaboradas quatro rodas para a ambulância.

As rodas foram construídas em pequeno grupo, sendo constituído por 3 crianças. Estas ao se deparar com o ter que desenhar um círculo, deram a ideia de pegar na “tampa do cesto dos chapéus” que é grande e tem a forma circular.

Após a cortagem dos círculos, quando chegou a hora de pintar a instituição não tinha tinta cinzenta, tendo sido assim levantada a questão de como fazer cinzento com outras tintas. Recorremos à experimentação de junção de várias tintas propostas por eles, até chegarmos ao preto e branco. As crianças ficaram espantadas e foram chamar os restantes colegas para partilhar a nova descoberta feita. Assim, foi trabalhada a área do conhecimento do mundo (a experimentação da junção das cores) e ainda, noções matemáticas quando ao registar esta descoberta foi colocado (preto + branco = cinzento).

Crianças implicadas na realização: G, F e Z



Construção das portas

Quando se ia dar a construção das portas da ambulância, foi dado início ao estágio de 3º ano de Licenciatura em Educação Básica da ESEPF, tendo esta que se envolver no projeto uma vez que a motivação das crianças é enorme.

Assim, para a construção das portas foi planejado com as crianças “o que vamos fazer?”, “como vamos fazer?” e “quem vai fazer?”. Neste momento, as crianças decidiram que as portas deveriam ser feitas em cartão e pintadas de vermelho. Assim se deu início à realização das mesmas.

Após estarem realizadas foram colocadas no sítio e as crianças começaram a utilizar. Porém, como a ambulância é uma área bastante frequentada pelas crianças as portas rasgaram uma vez que foram feitas em cartão e não apresentavam resistência.

O grupo foi reunido uma vez que existia um problema para resolver, desenvolvendo assim a capacidade de resolução de problemas. Ao falar com as crianças elas afirmaram que as portas de cartão não davam porque se rasgavam e a única solução seria “pedir aos senhores que fizeram a ambulância um bocadinho de madeira”, eu disse que então ia efetuar o pedido.

A madeira apareceu na sala e deu-se início outra vez à pintura das portas desta vez num material mais resistente, madeira.

As portas de trás da ambulância foram realizadas em pano, uma vez que as crianças disseram “podíamos fazer igual à da casinha em pano”.





Crianças implicadas na realização: C, N, A e V

Poema Bombeiro

“Sou amigo de ajudar
E gosto da natureza
Que profissão vou escolher?
Ser bombeiro com certeza.

Gostava de ser bombeiro
E para isso vou estudar
Não julguem que o bombeiro
É só toca a apagar.

Vou a casa, vou ao mar,
E corro se for preciso,
Menino vou-te ajudar
E sempre com um sorriso.”

Uma vez que a motivação das crianças é tal para tudo o que seja relacionado com bombeiros, levei para a sala o poema dos bombeiros acima escrito.

Numa primeira fase, li o poema todo sozinha e posteriormente as crianças começaram a repetir frase a frase comigo, apelando assim a capacidade de memorização. Ainda foi realizado um pictograma com as crianças como forma de registo deste poema.

Nesta mesma tarde, foi abordado este poema como forma de canção para uma mais fácil memorização por parte das crianças, para tal foi acrescentado ao poema uma última frase “Não há, há, há Bombeiro como eu”, utilizando assim de fundo o ritmo da música “Não há estrelas no céu” de Rui Veloso.

Foi notório logo de imediato que as crianças começaram a decorar muito mais facilmente a canção e a partir deste momento era a música que o grupo pedia sempre para cantar em momentos de transição.

Numa perspetiva de fazer a ponte entre o projeto de sala e a festa de final de ano, esta música vai fazer parte da mesma. Para isso, vai ser realizada a dramatização de um acidente de carros em que os bombeiros vão cuidar dos feridos depois de uma criança ligar para o 112. O teatro acaba com as crianças a cantar esta canção.

Palavra ambulância

Uma vez as ambulâncias têm a palavra ambulância escrita ao contrário na parte da frente para que os carros que vão a sua frente, ao verem pelo retrovisor vejam a palavra ambulância escrita corretamente, a educadora cooperante e a estagiária acharam de extrema importância abordar este tema com as crianças.

Para tal, foram levadas fotografias diferentes da parte da frente da ambulância e da parte de trás. Foram mostradas às crianças questionando-as se existia alguma diferença. Após ter explicado o porque, as crianças dirigiram-se comigo à casinha em grupos pequenos para vermos o efeito no espelho. Assim, foram também abordados os retrovisores e a sua função.

Para a escrita da palavra ambulância foram levadas as letras já recortadas em papel autocolante branco, onde as crianças com a fotografia de uma ambulância a beira coloram as letras pela respetiva ordem.

Uma vez que o grupo é constituído por crianças de 3 anos, denotou-se uma dificuldade por parte das crianças, sendo que esta questão mexe com a lateralidade das mesmas.



Elaboração dos retrovisores

Anteriormente a esta etapa, elaboração dos retrovisores, deu-se a escrita da palavra ambulância na parte da frente da mesma. Assim ao explicar o porque de “ambulância” estar escrito ao contrário na parte da frente foram abordados os retrovisores. Assim, quando foi questionado qual seria a etapa seguinte a fazer a maioria deu prioridade aos retrovisores.

Para tal, foi levada uma fotografia de um tamanho consideravelmente grande para que estes efetuassem a contagem dos retrovisores, até que chegaram ao 3 (2 fora da ambulância e 1 dentro).

Para efetuar estes retrovisores foi dado às crianças a cartolina espelhada para fazer de espelho onde, após isto foram aos materiais recicláveis ver o que existia para poderem construir uns. Aqui encontraram pacotes de leite e decidiram que seria para o de dentro “porque parece um retângulo” e outras duas “que são um quadrado para fora”.

Com o auxílio do adulto, chegaram a conclusão que tinham que colocar algo a unir a caixa à ambulância, onde em conjunto chegamos aos rolos de papel higiénico.



Mala Primeiros Socorros

Para a introdução da mala de primeiros socorros na ambulância, procedi ao convite a um bombeiro para vir explicar "O que fazer quando nos aleijamos?".

Anteriormente À chegada do bombeiro, tive a mostrar os elementos que compõem uma mala de primeiros socorros (compressas, ligaduras, pensos, soro e fita adesiva). O bombeiro explicou como se deve limpar uma ferida e o que devemos fazer dependendo o tamanho da mesma. A atividade foi de grande entusiasmo para as crianças visto que o bombeiro tentou sempre mante-las ocupadas, dando uma função a cada uma. Uns eram os aleijados, outros os que limpavam a ferida, outros colocavam o penso e assim sucessivamente.

Para além de tudo isto, o bombeiro abordou-os ainda com o número de emergência médica e apelou-lhes que não podemos brincar com este número, só mesmo quando é realmente uma emergência.

As crianças da sala após o bombeiro ter explicado tudo no polivalente quiseram leva-lo até a sala para mostrar a ambulância, fatos de bombeiro e capacetes. Quando este ia embora, o grupo começou a cantar a música do Bombeiro, acima descrita.

Após toda esta explicação e toda a envolvência das crianças, em pequeno grupo foi realizado o registo das aprendizagens efetuadas, onde foi demonstrado o total domínio do assunto, perante o que o bombeiro ensinou.

Assim concluo o quão importante foi a realização desta atividade, uma vez que lhes trouxe aprendizagens bastante significativas.



Crianças implicadas na realização: Todo o grupo da sala dos 3 anos

Divisão da mala de primeiros socorros

Uma vez que as crianças depois de brincarem com a mala de primeiros socorros colocam tudo lá dentro sem ter o mínimo de cuidado a arrumar, pensei ser pertinente ter uma conversa com eles com vista a resolver este problema.

Para tal, em pequeno grupo formamos os vários conjuntos dos diferentes constituintes da mala de primeiros socorros, abordado assim o conceito de conjunto menor e maior.

Após a formação dos conjuntos falei com as crianças onde chegaram à conclusão que podíamos fazer como está na nossa caixa das colagens (dividido em várias partes), onde lhes perguntei de que eram feitas aquelas divisórias, estes disseram em madeira e eu perguntei se tínhamos madeira na nossa sala para podermos fazer igual. Eles de imediato disseram que não mas para solucionarem disseram “podemos então fazer em cartão”.

Com o problema resolvido, contamos quantos elementos diferentes existem na caixa para fazermos o mesmo número de divisórias. Uma vez que é complexo para as crianças logicamente tiveram a ajuda do adulto.

Maca

A maca foi apresentada às crianças uma vez que era muito difícil que estes fizessem algo para que esta fosse resistente ao peso dos mesmo. Então, visto que era algo fulcral na nossa ambulância eu levei já feita e fiz-lhes uma surpresa.

A estagiária e a Educadora Cooperante proporcionamos-lhes momentos de verdadeira animação deixando-os experimentar deitar-se em cima da maca e andar pela instituição.



Volante

No que diz respeito ao volante, ao falar com a Educadora pensamos que o melhor seria que o volante rodasse mesmo como um a serio. Fomos falando com as crianças para se juntos encontraríamos uma solução.

Um dia, uma mãe ao ir usar a filha à sala para ir embora viu a ambulância e em conversa com a educadora disse que nos podia fornecer um volante de uma carro que tinha em casa. Denotou-se um interesse e dedicação por parte da mãe.

O volante veio mas não existia qualquer suporte para o colocar, mas a mãe de outra criança quando o viu e nós expusemos o nosso problema, prontificou-se logo a leva-lo para casa para o pai da criança arranjar um suporte e coloca-lo de forma a rodar.

Assim foi, o volante colocou-se na ambulância e foi uma grande alegria para as crianças. “Temos um volante a serio”, “A minha mãe é que deu o volante”, “ O meu pai é que o arranjou”, “Isto é mesmo fixe” foram algumas das frases possíveis de ouvir neste momento.

O volante não foi uma etapa realizada pelas crianças, mas sim pelos pais das mesmas. Foi um verdadeiro momento de envolvimento parental onde nada foi solicitado, pelo contrário, os pais é que se prontificaram a esta ajuda essencial.

Apesar de o material ser bastante resistente, as crianças danificaram o material com todo o uso que lhe dão. Como solução levamos o volante ao carpinteiro da instituição para o arranjar.

Divulgação

Ao terminar o ano foi dado lugar à divulgação do projeto decorrente na sala dos 3 anos. Para esta divulgação realizou-se uma exposição que se realizou no recreio exterior coberto da instituição devido a condições climatéricas. Foi escolhido pelas crianças que a exposição fosse no recreio exterior para que os pais/encarregados de educação pudessem ver melhor e para “os meninos das outras salas puderem brincar na nossa ambulância”. Uma vez que estava chuva, deu-se no recreio exterior coberto.

Os convites foram realizados pelas crianças tanto os que levaram para casa como os que foram entregues às salas de pré-escolar.

As crianças estavam ansiosas e fascinadas com o facto de irem mostrar todo o seu trabalho à comunidade educativa. No que se refere à visita da sala dos 4 anos, todas as crianças desta sala demonstraram um grande entusiasmo para experimentar a ambulância. Apesar de esta ser a grande motivação, como é possível verificar nas fotografias existiram crianças a ver os livros dos bombeiros, a brincar com a maca e mala de primeiros socorros. Foi possível ouvir por parte das crianças “isto é mesmo fixe”; “Gosto mesmo desta ambulância, esta muito gira”; “o volante roda mesmo apreço a serio”. Depois de brincarem e explorarem as crianças foram levadas para a sala para que se desse início à visita dos pais/encarregados de educação da sala dos 3 anos.

Estes demonstraram estar bastante recetivos a esta iniciativa tendo aparecido quase todos os pais/encarregados de educação das crianças. Cada criança ia mostrando aos seus respetivos pais/encarregados de educação o que tinham realizado através dos registos realizados pelos mesmos. Denotou-se uma postura por parte destes adultos não só de visualização da exposição mas também explorar, investigar e brincar neste espaço com cada um dos seus filhos.

Deixei ao dispor um caderno para que os pais pudessem dar a opinião de todo o projeto, do seu desenvolvimento, da motivação do seu próprio educando, entre outras coisas, onde apenas 4 pais/encarregados de educação escreveram.

Uma vez que a exposição se encontrava no recreio exterior coberto sendo este um ponto de passagem para ir buscar os filhos, os pais das outras salas visitavam a exposição e felicitavam toda a sala dos 3 anos pelo projeto de sala e por todos os resultados conseguidos. Onde uma mãe disse “Esta ambulância está fenomenal, deve ter sido fantástico para eles trabalharem. Mas muito além disso, tudo o que está exposto demonstra as várias aprendizagens que eles tiveram com o projeto de sala.”

Evidências
- Exposição



“Era uma vez a sala dos 3 anos que foi visitar o quartel dos bombeiros...”



“Cantinho dos livros dos bombeiros”



A maca e a mala de primeiros socorros



Chuva de ideias inicial



Farda do bombeiro da sala dos 3 anos e registo da m+usica “o bombeiro”





Capacetes



Convites às outras salas do pré-escolar



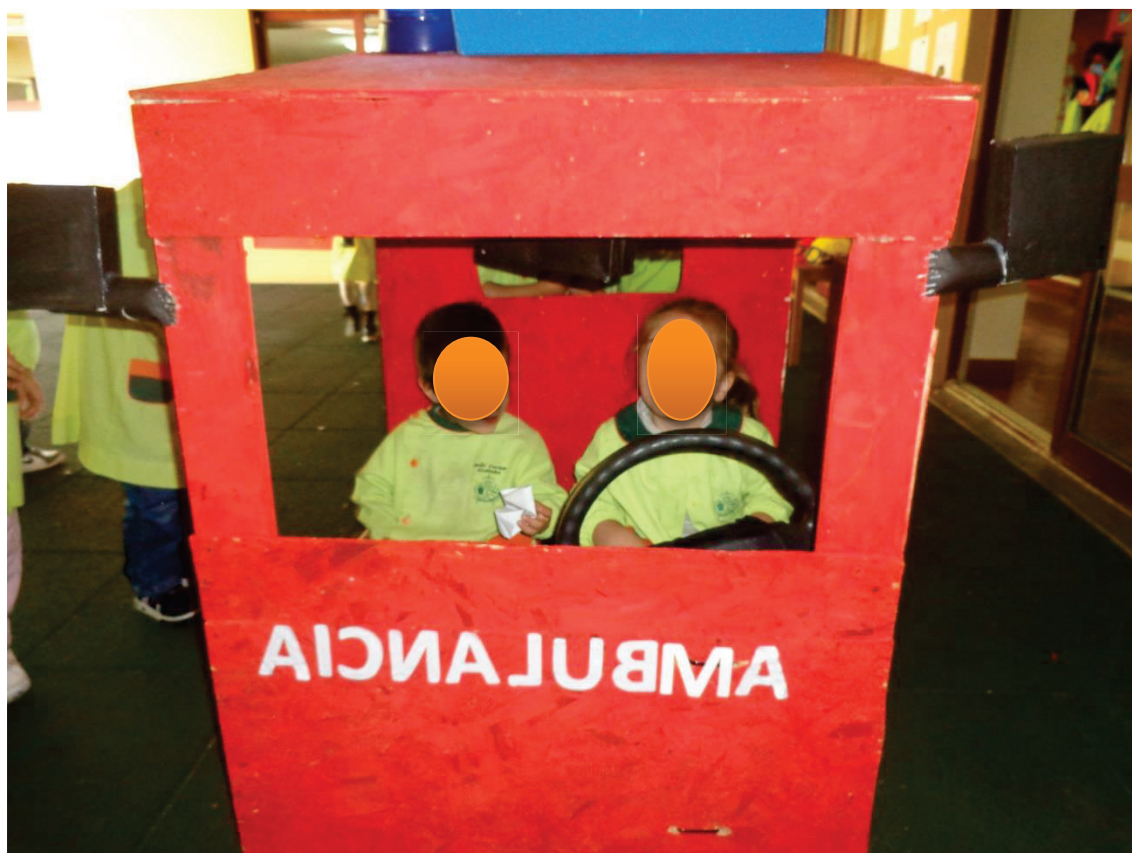
Sala 4 anos



y

Sala 5 anos

Visita da sala dos 4 anos







Envolvimento dos pais







Avaliação

O projeto lúdico vivido no 2º semestre com as crianças da sala dos 3 anos demonstrou ser muito significativo para todas as crianças, pais/encarregados de educação e até mesmo comunidade educativa.

As crianças ao definirem as prioridades de realização, foi escolhido pela maioria das crianças a ambulância. Uma vez que esta não seria possível elaborar sem ser em madeira arranjei forma de arranjar uma estrutura resistente. Considero que neste parâmetro consegui responder aos interesses e motivação das crianças. Ao verem a ambulância na sala, foi extremamente compensador e ainda de maior motivação para as crianças. Cada vez mais ia crescendo e a vontade de continuar aumentando.

Ao longo do projeto foram abordadas as várias áreas de conteúdo que nos referem as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar e as Metas de aprendizagem. A estagiária e a Educadora Cooperante tentaram sempre inculcar-lhes os valores inerentes aos bombeiros; enriquecer as aprendizagens através dos erros, não lhes fornecendo as respostas; abordar temas relacionados com os bombeiros e ao mesmo tempo do quotidiano deles; entre muitas outras coisas. As crianças e adultos da sala dos 3 anos ficaram com conhecimentos acerca de um quartel de bombeiros e aos próprios bombeiros.

Um projeto lúdico é mesmo isto, aprender sobre algo que lhes interesse, motive e abordar todos os conceitos inerentes a determinados assuntos. Estas crianças efetuaram aprendizagens que muitos adultos não sabem, sendo isto comentado pelos pais/encarregados de educação com a estagiária e educadora cooperante.

Considero que o projeto seguiu as etapas que o trabalho de projeto deve seguir. Todo este se deu pela motivação das crianças e não por nada imposto pelo adulto. Os adultos da sala tentaram sempre responder as necessidades e interesses destas crianças fazendo com que tudo fosse possível.